

B I B I S A N T O S

OMUNDO
DE *Alice*



B I B I S A N T O S

OMUNDO
DE
Alice

Copyright © 2018 Bibi Santos

Capa: Jessica Gomes

Revisão: Sara Ester

Diagramação Digital: Sara Ester

Esta é uma obra ficcional.

Qualquer semelhança entre nomes, locais ou fatos da vida real é mera coincidência.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem a autorização por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

PREFÁCIO

Para você que vai começar a ler: O mundo de Alice, eu queria agradecer imensamente pela chance que dará ao livro. Queria dizer que esse foi o começo de tudo, foi o primeiro livro que escrevi. Aqui, eu pude falar da minha terra e falar de amor, duas coisas que amo: Bahia e livros de romance.

Sou uma leitora compulsiva, venho da época dos livros de banca de jornal, e amo, devo muitos a todos eles. Entretanto, eu nem sempre ficava feliz em como o livro estava sendo conduzido (faz parte) e um dia li uma frase que dizia: “*Não critique livros, mas escreva livros melhores*” neste dia, eu decidi que escreveria um livro e daria um final do meu jeito.

Nasceu: O Mundo de Alice. Uma comédia romântica, mas que engavetei por anos, só agora resolvi mostrar ao mundo, depois de ter escrito vários outros livros.

Espero que Alice divirta você com a mesma intensidade de como foi para eu escrevê-lo. Ela me ajudou muito em um momento bem complicado da minha vida, me alegrou e me fez rir, em momentos que desejava chorar, ela tem esse poder mágico de arrancar gargalhadas em momentos inoportunos.

Então, boa leitura, e sejam felizes!

Grandes beijos

Bibi Santos

Sumário

PREFÁCIO

Sumário

Capítulo um

Como tudo começou

Capítulo dois

Alice numa fria

Capítulo três

E agora Alice?

Capítulo quatro

Alice encantada.

Capítulo cinco

Júlio Cesar

Capítulo seis

Alice perdeu o coração.

Capítulo sete

Capítulo oito

Alice

Capítulo nove

Júlio Cesar.

Capítulo dez

Alice promovida.

Júlio Cesar

Júlio Cesar

Júlio Cesar

Capítulo onze

Alice decidida.

Capítulo doze

Alice arrasada.

Júlio Cesar.

Capítulo treze

Alice arrasada/ parte 02

Júlio Cesar

Capítulo quatorze

Alice sequestrada.

Júlio Cesar

Capítulo quinze

Surpresas para Alice.

Júlio Cesar.

Capítulo dezesseis

Alice em fuga

Júlio Cesar

Capítulo dezessete

Alice Heroína

Júlio Cesar

Capítulo dezoito

Alice vai casar

Júlio Cesar.

Alice

Epílogo

Um ano depois

FIM

Capítulo um

Como tudo começou

Têm dias que tudo que você deseja é sua cama de volta; ninguém merece acordar as cinco da manhã com o telefonema do chefe pedindo para que você chegue antes de sete. Às vezes, ele esquecia que meu horário começava às oito e meia. Às vezes não, sempre!

— Bom dia Alice! Caiu da cama de novo? — perguntou a Sara, uma das colaboradoras da limpeza.

— Não. Meu chefe que me chutou da cama cedo... — Argh! O café quente quase queimou a minha língua. — Ele resolveu madrugar; disse que têm muito trabalho hoje.

— Parabéns! Tomara que junto com esse trabalho todo, venha um bom aumento.

Ri alto.

— Vou sentar Sara, porque em pé, eu vou cansar. Aquele lá, pensa que é Deus, portanto, não precisa pagar nada a ninguém, acredita fielmente que é um privilégio trabalhar para ele. — Rimos na situação.

— Imagino! — Sara respondeu saindo para o compartimento de limpeza.

Eu já trabalhava a cinco anos na empresa COTAX Conexão, ela era voltada para compras e vendas de hotéis de luxo; tínhamos duas filiais no Brasil: uma em Salvador, e outra em São Paulo. Eu gostava da dinâmica da empresa, meus colegas eram maravilhosos e me ajudaram bastante quando cheguei ali. Eu tinha orgulho de ter começado como assistente da impressão, e depois ter sido convidada para ser assistente pessoal da dona Lely, da contabilidade, uma flor de pessoa. Passei três anos trabalhando com ela, aprendi tudo que sei com ela. Terminei minha pós-graduação em gestão de pessoas e fui promovida para ser a secretária do chefe máster, o senhor Júlio César.

Já não sei dizer se foi uma boa decisão a ser tomada, pois ele nunca ficava com secretária alguma. Depois de muitas mulheres passarem por lá, todas lindas e loiras, mas sem nenhum neurônio na cabeça. Não sei o que o setor pessoal pensava quando mandavam certas pessoas para preencher a vaga. Todas demitidas! A última, intitulada de Lolita foi demitida em dois dias; tentou mostrar os peitos para o chefe e foi para a rua com os peitos de fora, ainda sob a ameaça de ser processada sobre acusação de assédio sexual.

Fui promovida no mesmo dia à sua nova secretaria, desde então eu era

torturada todos os dias com suas infinitas cobranças e senso de organização. Ele vivia para o trabalho e achava que todo mundo era igual. Não sei se ganhava tanto para aguentar aquela criatura rabugenta.

Eu desconfiava que ele era gay. Não que eu tivesse alguma coisa contra, pois possuía vários amigos gays e os amava, mas não dava para aceitar que um homem lindo, de um metro e oitenta de altura fosse gay. Estava solteira gente, quase encalhada! Não que ele levasse jeito, mas nunca falava em namorada. Ele não era baiano, veio do Rio; todo introspectivo, se achava o último golinho de água do deserto. Tinha dias que eu desejava a morte dele, apesar de achá-lo um gato, muito lindo, com aqueles olhos sem uma cor definida — quando estava zangado, eram negros, mas quando calmo, eram amendoados — na maioria das vezes pareciam azuis. Eu era fascinada por olhos, e os dele eram perfeitos. Sabe aquele olhar que aguça-a curiosidade e parece ter vários mistérios para ser desvendado? Mas o cara era um verdadeiro pé no saco, ele não maltratava ninguém, mas bastava um olhar e você já sabia que tinha errado. Ele chegou à direção da empresa há uns dois anos, não fez amigos na empresa e pelo jeito nem fora dela também. Quando alguém conhecido vinha do Rio de Janeiro, eu o via marcando jantares ou almoços, mas com baianos ele parecia não ter muita afinidade.

Era uma máquina para trabalhar, passava horas em cima de projetos e mais projetos, reuniões. Eu acredito que o sonho dele era ser presidente da empresa. Muito organizado, você percebe pelas roupas, todas muito bem passadas, unhas bem cuidadas, mesa totalmente organizada, não tinha nada fora do lugar, vivia passando os dedos na mesa em busca de poeira imaginária, coisa de maluco, não é? Uma lastima. O homem era muito lindo, aqueles cabelos lisinhos, bem escuros, aquela pele bronzeada naturalmente, pelo que entendi, ele tinha antepassados árabes na árvore genealógica da família, mas eu não sabia em que grau, já que ele nunca falava sobre sua vida.

— Algum problema, dona Alice? — Falando nele!

— Não, senhor Júlio, por que a pergunta? — Eu e minha boca grande! Vou tomar um belo sermão. Meu Deus! Como o cara conseguia ser tão delicioso pela manhã? Ele estava em pé a minha frente, com aquela gravata preta em contraste com a camisa lilás e paletó preto. E, eu o comeria no café da manhã.

— A senhorita está me ouvindo, dona Alice? —

“Não, chefe!” “Estou fazendo sexo mentalmente com o senhor”

— Estou sim, em que posso ajudar? Todos os relatórios que o senhor requisitou estão em sua mesa; as cartas digitadas também, cópias do e-mail junto

aos documentos da Corporation hotel.

— Depois de pegar o meu café, venha até minha sala para passarmos minha agenda, pois tenho algumas alterações a fazer.

Delicioso! Perdão, mas não podia e não queria acreditar que ele era gay,. Juro que não pensava em ter um caso com meu chefe, mas sonhar em transar com ele não era crime. Mesmo porquê, tinha um bom tempo que não eu saía com ninguém, devia ser isso. Depois do meu último relacionamento fracassado, não tive mais sorte no amor. Caio foi muito importante na minha vida, foi o único cara que amei de verdade, no qual pretendia ter filhos; cheguei até a ver vestidos de noiva e fazer planos para o grande dia, entretanto depois de dois anos de relacionamento esperei o pedido que nunca veio, foi minha grande decepção. Eu nunca vou me esquecer do dia em que ele levou uma amiga para casa, dizendo que precisávamos acender nosso relacionamento e ela era nosso presente de namoro, quando o questionei sobre o motivo disso, de onde ele havia tirado a ideia de que eu toparia esse tipo de situação, ele foi categórico, afirmou que não estava feliz comigo na cama, e que tinha fetiches e se eu quisesse ficar com ele tinha que aceitar. Apesar de um sacana, ele era gostoso pra caramba, mas eu não era obrigada a conviver com esse tipo de homem, e mesmo o amando, eu coloquei ele e a amiguinha dele pra fora da minha casa. Nunca mais o vi, e ainda soube pelos amigos que fui traída diversas vezes. Meu ex-namorado tinha um grande apetite sexual por prostitutas. Já fiquei com outros caras, mas nada de emocional, puramente carnal.

Relacionamento era complicado, eu sempre estive namorando alguém desde que entrei na adolescência. Aos doze anos, eu já tinha corpo de mulher, 1.62 de altura e meus olhos amêndoas criavam desejo, mas nem todo desejo vira amor. Eu tinha várias amigas casadas e com filhos, não gosto de lamúrias, pois sempre achei desnecessário viver de passado. Se me perguntarem se faria tudo de novo, eu responderia que sim; se eu encontrasse um cara legal, com planos legais para o futuro e bom de cama, com certeza eu me envolveria novamente, não tinha complexo de culpa pelo que aconteceu com o Caio.

Peguei o café do chefe, passei pela mesa do estagiário novo e lindo, não sei o que andava acontecendo comigo, eu via homens lindos em todos os lugares. Dei uma piscadela pra ele e fui correspondida, pena que a criatura tinha dezoito anos, e no alto dos meus vinte e sete anos, não podia me dar ao luxo de ficar paquerando adolescentes. Precisava casar antes que não tivesse mais idade para ter filhos.

Eu tinha um apartamento próprio, na Barra, um bom emprego, não era a

Gisele Bündchen, mas não era feia, possuía a constituição corporal da maioria das brasileiras; baiana e nordestina, quadril largo, pernas grossas, cabelo cacheado, olhos amêndoas. Eu me considerava uma bela morena e bem gostosa, amava sexo, então homens, cadê vocês? Ok! Deixando de divagar e correndo para sala do chefe.

— Seu café e sua agenda. Quais mudanças, o senhor deseja?

— Vai a algum lugar?

— Não...

— Então pare de falar rápido, pois fico cansado só de ouvi-la falar! Sente-se. Temo estar precisando de sua ajuda.

Fiquei estática, ele parecia estar nervoso, eu não trabalharia a noite, não mesmo! Nem por aqueles belos olhos, eu trabalharia a noite.

— Minha mãe vai chegar a Salvador na semana que vem e, portanto, preciso do seu serviço extra-oficial

— Como assim, extra-oficial?

— Calma, não é nada do que a senhorita está pensando. Sei que tem a mente fértil, mas pode acalmar seus ânimos. — Suspirou como se estivesse muito cansado, passou a mão no cabelo e tirou os óculos. Eu tive a sensação de que ele estava tentando tomar coragem para fazer a revelação. — Sabe, dona Alice, sou de uma família tradicional do Rio, onde a aparência conta mais do que qualquer coisa, o que nos remete a um grande problema, pois minha mãe resolveu que eu preciso produzir netos. — Já vi tudo, o cara era gay e ainda escondia da família. Sorri para ele em solidariedade — Minha mãe anda procurando uma noiva para mim, o que antes era só conversa dela, agora virou realidade e, ela vem para me apresentar quem acha que pode ser minha futura esposa. Contudo, eu estou desesperado, pois não tenho tempo para esse jogo de matrimônio.

— Mas o senhor não pretende se casar um dia? — A curiosidade venceu.

— A questão não é essa, dona Alice. — Me encarou com olhos frios — O que preciso da senhorita é que me ajude a acomodar minha mãe e suas convidadas em um Apart hotel. — Isso seria fácil. — Não as quero na minha casa, não as quero fazendo conchavos na minha mesa e no meu quarto, sei bem como minha mãe age. ***Ele ainda mordida aquela bela boquinha... que calor nesta sala.***

— Só isso que o senhor deseja? Vou levantar a lista dos hotéis. Qual horário do voo de sua mãe? Tem mais alguma exigência? — Fiz a linha

eficiente.

— Na realidade, eu preciso de mais um favor seu. Gostaria que a senhorita me apresentasse uma amiga para se fingir de minha namorada.

Hummm?

— Como assim? — Meus olhos se tornaram três vezes maior nesse momento.

— Não quero uma acompanhante paga, mas alguém que me sinta a vontade, e que faça tudo parecer natural. A senhorita entendeu? — Ele parecia sincero.

— Claro! Tem preferência de cor, idade...

“Não acreditava que estava embarcando nessa viagem maluca. Já passei mentalmente a lista de amigas, não creio que tivesse nada sofisticado para esse almofadinha.”

— Que seja inteligente pelo menos, mas quero conhecer antes de qualquer decisão. Pode marcar para amanhã, pois hoje tenho um compromisso.

— Ah, quero dizer, ah... É só fingimento, ou o senhor pretende algo mais? Desculpa, mais tenho que explicar todos os detalhes com a pessoa, para deixar tudo claro. — Tinha certeza que estava vermelha como um pimentão.

— Estou entendendo, mas não sei qual parte a senhorita não entendeu que é só fingimento. Não vou fazer sexo com sua amiga, se é esse o seu medo.

— Ah, mas se você quer que seja uma coisa bem real, para enganar a sua mãe, então precisa ser verdade, têm que ter pelo menos beijo, pegar na mão, tocar no corpo, essas coisas que casal faz em público. — Podia ser eu. Sonhar é de graça.

— Concordo com a senhorita. Tratamos todos os detalhes na nossa reunião amanhã à noite, pode escolher o restaurante com sua amiga. Obrigado!

Credo, tudo era um negócio para essa criatura. De uma coisa eu não tinha dúvida, escolheria o lugar mais caro. Ligaria para a Ju, pois ela era bem educada, e não tão gostosa. Claro que não apresentaria uma gostosona para meu chefe!

— Juliana? Como vai? Ahhh... Vamos nos ver hoje para tomar uma cerveja bem gelada? Fechado! Na Mouraria?



— Nem acredito que o expediente acabou — Diniz comentou perto de mim. — Hoje o dia foi bem pesado. Alice? Aceita tomar uma cervejinha gelada, só pra relaxar? — Ele não aprenderia nunca e adorava se fingir de idiota.

— Obrigada Diniz, mas tenho compromisso e não tenho dúvida de que sua noiva espera você em algum lugar — falei sem olhar para ele.

— Não pode dizer que não tentei! — Ainda deu aquela risada ridícula. Cara nojento! Ainda bem que o elevador chegou à garagem. — Boa noite, e não sonhe comigo.



Entrei no meu carrinho C3 vermelho e ganhei as ruas de Salvador. Eu amava a minha cidade, adorava esse clima pitoresco de coisas antigas com prédios novos. Meu trabalho ficava no caminho das árvores, odiava engarrafamento, mas nunca fui premiada sem ele no fim da tarde; já que teria que esperar, eu coloquei minha diva Maria Rita para tocar, cantei junto, e cantei. O cara do carro ao lado ficou olhando e rindo da minha cara. Babaca! Mostrei meu dedo do meio pra ele.

Chegando a Mouraria procurei um lugar para estacionar, o flanelinha, meu amigo, chegou junto.

— Aí morena, tem um lugar logo ali pra você.

— Valeu amigo. Pago na volta.

A Juliana era uma figura bonita, alegre, loira de olhos verdes, muito companheira e romântica. Ela era filha de Cearense, e nos conhecíamos desde os tempos da faculdade. Já dividimos o mesmo quarto no tempo de dureza, foi um tempo muito divertido. Eu gostava muito dela.

Passamos muita coisa junto quando saímos da faculdade, meus pais faleceram e a maioria dos meus irmãos já estavam casados e morando em outra cidade, e a poupança, no qual herdei deles utilizei para terminar de pagar a faculdade, não tinha ninguém naquela cidade e foi ela que esteve sempre por perto quando precisei. Apesar de uma família rica, a Ju trabalhou duro para chegar aonde chegou, ela nunca foi muito próxima dos seus pais, cansamos de arrumar o dinheiro do aluguel e dividir a quentinha do almoço; foram tempos difíceis, as coisas só melhoraram quando entrei para trabalhar na COTAX e a Juliana entrou para o jornal. Posso dizer que ela era minha irmã de alma e só a ela teria coragem de entregar essa situação do meu chefe, pois ela jamais tentaria tirar vantagem disso tudo, mas corria o risco de se apaixonar por ele, e isso sim seria um problema.

— Ju, sua linda, como foi o dia? — A abracei quando sentamos a mesa.

— Foi uma merda — resmungou. — Odeio o meu colega novo, aquele filho da puta se acha. Não sei quem anda dando asas a ele! Mas e você e seu

chefe, meio gay?

— O que vai ser hoje, meninas? — perguntou o garçom, que por sinal já era conhecido nosso, pois sempre que estávamos pela região, nós parávamos para uma cerveja depois do expediente.

— O de sempre, Marlon. — E saiu para buscar. — Falando no meu chefe, Ju, eu tenho uma proposta pra você!

Ela sorriu!

Capítulo dois

Alice numa fria

Deveria ser proibido tomar um porre durante a semana; meu Deus, minha boca tinha gosto de cabo de guarda-chuva! Ia matar a Ju, pois foi ela quem me convenceu a tomar mais uma e mais uma, tomamos cinco cervejas nessa brincadeira. Ainda bem que não achei nenhuma blitz no caminho de volta para casa. Eu era uma péssima cidadã.

Tomei um banho rápido, vesti uma saia lápis vermelha, eu a achava muito sexy, mas sem ser vulgar. Coloquei minha blusa creme de seda. Ficou um look muito bom, discreto e bonito. Eu tinha um gosto excelente para roupas e maquiagens, não abria mão de me vestir bem. Com meu scarpin preto, uma maquiagem leve e, eu estava ótima, pronta para enfrentar o dia ensolarado desta bela cidade.

O dia parecia perfeito, até encontrar meu chefe, com a cara de ontem

— O senhor dormiu aqui?

— Sim, perdi a hora. Faça a gentileza de trazer um café com alguma coisa para comer e providencie umas roupas limpas. Vou tomar banho aqui mesmo — falou passando a mão no cabelo.

— Alguma preferência para o café da manhã? — Ele ficava lindo com essa cara amarrotada e barba por fazer. — Vou aqui no shopping e trago uma camisa para o senhor vestir. Tudo bem?

— Tudo bem, qualquer coisa para acordar, um café bem forte. E para as roupas, as minhas medidas estão aqui no papel, com o cartão e senha. — Passou para mim o cartão. — Não demore!

Vontade de estourar aquele cartão em sapatos, só de pirraça. Corri igual maluca para resolver tudo, mas no fim deu tudo certo. O dia parecia não acabar mais. Não toquei no assunto sobre o jantar.

A Ju amou a ideia, como seria ruim dar uns beijos naquele gostoso, lindo? Ela vibrou e achou tudo uma louca aventura para contar aos netos, coisas da Ju; ninguém entenderia essa fixação dela por netos, não sei mesmo. Ela era filha única, de pais separados, ela não falava muito no assunto e, eu respeitava isso.

No fim, nós fizemos resenhas e o imaginamos nu, eu era uma péssima secretária e uma safada, sei disso e não me importo. Tenho tesão no meu chefe e daí? Não tinha problema com o assunto sexo, a dois pra mim vale tudo e muito mais, sou muito intensa, adoro uma boa pegada. Ao contrario da Ju, eu vinha de uma família numerosa e barulhenta do interior, juntos éramos uma alegria, mas

rolava muita confusão também, como qualquer família brasileira que se preze. Amava meus irmãos, era derretida por meus sobrinhos. Eu queria muito ser mãe, por isso precisava logo de um namorado, queria meu filho com um pai legal, como eu tive.

No meio dos meus devaneios, ouvi uma voz me chamando na consciência, ele adorava fazer isso.

— Dona Alice, tudo certo para nosso jantar de negócios?

— Sim, chefe, como o senhor pediu.

— Ok. Por gentileza, venha a minha sala.

— Sim — Lá vem bronca, ele parecia nervoso.

— Vamos deixar umas coisas claras aqui, não tenho pretensão alguma de namorar sua amiga, ou ser chantageado depois, por assédio, estamos entendidos? Se for necessário chamamos um advogado e redigimos um pequeno contrato.

Naquele meio tempo, eu enrolei o meu pé no tapete e caí literalmente de bunda no chão, aos pés do chefe. Para completar, a saia subiu até o meio das minhas pernas. Acho que estava vendo coisas, ou meu chefe estava olhando para elas?

— Hmmm... o senhor poderia me ajudar?

— Ah, desculpa, você se machucou? Tem alguma coisa quebrada?

— Não, só meu ego mesmo, o sapato prendeu aqui no tapete, mas estou bem. Voltando ao assunto, me perdoe, mas se não tem confiança no meu discernimento para a escolha de uma pessoa, não deveria ter me convidado a participar do seu plano — falei olhando para ele, já recomposta da queda.

— Não quis dizer isso, mas temos que ter cuidado, pois existem muitas mulheres interesseiras por aí — falou desviando o olhar.

— Senhor, eu não tenho dúvida de que no seu mundo isso deva acontecer. — Já estava ficando alterada com aquele babaca. — Então é melhor o senhor procurar outra pessoa mais conveniente com sua situação, do seu agrado e confiança. Com sua licença.

Filho da puta! Tive vontade de matar essa criatura mal educada e mimada. Idiota! Se meus irmãos estivessem ali, eles dariam uma surra nesse debiloide, esse gay, babaca, fuinha, ogro.

— Estou ouvindo daqui, dona Alice — Ele falou. — Se contenha. Nunca lhe disseram que seu chefe não precisa saber dos seus pensamentos sobre ele? — Pensei alto outra vez. Foda-se! Ele podia me demitir se quisesse.

— Quem disse que sou Gay? De onde tirou essa história? — Essa parte ele não deveria ter escutado.

— Ah! Eu... Ah, eu não quis dizer isso! — Meu senhor do Bonfim, me salve!

Fui puxada pelo braço com força, fiquei sem fôlego. Olhando nos meus olhos, ele dominou minha boca e como num sonho rolou aquele beijo, bem forte, dominante, já estava com a mão em seus cabelos, ele me segurava como se nunca fosse me soltar, nunca senti algo assim. Ele dominava o beijo, meu Deus, eu estava ferrada.

Assim começou, acabou. Que loucura! Que beijo! Eu estava catatônica, sem saber o que dizer nem como agir.

— Isso é para a senhorita aprender a não andar por aí me chamando de gay. — Ele entrou na sala e bateu a porta na minha cara.

Fiquei estática e de calcinha molhada. Jesus, que beijo! Que homem! E agora como ia superar isso? Essa sensação?

Difícil. Duas horas depois, eu estava mais agitada do que suco batendo em liquidificador, ansiosa. Eu não conseguia me concentrar, precisava pensar em outras coisas, ainda bem que o dia já estava acabando. Tomaria um drink para relaxar e esquecer o episódio do beijo.

Paquerar uns gatinhos, uns caras sarados e de olhos lindos. Lá vai meu pensamento de novo, ele não tinha o direito de fazer isso e ainda se comportar como se nada tivesse acontecido.

A porta abriu e de lá saiu o meu pesadelo das últimas horas da minha vida. Concentrado e calmo.

— Que horas será a nossa reunião?

— Não tem mais reunião — Eu era birrenta e não queria mais ajudar.

— Dona Alice, não demore, pois preciso me organizar. Aproveite e faça a reserva.

— Ok — Fuzilei-o com os olhos, e o nerd nem percebeu.



Fui no meu carro, ele me seguindo em seu Jeep Cherokee, que não sei porque, mas não combinava com ele, eu achei muito esportivo para alguém tão formal. Coloquei minha música bem alta. Hoje, principalmente, eu precisava de alguma música para esquecer o dia. Optei por Barão Vermelho.

A Juliana achou melhor marcar em um restaurante do Bahia Marina, que

era um centro de lazer náutico com vários restaurantes e uma vista maravilhosa para a baía de todos os santos. Além de muito organizado, também era luxuoso e muito caro.

Como a mulher era toda sofisticada e entendia dessas coisas, eu concordei. Fiz reserva para as dezenove horas, acho que eles se dariam bem. Mas não sei, a ideia da Ju recebendo beijos do meu chefe, me deixava depressiva.

Minha amiga, que não aprendia nunca, já estava lá. Eu já falei várias vezes que tínhamos que chegar atrasadas para fazer um suspense, ela vivia dando essa mancada; tinha mania de pontualidade. Essa garota parecia que era britânica.

— Oi. — Ela se levantou para nos cumprimentar, eu odiei a minha melhor amiga naquele momento, senti que ele ficou encantado e, eu querendo morrer.

— Um Martini para mim, por favor — pedi ao maître. A noite seria longa, então resolvi encher a cara.

Os dois me olharam com estranheza.

— O que foi? Estou com sede — respondi.

— Prazer, eu sou o Júlio Cesar. Estou encantado em conhecê-la — Ele deveria estar me provocando; me beijou horas atrás e agora se derretia por minha amiga, homens! —, bufei.

— Eu sou Juliana, e o prazer é meu. — Sorriu doce. — Alice, o que você tem? Parece que ficou maluca. — Ela disfarçou e me perguntou, enquanto ele escolhia o vinho para os dois.

— Nada, estou ótima. — Tomei o drink em um só gole e pedi outro. Ele que ia pagar mesmo.

Nada amiga, eu só quero matar você, só isso! Essa era a minha vontade de dizer.

— Não parece Alice, depois vamos ter uma conversa.

— Ok

— Bem Juliana, qual sua profissão? — Ele se virou para ela e perguntou.

— Na realidade, eu sou repórter do jornal Bahia. Eu escrevo pautas na coluna sobre política e arte.

— Muito bom, creio que já li sua coluna, muita boa por sinal. Eu gosto do seu ponto de vista sobre os novos pintores; e aquela reportagem sobre as artes

urbanas, mudou meu conceito sobre o assunto. — Seu sorriso era de admiração, e eu queria morrer naquele momento.

— Maravilha, então você concorda que existe um preconceito com esses artistas de rua, que são vistos como pichadores, mas eles levam cores para a cidade, e isso é muito belo, é visível a diferença de muros decadentes com essas novas cores e desenhos.

E os dois engajaram numa conversa chata sobre tinta e quadros velhos. Ela era muito inteligente, bonita, tinha personalidade e, eu era fã da minha amiga, mas no momento estava odiando seu desempenho, estava me sentindo um lixo, vontade de sumir. Como fui me meter nisso?

Sempre estive com meu chefe no ambiente do escritório, não conhecia esse lado sofisticado, educado dele; ele entendia dos assuntos que debatia com a Juliana, os dois faziam um casal bonito. Eu também não imaginava que esse lado dele me encantaria tanto e me faria sofrer, lá no meu subconsciente, eu sempre o imaginei me vendo com outros olhos, mas tinha consciência que não combinávamos, éramos como água e fogo! Jamais daria certo. Éramos de mundos diferentes.

— Vai comer alguma coisa ou não, dona Alice? A senhorita parece estar no mundo da lua. — Tomei um susto com sua pergunta.

— Vou fazer meu pedido, obrigada. Estou apenas escutando a conversa de vocês, mesmo porque, como foi dito pelo senhor, nós estamos aqui a negócio.

— Muito bem, já peguei seu número Juliana, podemos marcar um almoço para amanhã? — Eu odiava os dois, queria morrer.

— Claro, não é, Alice? Por mim está ótimo. — Ela respondeu me olhando.

— Então vamos jantar já que tudo foi encaminhado. Me conte, dona Alice, onde a senhorita mora? — Estava mesmo ouvindo aquela pergunta? Dois anos de trabalho e o demente não sabia onde eu morava! Eu sabia que ele estava tentando ser educado, tentando me introduzir na conversa, não porque queria saber sobre minha vida.

— Na barra — respondi sem o olhar.

— Sozinha? — Insistiu no assunto.

— Sozinha — respondi monossilábica, porque queria gritar.

— A senhorita gosta tanto de falar, mas ficou monossilábica de repente? — Seu sorriso não chegava aos olhos. — Estranho! Sabe Juliana, a dona Alice é muito competente, mas fala muito, tem amizade com todos na empresa, inclusive

os rapazes.

Como assim? Ele estava me humilhando na frente da minha amiga? Era isso mesmo?

— Alice é muito comunicativa Júlio, sempre foi assim. Na faculdade, ela sempre teve vários amigos, sempre fomos convidadas para as festas, por conta das amizades da Alice, os carinhos eram todos muito apaixonados por ela. — Minha amiga era bem bocuda.

— Imagino o tanto de amigos que ela tinha. — Ele não sorriu ao dizer isso.

Eu estava quase entrando debaixo da mesa. Dois miseráveis, que resolveram acabar comigo, só faltavam dizer que eu era uma prostituta na época da faculdade.

— Não sei se perceberam, mas estou na mesa, não é necessário falar de mim como se eu não estivesse aqui — resmunguei chateada.

— Desculpe, amiga, mas estávamos só brincando. — Fuzilei-a com olhar.

— Não precisa ficar chateada, dona Alice — Ele falou colocando o guardanapo na mesa.

— Então pare de me chamar de dona, não estamos no escritório. *Que moléstia!*

— Pelo que me lembro, a formalidade nunca impediu a senhora de falar o que queria.

— Pois é, estou falando do senhor. — Fechei a cara.

— Então você também não precisa me chamar de senhor.

— Ok, você.

— Ok, Alice.

A Ju não estava entendendo nada sobre nossa conversa, devia achar que éramos malucos. Depois, ele falou por alto e disse que no dia seguinte daria mais detalhes de tudo para ela, jantamos e resolvemos ir embora.

— Vai para casa, Alice? — perguntou o poderoso chefão.

Eu ia, mas mudei de ideia.

— Não, vou para uma boate nova que abriu.

— Sério, Alice? Você disse... — olhei mortalmente para Juliana, calando a boca dela.

Vou matar essa garota, lerda —, pensei.

— Sim, vou dançar e beber. — E já fui me levantando da cadeira, pois estava de saco cheio daqueles dois. — Então está tudo resolvido, boa sorte para os dois. Vou indo.

— Eu vou com você amiga — disse a lerda.

— Não, fique aí e tome mais um drink com o Júlio Cesar. Resolvam as coisas, e depois nos falamos. — Eu a dispensei com a mão. — Beijo para vocês.

Sai de lá antes que minhas lágrimas ficassem visíveis. Foi culpa minha essa droga toda, poderia escolher uma amiga sem graça, dentuça, chata. Nãooooo! Fui logo escolher uma legal, bonita, por dentro e por fora, fina e muito educada. Eu me odiava. Enxuguei as lágrimas.

Droga! Ele não era tão interessante mesmo e, além do mais, era antiético namorar o chefe, então tudo bem. Ficaria tudo ótimo e, eu esqueceria aquele beijo gostoso.

Estou ótima —, tentei me convencer. Eu precisava me convencer se queria ficar no meu trabalho. Poderia pedir transferência de setor, para isso tinha que ter uma desculpa boa, como seria agora? Não queria nem imaginar minha melhor amiga entrando lá como a primeira dama, e nem imaginá-lo dormindo com ela.

Alice, ele é seu chefe, pare com isso! — entoei como um mantra. Meu celular tocou, olhei o visor e vi que era o número da Juliana, não atenderia. Ignorei.

Como essa garota era insistente! Ligou de novo, ela devia ter percebido que fiquei magoada, sem motivo, mas estava. Não comentaria nada, ela o merecia mais do que eu. Fui para a boate nova no Rio vermelho, dancei, bebi muito, paquerei uns caras, mas eles não eram o Júlio. Que loucura um beijo faz em sua vida?



Acordei mal no outro dia, com ressaca e muita dor de cabeça. Estava só de calcinha e roupão, quando minha companhia tocou. Devia ser a Juliana, pois ela ligou milhões de vezes na noite anterior e hoje pela manhã. Não queria saber como foi ótimo a noite dos dois, já que temia não estar preparada para isso.

Ela devia ter esquecido sua cópia da chave. Só podia ser ela, para me importunar uma hora dessas da manhã; se bem que já eram dez horas, mas para um sábado era muito cedo.

Abri a porta com um safanão, já ia dizer poucas e boas, mas dei de cara

com o Júlio e fiquei muda, ele olhou de cima abaixo e engoliu em seco.

— Perdão, eu, hmmm... estava passando por aqui, e errhh... não foi uma boa ideia. — Ele gaguejava e minha língua travou, literalmente. — Você saiu de um jeito estranho ontem, e sua amiga ficou preocupada, ela me ligou dizendo que você não atendia aos telefonemas dela, então resolvi saber o que ouve.

Essa minha amiga era uma menina miserável, queria acabar com minha vida.

— Estou ótima, só deixei o celular no silencioso e não vi as ligações. Como foi o restante da noite? — Não ia fechar meu robe, para não dar ousadia a ele.

Ele me acompanhou casa adentro, parecendo que teria um treco a qualquer momento.

— Estava esperando alguém? — perguntou me olhando e engoliu em seco.

— Por que a pergunta? — falei cruzados os braços, não estava nem aí para o constrangimento dele. Ele não foi convidado, então que agente, pensei.

— Então tem costume de abrir a porta nua, sem saber quem está do outro lado? — Sua voz era indignada.

— Não estou nua, estou de robe e calcinha.

— Isso não tem muita diferença. É muito descaramento, e se fosse um tarado? — Ele chegou mais para perto.

— Bom pra ele, não ia ter muito trabalho.

— A senhorita não tem vergonha, não tem noção do perigo, não precisa da minha ajuda. E, eu achando que poderia estar morta — falou enraivado, vindo para meu lado.

— Não estou morta como o senhor está vendo, ando bem viva.

Já estávamos quase nos beijando, meu Deus! O que fazer com esse almofadinha?

— Pode ir embora!

Meu nariz já estava encostado no dele, respiração alterada. Eu deveria resistir, mas sei que não conseguiria. Nossas bocas se encontram ruidosamente, senti meu cabelo sendo puxado, o cara sabia beijar; foi uma briga de língua, nossos corpos foram parar no sofá, senti meu robe sendo retirado, e meus seios ficaram expostos. Deixando meus lábios de lado, sua boca encontrou os meus peitos, sua língua estava fazendo um excelente trabalho, consegui tirar sua

camisa, sua calça estava no caminho, mas já dava para sentir sua enorme ereção.

O cara estava acabando comigo! Rasgando minha calcinha, ele começou a massagear o meu clitóris, quase tive um orgasmo.

— Gostosa, deliciosa... você tem um sabor divino, como imaginei muitas vezes. Delícia, remexe esse quadril no meu dedo.

Ele estava me deixando maluca com suas palavras, gozei na sua mão, e gritei como louca.

— Quero mais, gostoso! — sussurrei com voz manhosa.

— Venha suba em mim. — Sentado no sofá, ele puxou as calças para baixo e fui por cima dele, passei a língua nos lábios, pois nunca tinha visto um pênis tão grosso e bonito, precisava sentir o sabor dele. O enfiei na boca e chubei, saboreei, tinha um cheiro e sabor maravilhoso. Eu queria mais, o queria louco, queria fazê-lo gozar muito.

— Você está me matando, se continuar assim, eu vou gozar na sua boca, e não quero terminar logo. — Ele arfou. — Ahhh, meu Deus, que delícia.

Puxando meus cabelos, ele me colocou sobre ele e engoli seu belo membro, minha vagina salivava, engolia... eu gemia e comecei a mexer, foi uma cavalgada maravilhosa, meu sofá nunca mais seria visto do mesmo jeito. Já estava próxima ao orgasmo novamente.

— Gostosa! Eu quero você há um tempo e sempre soube que seria bom.

Enquanto seu membro me invadia, sua boca saqueava a minha, foi intenso e selvagem.

— Ai, gostoso! Você vai me matar — gritei, totalmente entregue.

— Gostosa, boceta apertada do caralho! Diga que vai querer mais, que precisa de mais, diga!

— Eu quero gostoso! — Lógico que eu queria mais.

Gozamos juntos e foi perfeito. Caí em seu peito, nunca tive um orgasmo tão intenso. Foi sublime.

— Onde fica o seu quarto?

— Na primeira porta, pelo corredor.

— Vamos terminar isso na cama, quero você de novo.

O seu membro já estava acordado, sabia que deveria mandá-lo embora, mas também sabia que não faria isso.

Capítulo três

E agora Alice?

Fizemos amor mais duas vezes, e com a mesma intensidade. Parecia que nossa fome não acabava. Sempre gostei de sexo, mas nunca respondi a um homem assim. Ele me dominava, me deixava com água na boca. O amei com minha boca, com meu corpo inteiro. Entreguei-me completamente e continuava querendo mais. Estava numa fria, estava ferrada! Olhando para ele dormindo, ali nos meus lençóis, parecia a coisa certa a fazer, ia dar tudo certo. Ele era lindo dormindo, um menino desprovido de tensão do trabalho, parecia estar sonhando.

Comecei beijando suas costas, eu o queria dentro de mim de novo, não queria deixar o sonho acabar, pois tinha certeza que fora daquele quarto nada seria igual e não pretendida deixar a magia daquele momento se perder. Queria só mais um pouquinho dele.

— Assim você acaba comigo! — Ele ainda estava sonolento, despenteado, lindo e apetitoso, e no momento, era todo meu para degustar. Levei seu pênis até minha boca, lambi e chupei, seus gemidos me deixavam molhada, enlouquecida de tesão.

— Melhor forma de acordar, você tem uma boca maravilhosa, ah! Que delícia! Mais rápido, assim... — sua mão conduzia o ritmo dos meus movimentos. De repente, ele puxou minha cabeça e chupou minha língua, sentindo o seu gosto através dela.

Fui jogada de costas na cama e sua boca foi rápida para minha boceta, ele chupava gostoso o meu clitóris e, eu gritava pedindo mais.

— Quero você de quatro, quero ver sua bunda quando eu entrar em você. — Puxando meu cabelo, ele veio por trás me penetrando em uma só estocada, foi selvagem e gostoso.

— Você é maravilhosa, perfeita e gostosa.

Suas estocadas e meus gemidos foram ficando mais intensos e, eu já estava no meu limite, queria engolir ele todo, rebolava e pedia mais.

Ele me acompanhou e foi o ápice completo. Ele caiu em minhas costas, com a respiração irregular. Aos poucos fomos voltando ao normal; mais um pouco daquela maratona e no dia seguinte, eu não ia andar, ficaria toda assada.

— Que delícia! Eu tinha certeza de que a senhorita seria saborosa.

Bom saber que não sofria de desejo, sozinha e, ou me sentir nas nuvens

sem saber se ele pensava em mim. Mesmo que fosse de forma tão depravada, já era alguma coisa, não é?

— Isso quer dizer que o safado do chefe ficava de olho em mim? Me comendo em pensamentos?

— Diversas vezes, mas a senhorita me provoca com aquelas saias apertadas, vestidos colados, esse corpo delicioso. Os homens daquela empresa, tirando o Almir, que não curti mulher, o resto todos têm sonhos eróticos com você — ele falou cutucando meu nariz.

Ele estava com ciúmes, será? Olha que coisa e, eu nem percebia isso. Poxa! Precisava ficar mais atenta com os acontecimentos. E por isso as piadas daquele Almir recalcado?

— Sério, nunca imaginei o senhor tendo esses pensamentos a meu respeito. Estou chocada.

— Claro que não imaginava, vive com esse nariz e bumbum empinados, achando que eu era gay. Falando nisto, da onde a senhorita tirou essa história? Rola esses comentários sobre mim, é isso?

Já tinha esquecido essa maldita história; homem com essa memória de elefante quando o assunto é seu ego masculino. Como podia pensar nessas coisas se o cara acabou de me destruir na cama?

— De lugar nenhum. O senhor não fala de mulher, não tem namorada e nem demonstra que tem amante, sei lá, achei que não gostasse.

— Não vou explicar minha vida privada a senhorita, isso não é o tipo de indiscrição que as secretárias deveriam ter, não é? Minha sexualidade não estava em jogo no escritório.

Senti-me murchar depois dessa resposta.

— Ah, claro que não, mas transar com a secretária, o chefe pode?

Minha voz já aumentou vários decibéis.

— Isso foi errado também, dona Alice, não vai mais acontecer. — Tive vontade de matá-lo. — A senhorita deveria ter resistido.

O sacana pulou da cama procurando as calças, eu não ia ajudá-lo a procurar, não mesmo.

— Eu também acho, depois de sair com minha amiga, o senhor resolve me atacar, uma vergonha para um homem de sua classe.

— Meu Deus, a senhorita é um péssimo exemplo, eu tinha um almoço com a Juliana hoje, olha isso, nada cavalheiro não comparecer sem uma desculpa

cabível.

Não acredito que ele estava preocupado com a Ju! Eu o odiava e, ele pagaria caro por me usar desse jeito.

— Se retire da minha casa agora. Eu não te convidei. SAI!

— Já estou de saída, e da próxima vez vista uma roupa se não quiser que essas coisas aconteçam ao abrir sua porta quase nua. Poderia ser um cara bem pior do que eu.

Filho da puta. Ahhh! Como ele tinha coragem? Joguei meu chinelo nele, mas pegou na porta. Descarado!

— Ah, dona Alice! Não encontro a chave da porta.

Mande a chave bem na cabeça dele. Tomara que tenha matado —, pensei.



Foi o pior fim de semana de minha vida; eu estava arrasada, dilacerada, como fui transar com meu chefe? E ainda ter gostado e querer fazer de novo? Já tomei todos os potes de sorvetes disponíveis da minha geladeira, mas continuava sofrendo. Quem disse que sorvete acalmava o coração partido era um mentiroso!

— Alice Gonçalves, por que a senhora esta de pijama uma hora dessas?

Sabia que a Juliana ia parecer a qualquer momento, pois não respondi as ligações dela. E também não tinha coragem de falar sobre o fato de estar dormindo com o futuro namorado dela. Eu sei, eu era uma péssima amiga!

— Porque eu gosto desse pijama de borboleta e essa é minha casa, então visto o que eu quiser.

— Vai arrogante! Diga o que você anda aprontando e com quem? Para me tratar assim é porque tem culpa no cartório. Desembucha.

— Não sei do que você está falando.

— Não? Deixe-me refrescar sua mente recheada de sorvete: Eu liguei mais de cinquenta vezes e não fui atendida. Perdeu o celular? Fui ignorada diversas vezes por você, mas essa foi demais! Eu achando que iria encontrar seu corpo caído no chuveiro. Quase ligo para todos os hospitais da cidade e nada. Sabe quem me deu a ideia de invadir seu apartamento? — Nesse momento, eu já estava encolhidinha no sofá, nunca vi aquela garota tão irritada da vida.

— Seu chefe, que por sinal, me deu um bolo ontem no almoço e acabamos jantando, enfim, quero saber o que anda acontecendo com você! Me conte, sou sua amiga, divida comigo. — Ela colocou minha cabeça no seu colo e

fez carinho. Pronto, eu chorei. E como diria uma coisa dessas a ela? Ela era ótima, não merecia essa traição.

— Chora, pode chorar, pois isso faz bem. Coloque essa mágoa para fora, as lágrimas ajudam.

— Amiga! Eu amo você. Sabe disso, não é? Nunca vou te abandonar — falei chorosa e culpada.

— Claro que sei, eu amo você também. Alice, eu estou ficando com medo, a melodramática aqui sou eu, e pare de tomar sorvete, vai acabar com a bunda grande, e olha que a sua já é.

Precisava de uma desculpa convincente. Nunca que ia contar o motivo. Ela não merecia isso, ia guardar esse segredo e nunca mais pensaria nele, iria esquecer.

Foi complicado, mas consegui despistar a Ju; falei que era TPM, que depois de certa idade vinha desse jeito. Ela não ficou muito convencida, mas por hora, resolveu.



Logo cedo na segunda-feira, eu já estava totalmente arrumada para trabalhar, gastei quase todo meu corretivo para esconder as olheiras de tanto chorar, mas ficou bom. Arrematei com meu batom vermelho sangue, coloquei meu vestido tubinho preto. Senti como se eu fosse uma viúva de marido vivo. Meu scarpin vermelho fechou meu look e, eu estava pronta para guerra. Se ele podia se esquecer, eu também podia.

Parei meu carro no estacionamento da empresa, me sentia uma diva. Pensei comigo mesma: eu sou linda e maravilhosa, nada vai tirar o meu bom humor, homem nenhum.

Seria meu mantra naquele dia e em todos os outros para o resto da minha vida.

— Fiu, fiu.

— Bom dia para você também, Almir.

— Vestida para matar. Quem será a vítima? Sapato novo? Belíssimo modelo, hein? Arrasou mona.

— Eu sei, sempre tive bom gosto. — Arrematei minha cutucada com um sorriso falso. Recalcado!

— Hum, acordou picada hoje. Um doce para saber que bicho te mordeu, ou foi por que não conseguiu nenhuma mordida? — Argh! Esse Almir era tão

invejoso.

— Não enche palhaço! — Difícil manter o bom humor com tanto recalco por perto. Povo mal amado.

— Ai! Poxa! — Bati o pé quando cheguei em minha mesa. Hoje ia ser um daqueles dias —, pensei.

— Pensei que a senhorita iria tirar folga hoje. — Lá estava o sacana que dilacerou meu coração e causou assadura em minhas partes íntimas.

— Bom dia para o senhor também — falei bem azeda, mas não era esse o tom que pretendia usar, culpa da porcaria da mesa que bateu no meu pé.

— Bom dia. Preciso de um café.

— Um momento e já levo. — Quando ele virou as costas, eu mostrei a língua. O dia seria bem tenso.

Passamos o dia nos evitando, falando apenas o essencial. Após o almoço, ele foi para uma reunião fora da empresa. Foi quando suspirei aliviada, precisava esquecer aquele sábado. Riscar aquele dia de minha vida era o melhor a ser feito.

Quase no fim do expediente, o meu computador resolveu parar de funcionar. Tinha vários relatórios para enviar para o financeiro, não podia deixar para o outro dia. Chamei à informática com urgência, onde fui prontamente atendida.

O André, um moreno muito simpático, que veio dar uma olhada, mas não estava encontrando o problema. Acho que eu acabaria tendo que fazer hora extra.

— Poxa, André! Tenho tantos relatórios para enviar, logo hoje que estou atarefada. Tantas coisas para fazer. Vou acabar perdendo a hora de ir à academia — resmunguei.

— Desculpa Alice, vou tentar mais uma vez — respondeu solícito. — Vou dar um jeito, não posso deixar você sem malhar suas belas pernas. — Rimos alto.

O André era um piadista, todas as secretárias o adoravam, ele era um fofo e muito alto astral.

— Sei, galanteador... eu ando tomando muito sorvete, tenho um fraco por doce — confessei sorrindo.

— Nem me fale! Parece que sou uma formiga. — Sorriu. — Depois que almoço, eu fico louco atrás de uma cocada ou algum doce para comer — contou.

Ele tentou mostrar onde estava o problema. Eu me inclinei sobre o

André, olhando para a tela, quando meu querido chefe chegou, dando uma olhada assassina para nós dois. O André pulou da cadeira parecendo ter visto uma cobra, até eu fiquei sem graça.

— Atrapalho alguma coisa? — perguntou meu simpático chefe.

— Não senhor, eu estava aqui olhando o computador da Alice — André tentou explicar.

— Dona Alice!

— Sim, dona Alice. Perdão.

— Algum problema, dona Alice?

Ele só podia ser maluco, só me faltava essa!

Agora eu estava proibida de falar com os colegas do trabalho? O cara estava colérico sem motivo, a reunião devia ter sido um fiasco.

— Não senhor! Apenas o meu computador que deu problema e estamos tentando descobrir o que aconteceu.

— Não sabia que a senhorita era técnica de informática! — Com essa grosseria, ele entrou na sala e bateu a porta e, provavelmente mais alguma coisa, porque ouvimos um barulho lá dentro.

— Pensei que ele fosse me matar!

— Não foi nada André, ele anda estressado, porque a mãe dele vai chegar e parece que os dois não se dão bem.

— Suei frio — disse rindo. — Seu computador não tem jeito, linda.

— Não acredito nisso

— Só um novo. Amanhã pela manhã trago outro para você.

— Serio? Não pode ser hoje, não? Tenho urgência. — Choraminguei. — Se não, eu vou ter que madrugar nessa empresa.

— Desculpa, mas não tem como mesmo. — Ele se desculpou, simpático. — Vou ter que pegar no depósito e montar, e uma hora dessas já deve estar fechado. — O dia não estava terminando bem. — Desculpa, gatinha.

— Ok, seu malandro! Mas amanhã tem que ser bem cedo, pois até o fim da manhã, eu tenho que ter tudo pronto. Está combinado? — falei estendendo a mão para ele.

— Você que manda gata! E cuidado com o chefe para não ser arranhada, o cara está bravo. — Ele bateu na minha mão, rindo alto. Em seguida saiu da sala.

— Esse André é uma figura!

— A senhorita já terminou o flerte? Preciso falar com você — Lá estava ele, parado ao lado da porta de sua sala, com as mãos na cintura, parecendo um anjo vingador.

Que ódio desse cara, que via maldade em tudo.

— Terminei — respondi bem cínica

— A sua boca ainda vai lhe matar, dona. Alice. Venha cá!

— Sim, senhor.

— Feche a porta!

Em pé na minha frente, ele já tinha despenteado o cabelo de tanto passar a mão. Parecia que tinha puxado o cabelo várias vezes. Ele estava furioso como nunca vi.

Um anjo vingador em seu casaco verde oliva. Que homem gostoso meu Deus, deveria vir com um aviso de perigo — pensei.

— Me deixa dizer uma coisa para a senhorita — ele falou apontando o dedo para mim. — Na minha administração, eu não aceito esse tipo de comportamento, eu quero respeito em meu local de trabalho. Vadiagem é inadmissível.

Estava de boca aberta. O que ele queria dizer com aquilo?

— A senhora dá ousadia pra todo mundo. É uma vergonha a forma como se comporta. E ainda se veste com essas roupas provocantes. Faz de propósito, não é? Alimenta-se disso. Precisa se sentir desejada, por um acaso? Mas isso vai ter que parar a partir de agora.

O Cara estava maluco, totalmente! Eu fui promovida a vadia da empresa, mas eu não ia chorar na frente dele!

— Cale essa boca! Ficou louco? Que dia não correspondi com as necessidades dessa empresa? Sempre fiz todas as minhas obrigações. Ninguém! Escute bem, ninguém nunca teve nada a dizer a meu respeito. Meu comportamento sempre foi irrepreensível. Agora ser simpática e educada nunca foi crime. Falar e tratar as pessoas bem, isso aprendi com meus pais, se os seus não te deram educação, o problema é do senhor — gritei em sua cara. Nem que eu fosse despedida, mas ele merecia ouvir aquilo.

Estava achando que eu era alguma puta para ser tratada assim?

Saí pisando duro. Estava muito chateada, como ele se atreve? Nunca dei a entender que estava disponível para ninguém no meu local de trabalho.

Sofreria a minha vida toda só por ter dormido com ele? Meu braço foi puxado e dei de cara com seu peito.

— Eu não mandei você sair, isso não acabou! — gritou colérico. — Você não pode ficar paquerando todo mundo. Até o responsável da informática? Ele é casado, não sabe disso? Você não tem respeito?

Já estávamos no nível de gritar. Dei um tapa no rosto dele.

— Você é louco! Não pode sair por aí denegrindo a imagem das pessoas, achando que viu o que não viu. — A cara dele demonstrava o quanto estava chocado com minha atitude. Mais não me arrependi em nenhum momento, pois ele mereceu. Amanhã mesmo, eu iria me demitir.

— A senhorita me agrediu? Ficou maluca? — Ele passou a mão no rosto, transtornado, e pensei que seria agredida também. — Sua louca!

Não sei como tudo aconteceu, mas minha boca já estava na dele. Ele me punia com o beijo, chupava minha língua com selvageria, queria me provar que estava no controle, puxando meu cabelo. Fiquei encurralada em sua mesa, suas mãos foram parar em meus seios. Ele deixou minha boca e desceu pelo meu pescoço e, eu já não estava mais em mim. Já não conseguia raciocinar direito, estava molhada, precisava dele. Eu queria rasgar suas roupas e ser possuída naquela mesa.

Senti suas mãos entre minhas pernas, sua boca sugava meus seios por cima do vestido, puxei sua cabeça e trouxe sua boca de volta a minha. Senti sua enorme ereção sobre a calça.

Estava de pernas abertas sobre a mesa, com ele puxando minha calcinha, foi quando o celular dele resolveu dar sinal. Adivinha quem apareceu na tela do celular? A foto da Juliana. Foi como um balde de água fria.

Pulei da mesa e senti em seu rosto a decepção.

— Precisamos parar de fazer essas coisas, eu não posso continuar nessa situação, você entende, Alice? Minha mãe chega hoje, e preciso focar nisso. — Seu olhar era de tristeza.

— Entendo — Me sentia a última mulher do planeta. — Ah, atenda seu telefone. Já estou indo.

Ele ficou na sala com o olhar desolado para o celular, que ainda tocava.

Saí de lá depressa, apenas peguei minha bolsa. Eu não podia desabar ali. Precisava me acalmar, meu coração batia a mil, as lágrimas estavam quase transbordando dos meus olhos. O primeiro compartimento vazio que achei foi o armário de vassoura, sentei lá e chorei, abraçada a minha bolsa, não podia

continuar desse jeito. Não era justo.

Depois, mais calma, eu fui para a rua; a noite estava linda, mas não enxerguei direito, precisava de ânimo. Liguei o rádio e a voz de Simone ganhou vida.

***“Sinto muito, mas não vou medir palavras
Não se assuste com as verdades que eu disser
Quem não percebeu a dor do meu silêncio
Não conhece o coração de uma mulher
Eu não quero mais ser da sua vida
Nem um pouco do muito de um prazer ao seu dispor
Quero ser feliz
Não quero migalhas do seu amor
Do seu amor.”***

Desliguei o rádio, não precisava de mais incentivo para ficar arrasada. Sei que não queria migalhas, não precisava disso.

Eu não ia destruir minha vida por alguém que não gostava de mim.

Com esse pensamento, eu voltei para casa, e ao abrir a porta, o telefone já tocava, era minha irmã Luana. Eu a amava, ela era minha diva. Morava no Rio, depois que voltou da Europa, casada com um francês. Mãe da minha sobrinha linda de dezesseis anos, a Aline.

— Alô.

— Oi, irmã, saudades de você. Eu estou enviando um presentinho para você pela Marlucy.

Presentinho para a Luana era alguma coisa que custava mais de três mil reais. Meu cunhado a mimava demais. Ele era dono de um cassino e tinha condições para isso.

— Oba, o que é?

— Surpresa, mas e você, como está? Estou com saudades. Milão estava particularmente perfeita para compras esse ano. Aline queria tudo, fizemos a festa, vamos comigo ano que vem? Preciso de seu bom gosto e meu cartão de crédito. — choramingou.

— Quem sabe. Falando em bom gosto, cadê minha sobrinha linda? Estou doida de saudades. Essa semana, eu falei com a Gorethe e com os meninos, precisamos de um almoço em família.

Com a morte dos nossos pais, ficamos mais unidos. Éramos cinco irmãos, três mulheres e dois homens, e vários sobrinhos e primos queridos. Apesar de cada um morar em um local desse país enorme. Em Salvador, era somente eu e sentia muita falta deles.

Joguei mais um pouco de conversa fora com a Luana, depois fui para o banho. Em seguida, devorei uma boa salada, mas mesmo assim, meus pensamentos ainda voltavam para o Júlio e a Juliana, será que resolveram sair hoje?

Pare Alice, isso não é da sua conta — berrou meu subconsciente. Eles eram solteiros, não? Você se deitou com ele, porque quis, não foi forçada! — continuou me arrasando. Mesmo assim, eu me sentia o cocô do cavalo do bandido. Estava pensando nisso quando meu telefone tocou.

— Oi, Juliana.

— Oi, amiga, você não vai acreditar, eu conheci minha sogra. — Meu estômago embrulhou, quase fui para o banheiro vomitar. Esqueci que a mãe dele chegava hoje. Ele levou a Ju para buscá-la no aeroporto?

— Sério? E aí? — Tentei implantar um ânimo a minha voz.

— Alice, você anda animada igual minha porta do banheiro. O que foi?

— Nada, você anda paranóica. Me conte sobre sua sogra.

— Menina, a mulher parece uma condessa, toda cheia de joias, emproada. Educada, mas fria. Ah! E veio uma amiga com ela. Linda! Parece uma princesa de conto de fadas.

Porra, ela sabia como me animar! Ave Maria, amiga miserável!

— E aí? Ele apresentou você? Conte-me. — Queria saber e, ao mesmo tempo, não queria

— Foi cena de cinema, a velha não contava com isso, ficou de cara! Depois recuperou a pose e fingiu que nada estava acontecendo. Não quero ser pessimista, mas a mulher me dá calafrios.

— Fique firme amiga, ele é um cara legal — **Eu quero que vocês dois morram, mas não podia isso dizer em voz alta.**

— Ainda bem que tenho você, te amo. Agora me deixa voltar para a mesa.

— Te amo, beijos.

No momento, eu não estava nada apaixonada por ela, não acredito que foi a arrumar aquela bagunça toda. Eu era uma anta mesmo, mas a Ju merecia, já

sofreu tanto. Ela era uma guerreira, eles faziam um casal bonito —, Tentei me convencer.



No dia seguinte, eu resolvi usar outro vestido tubinho, mas de cor creme, que me caía muito bem. E sorri comigo mesma da cara do Júlio Cesar quando me viu, parecia que ia morrer.

Estava extremamente nervoso, não comentou sobre o tapa que dei nele e nem falou nada sobre sua mãe. Estava totalmente mal humorado. Parecia que a noite tinha sido um fiasco.

Ainda bem que André mandou o estagiário para trocar minha máquina. Não queria mais confusão.

Próximo à hora do almoço, eu suspirei tranquila, pois consegui terminar todo o trabalho acumulado do dia anterior.

Estava no meio da comemoração, quando uma senhora elegante e uma moça muito bonita entrou na minha sala.

— Bom dia, avise a meu filho Júlio Cesar, que me encontro aqui.

— Bom dia, meu nome é Alice, muito prazer. — Ela olhou para a minha mão estendida e depois olhou para mim como se eu fosse uma atrevida, baixei a mão, muito sem jeito. A moça que a acompanhava olhou para mim com um olhar de desculpas.

— Pode entrar, ele se encontra sozinho.

— Obrigada — falou a moça. Gostei dela, muito simpática. Pelas costas da senhora, ela olhou para mim e deu uma piscada e sorriu.

Agora entendi o motivo do cara ser tão paranóico e formal. Com uma mãe dessas, toda trabalhada no laquê, tinha que ser mesmo. O imaginei criança com uma criatura dessas por perto. Tive calafrios.

Ouvi-a dizer:

— Como você contratou uma passista de escola de samba para secretária? Quanto mau gosto, meu filho, ela não tem nenhuma formalidade, muito mal educada.

— Eu gostei dela, tia Augusta, parece ser muito simpática — disse a moça.

— Você é um doce Adriana, não tem maldade nenhuma. Está vendo Júlio, como ela é uma menina maravilhosa? Vai ser uma mãe perfeita. — Que ridícula!

Que mulher sutil. Nem sabia disfarçar. Eu, passista de escola de samba? Nem sabia sambar. Velha desgraçada!

Providenciei café e água para todos e fiquei bem longe da sala. Já estava na hora do meu almoço mesmo. Quando desliguei a tela do computador para sair, eles saíram dizendo que iam almoçar. Júlio Cesar disse que não voltaria mais no dia.

Encontrei a Emily, do jurídico, na cantina, ela estava naquele dia, particularmente, falante e, eu não estava a fim de conversar.

— Soube que sua chefe estava aí hoje.

— Minha chefe? Quem?

— A mãe do senhor Júlio Cesar! Você não estava em sua sala? O pessoal estava falando que ela foi para a sala dele.

— Ah, você falou chefe!

— Mas ela é — percebendo a confusão em meu semblante, ela resolveu explicar.

— Ela é a dona de tudo isso aqui e de todas as outras empresas, é a acionista majoritária. Você não sabia? Trabalha há quase dois anos com o dono e nunca observou o sobrenome do rapaz?

Fiquei chocada e mais confusa ainda. Ele nunca falava sobre ele. Pensei no nome dele: Júlio Cesar Adila Kail Altamir. A empresa Cotax era do grupo Adila. Como não pensei nisso antes? E por que ele não era o presidente da empresa? Estranho!

— Não me foco na vida do chefe, Emily, só em questões sobre trabalho, por isso não sabia — Tinha que dar uma nessa metida, fazendo fofquinha na hora do almoço.

Capítulo quatro

Alice encantada.

Voltei para minha sala pensando na história que a fofqueira da Emily falou, era muito estranho, porque se ele era dono da empresa, por que não assumia a presidência? Por que veio dirigir o setor financeiro? Não que não fosse um cargo importante, mesmo porque tudo acontecia no Rio de Janeiro, ali era só um pequeno peixe no mar, que era a Cotax.

Eu sabia que ele era filho único, porque outro dia, ele comentou sobre o assunto quando viu um presente que estava na minha mesa, achando que eu tinha ganhado. Eu falei que tinha comprado para meu irmão, que fazia aniversário naquele dia, e morava em Manaus.

Então, ele disse: — Que legal ter um irmão, eu sempre quis ter um. Não foi legal ser filho único. — E entrou na sua sala.

Havia muitos segredos na vida daquele homem. O que ele fazia em Salvador, longe de casa? Muito estranho!

Quase no fim do dia, minha irmã Luana ligou para o escritório.

— Cotax, setor financeiro, Alice, boa tarde. — Atendi, totalmente formal como devia ser.

— Eita, que irmã mais formal! Gostei! — Minha irmã, apesar de ser mais velha era a mais cheia de energia e contagiante. — Saudades irmã.

— Oiii! Que bom falar com você, porque não ligou para o meu celular?

— Na realidade, eu liguei e você não atendeu e como preciso falar com você rápido, liguei logo para o escritório. — Estranho eu não ter visto a ligação dela.

— O que aconteceu mulher? Alguma coisa com a Aline? — Ela não era de ligar no meio do dia, então fiquei preocupada.

— Não menina, está tudo bem aqui, é que... Sabe seu presente? — La vem a bomba!

— Sim, você disse que ia enviar pela prima Marlucy.

— Não tive como, porque ela desmarcou as férias, então mandei por outra pessoa e ainda vou dar mais um presente para você, e é bem gostoso.

— Não estou entendendo nada, como assim?

— Sabe, o Grey tem um sócio de quem é muito amigo, e seu filho, o Mathias, é louco para conhecer Salvador e deseja aprender português. Então

falei sobre você e que poderia ficar na sua casa para se hospedar por um tempo.
— Ficou louca! — Não tem problema, tem? Ele vai te pagar!

— Como? Você ficou louca, como pode oferecer a minha casa assim? Não tenho como ser babá de adolescente. Meu Deus, o que faço com você? — Vou matar aquela louca!

— Calma irmã! Se você quer chamar um homem de trinta anos de adolescente... — Pior ainda, ela pirou de vez, mandar um homem para minha casa!

— Mulher, você enlouqueceu, como vou andar de calcinha com um desconhecido em casa? — Lembrei-me do que o Júlio falou no sábado sobre eu andar nua por aí!

— De preferência, que fique nua! Porque o homem é lindo e uma amiga minha que transou com ele, falou que o cara não cansa nunca. É um gostoso! Olha, ele vai pagar a despesa dele, ele é rico. Aproveita, pois é só por uns meses... ah! Já ia me esquecendo, ele vai te ligar para você buscá-lo no aeroporto. Beijos — Acho que eu ia desmaiar!

Ela deu meu número a um desconhecido? E agora? Meus irmãos viviam fazendo isso, como eu morava em uma cidade turística, todos que diziam a eles: Quero conhecer Salvador, eles respondiam: vai pra casa da Alice, ela mora na Barra, o carnaval passa na porta e por aí vai!

Família, às vezes podia ser um pé no saco! Como vou me livrar desse homem e dessa confusão toda?



À noite, em casa, eu tentei falar com minha irmã várias vezes, mas ela não me atendeu. Como alguém podia ser tão maluca? Quando já estava na cama, o telefone tocou com um número desconhecido.

— Alô.

— Alice? É o Mathias, amigo da Luana — Não estava acreditando nisso, era verdade mesmo, não era pegadinha.

— Sim, em que posso ajudar? — Fui bem formal, para colocar o cara em seu lugar.

— Bom, eu vou chegar a Salvador amanhã, ela disse que você me pegaria no aeroporto, mas não quero atrapalhar, eu posso pegar um taxi. É só você me passar o endereço.

— Qual seu horário de chegada? — Não tinha jeito, mas uma loucura em minha vida, e no momento que menos precisava.

— Devo chegar lá pelas cinco da tarde. O aeroporto é muito longe da sua casa?

- É sim, e esse horário é complicado para mim.

— Posso ir de taxi.

— Humm... Faz assim, você pega um taxi até meu trabalho e aqui te levo para casa. Pode ser? Fica mais fácil.

— Pode sim, mas repito, eu não quero dar trabalho... — ele falou sorrindo, parecia um cara bem alegre, alto astral.

— Então anote o endereço.



Não consegui dormir direito, então acordei cedo. Estava ansiosa para conhecer Mathias, não sabia como tudo isso iria funcionar. Com tempo, eu aproveitei para caprichar no visual. Sabia que eu era bonita nos meus 1,80 de altura, com todo aquele corpo de passista de escola de samba, como bem disse minha chefinha, a mãe do Júlio. Apesar de alta, eu tinha corpo estilo violão e sempre atraí olhares masculinos. Com os olhos amêndoas e cabelos encaracolados, meu rosto tinha uma harmonia. Os caras diziam que minha boca os deixava pensando em coisas, mas isso não me incomodava, pois eu gostava de ser admirada, principalmente, pelos homens. Todas as mulheres deviam se amar ao ponto de gostar da admiração que causam, pelo corpo ou pela mente, não importa! O que importa é que somos lindas e maravilhosas, só por nascermos mulher.

Coloquei uma calça soltinha social preta, uma blusa bege de babadinhos na manga e botões na frente e sandálias altas de tiras marrons. Senti-me linda, preendi meus cabelos com uma presilha, os deixando um pouco frouxos e, em seguida, finalizei com um batom rosa suave. Eu estava pronta para começar o dia.

Já dentro do carro, eu fui para o trabalho ouvindo a música da legião Urbana, eu era bastante eclética, sempre gostei de música, mas não tinha um gênero específico.

Nos perderemos entre monstros

Da nossa própria criação?

Serão noites inteiras

Talvez por medo da escuridão

Ficaremos acordados

Imaginando alguma solução

Pra que esse nosso egoísmo

Não destrua nosso coração

Meu telefone tocou, era a Ju. Uma hora dessas? Devia ser sério.

— Bom dia, flor — Eu ia acabar tomando uma multa por conta dessa mania de atender ao telefone, dirigindo.

— Oi, amiga, como foi a noite? — Ela parecia triste.

— Tranquila. Eu fiquei com preguiça e mais uma vez não fui para a academia.

— Imagino, só liguei para falar com você. — **Uma porra que era só isso!**

— Vai mulher, desembucha! Você nem saiu da cama ainda, por que esta com essa voz de choro?

— Oh, Alice, a mãe do Júlio me humilhou, eu entrei no banheiro e ela me seguiu, me ameaçou e falou um monte de coisas. A mulher não presta! Foi horrível — ela choramingou.

— Por que ela fez isso? E você não se defendeu?

— Eu gosto dele, sabe? Ele não merece a mãe que tem, tadinho. — Meu coração parou com aquela afirmação.

— Mas Ju, por que ela fez isso com você?

— Porque ela é uma víbora! A mulher acha que pode dirigir a vida dele, ela consome o Júlio, fica usando a idade dela para fazê-lo voltar para o Rio e acredita que a Adriana é a melhor pessoa para ele.

— E ele? O que acha disso tudo?

— Na realidade, ele não fala muito, sempre que a mãe conversa sobre o assunto, ele desconversa. Pelo que entendi, a menina vem de uma família muito rica, que também é do mesmo ramo que a Cotax e a mãe dele quer fundir as empresas.

— Entendi, fique tranquila, vai da tudo certo. Vou ter que desligar agora, estou chegando ao trabalho. A noite, eu te ligo.

— Ok, amiga. Obrigada por me ouvir.

Estacionei o carro e entrei no prédio. Ainda estava quase vazio, quando entrei no elevador. Antes do mesmo fechar a porta, alguém colocou o braço na frente e entrou. Suspirei, ele estava particularmente lindo naquele dia, delicioso

naquela calça e camisa preta e gravata cinza.

— Bom dia.

— Bom dia — Ficamos calados, senti que ele evitava me encarar. No segundo andar, a porta abriu e o Juliano do financeiro, entrou.

— Bom dia. — Ele sorriu para mim.

— Bom dia, Juliano. Como vão as crianças?

— Traquinas, uma benção. — Rimos um para o outro. Ele era louco pelos filhos, eu achava isso muito fofo. Percebi que meu chefe estava inquieto, não olhava para ninguém em particular, mas bufava e apertava sem parar o botão do elevador, como se isso fosse o fazer andar mais rápido. Devia estar com pressa.

No quarto andar, nós descemos e ele passou na minha frente. Passamos pelos setores e as pessoas olhavam para nós e desviavam os olhos. Ele não cumprimenta ninguém? Que mal educado! Pisando duro, parecia um Deus.

Já em nossa sala, ele se virou para mim e disse:

— Por gentileza, um café bem forte e a agenda do dia, por favor. — Entrou em sua sala, batendo a porta.

Sim, senhor Deus! — Acho que ele não ouviu.

Era nossa rotina diária, eu levava o café e a agenda, sentávamos e discutíamos toda rotina do dia.

— Seu café. Ontem o senhor não cumpriu sua agenda à tarde, então vamos remarcar? — falei sentando a sua frente.

Quando levantei os olhos da agenda, ele estava olhando para mim, compenetrado, ao perceber a indiscrição, ele tossiu e bebeu o café.

— Bem, eu preciso rever com a dona Laly, as contas da viagem à Grécia — falou colocando a xícara na mesa. — Achei o valor muito alto para uma pequena viagem de reconhecimento.

— Concordo, mas isso acontece, porque as reservas sempre são feitas de última hora e a data escolhida foi em alta temporada, o que deixa tudo muito caro. Deveriam ser feitas com meses de antecedências e com mais calma — expliquei.

— Humm, como a senhora sabe disso? — perguntou, realmente interessado.

— Porque trabalhei meses com ela, antes de ser sua assistente.

— Humm, interessante! Quero a senhorita presente na minha conversa

com ela.



A reunião com a Dona Lely foi bastante proveitosa, além de ela tecer bastantes comentários positivos sobre mim, ele ficou satisfeito com minha atuação e pediu uma representação de ideias minhas para a próxima reunião, que aconteceria na semana seguinte. Quem sabe eu não ganharia uma promoção? Seria bom respirar outros ares e parar de vê-lo tão perto todos os dias.

Almocei na minha própria mesa, pois tinha muitas coisas para resolver. Estava feliz, pois adorava desafios. Isso trazia novas perspectivas de crescimento, era bom ter o seu talento reconhecido e, eu sabia que podia mais.

As horas passaram rápido. Quase no fim da tarde, eu recebi o telefonema da recepção avisando que tinha alguém me esperando, devia ser o Mathias. Então pedi para que ele subisse e para o porteiro guardar suas malas em meu carro.

Entrou um deus grego em minha sala, todo sorrisos para mim. Senhor que homem! Moreno, da minha altura mais ou menos, cabelo estilo militar, puro músculo em sua camiseta branca; calça jeans colada e tênis all star. Os olhos eram de um azul profundo, parecia um modelo de capa de revista.

— Alice, não é? Sou o Mathias, muito prazer.

— É um prazer conhecer você Mathias! — Acho que babei.

— Me chame de Matt. Sua irmã fala muito de você. — Lindo e simpático.

— Imagino! Aguarde só um pouco, pois vou arrumar umas coisas aqui e já vamos para casa — falei quando minha voz saiu!

— Claro, fique a vontade.

Quando estávamos nessa conversa, a porta da sala de Júlio abriu e a personificação da frieza saiu de lá. Com a mão na cintura, o seu olhar não deixava o Matt por nada, parecia que com um olhar, ele mataria o cara. Eu não entendia as mudanças de humor bruscas dessa criatura, parecia odiar todo mundo que entrava nessa sala, principalmente, se fosse homem.

— Posso ajudá-lo?

— Não, eu estou esperando a Alice.

— Júlio Cesar, meu chefe. Mathias, um amigo. — Apresentei os dois para não ser mal educada.

— Prazer. — Mathias falou, apertando a mão dele.

— Prazer. — Ele respondeu friamente e entrou em sua sala.

— Vamos? — Matt olhava para porta, que meu chefe bateu.

— Vamos. Ele é sempre assim, simpático? — perguntou com um pequeno sorriso.

— Sempre — respondo e saímos sorrindo.

A viagem até minha casa foi tranquila, conversamos amenidades sobre a cidade e sua população, evitei fazer perguntas sobre ele. E apesar de achá-lo lindo, eu não senti atração nenhuma. Ele era uma pessoa boa para conversar, parecia um espírito do bem, creio que me faria bem, conviver uns tempos com ele.

Ele gostou da vista do meu AP, e se sentiu em casa. O quarto de hóspedes era pequeno, mas ele trouxe poucas coisas, então coube tudo no armário. Achei interessante a forma como ele arrumava tudo. Era bem organizado, tudo por cores. O cara trouxe mais de cinco perfumes importados, afirmando que não conseguia viver sem eles.

— Você fala português tão bem, estranho você não conhecer Salvador — Minha curiosidade venceu e não resisti em perguntar.

— Já conheço sim, eu vim várias vezes aqui, mas a negócio. Nunca vim de férias, sem compromisso. — **Sorri para ele da poltrona em que estava sentada, mas pensando em estrangular a vaca da minha irmã, criatura mentirosa.**

— Que bom. Mas por que Salvador?

— E por que não? Cidade linda, Sol, cerveja gelada, e aqui estou eu — ele falou sorrindo, não me convenceu, mas por hora deixei pra lá.

— Então, amanhã vou trabalhar cedo, o que pretende fazer o dia todo? Porque só terei tempo no fim de semana, ou à noite.

— Você não deve se preocupar comigo, durante o dia, eu me viro e a noite, nós saímos — falou piscando para mim.

— Então, eu vou dormir. Tem comida na geladeira, é só se servir. Boa noite.

— Boa noite. Alice?

— Sim. — Me virei e olhei para ele.

— Obrigado por me aceitar em sua casa, pode ter certeza que não vou atrapalhar você.

— Ok. Boa noite.



Durante a semana, nós entramos em uma rotina bem interessante; sempre saíamos à noite para alguma boate ou barzinho, no carro do Matt. Ele comprou um Tucson SUV branco, lindo. Eu adorava dirigir o carro dele, perguntei o motivo de ele simplesmente não ter alugado um, mas ele deu de ombros como se isso fosse mero detalhe.

Andar com rico era outro nível, adorava quando ele me ensinava os tipos de vinhos, falava sobre os tipos de cerveja e o país de onde elas vinham. Ele era fluente em quatro línguas e conhecia o mundo todo. Eram tantos os locais exóticos que ele contou que conheceu e suas viagens de negócios.

As mulheres o comiam com os olhos, mas ele parecia nem enxergar, eu acredito que em algum lugar do mundo, tinha alguém que era dona do coração dele. Às vezes, eu o pegava com os olhos saudosos, olhando pela janela, era um homem alegre, mas muito enigmático, era difícil decifrar o que ele pensava.

Acordávamos cedo todos os dias e íamos correr pela orla. Minha geladeira agora tinha todos os tipos de comidas saudáveis. Era bom ter alguém que cuidava de mim, pois há muito tempo, eu não sabia o que era isso.

Já no trabalho, o meu chefe andava mais calado, parecia um leopardo enjaulado. Às vezes, eu o pegava me olhando. Sempre que eu percebia, ele tirava os olhos e olhava para o outro lado.

No terceiro dia do Matt na Bahia, eu recebi flores com um cartão de agradecimento pela noite e olha que só fomos ao cinema ver uma comédia, coisa que ele nunca tinha feito.

Ele disse que só tinha tempo para assistir na madrugada, em sua sala de cinema em casa. Foi muito engraçado vê-lo comer pipoca e olhar para as pessoas ao nosso redor com curiosidade. E os sustos que ele levava quando elas riam de alguma cena, era impagável. Ele parecia estar descobrindo um mundo novo, no fim, ele relaxou e damos muitas risadas do filme.

Na hora em que o Júlio entrou na minha sala, ele deu de cara com as flores no jarro, parou e olhou para elas e continuou a caminhar para sua sala, calado.

Já lá dentro, eu só ouvi o tombo da cadeira, entrei rápido na sala, achando que ele tinha caído. Ele se encontrava apoiado na janela com as duas mãos, olhando para rua através do vidro, parecia muito nervoso e a cadeira se encontrava do outro lado como se tivesse sido lançada.

— Senhor, Júlio Cesar?

Antes de terminar a frase, eu me encontrava imprensada na mesa com ele tomando minha boca num beijo quente, ele me sugava como se dependesse disso, parecia desesperado.

— Você ainda vai acabar comigo e com meus planos — ele falou me soltando do mesmo jeito abruito que me pegou. — Saia da minha sala e, eu preciso de uma água.

— Saia da minha sala? Você pensa que está falando com quem? Diga-me, por que você faz isso? Não sou seu brinquedo, você não tem esse direito — falei, já desesperada. Aquela situação não era saudável, nem para mim e nem para ele, não poderíamos viver assim. — Você parece um ser bipolar, não sei como lidar com homens como você. Qual o seu problema?

— Peço desculpa, eu realmente não tenho nenhum direito sobre a senhorita, não costumo me envolver com funcionárias, temos que manter a ordem nessa empresa. — Filho da puta, já parecia calmo e compenetrado, ele ia me deixar louca. O que esse homem tinha? Tantos peixes no mar e, eu fui logo olhar para esse tubarão. Sempre fui louca, mas dessa vez, eu estava me superando. — A senhorita pode trazer meu café, por favor?

— Não posso. O senhor pode pegar seu café! — E espero que esteja bem quente e queime sua língua! Fiquei com vontade de complementar. Ele me olhou como se eu estivesse enlouquecido.

Saí da sua sala e fui para cantina, depois de duas latas de coca cola, eu me acalmei e voltei para minha sala. Não encontrei a sua agenda e sua xícara estava em minha mesa, vazia. Aprendeu o caminho do cafezinho? Agora ia ser assim. Perto da hora do almoço, ele saiu da sala, deixou um bilhete e sua agenda na minha mesa. Saiu sem falar nada. Talvez tivesse sido meu olhar mortal para ele.

No bilhete dizia que tinha ido almoçar com a mãe e que não voltaria mais naquele dia e me desejou um bom fim de semana. Hum! Pensei em soltar os cachorros mais vezes, pois talvez assim, ele aprendesse bons modos? Palhaço!

Depois do almoço, eu voltei para sala onde tinha esquecido meu telefone, já tinha duas chamadas da Ju. Jesus! Como alguém pode esquecer a melhor amiga assim? Fiquei de ligar para ela e acabei me esquecendo.

— Oi, Ju. Perdão amiga, eu me esqueci de retornar a ligação. — Já fui pedindo desculpa, ela devia estar revoltada comigo.

— Como você tem coragem de arrumar um namorado e não me contar? — Ela foi logo falando, parecia histérica.

— Namorado? Que namorado? Ficou louca?

— O Júlio Cesar falou que você estava namorando. — Tinha que ser ele, além de mal educado, ainda era fofoqueiro.

— De onde ele tirou essa ideia? Ah, deve ser sobre o Mathias.

— Quem é esse Mathias? Por que não estou sabendo dele? — **Menina ciumenta.**

— A minha irmã me pediu para hospedar o filho do amigo dela lá em casa, só isso. — Tirei a parte que o cara era um gato.

— Quero conhecer. Você me deve isso, já que me colocou numa fria com essa velha megera, mãe do Júlio. Agora tem que apresentar uns gatos para compensar. — Sabia que eu ia pagar caro por essa ideia.

— Claro, podemos marcar hoje à noite. O que acha? Amanhã é sábado e não vamos trabalhar.

— Poxa amiga, hoje eu tenho um jantar com o Júlio e a mala da mãe dele. Pode ser amanhã? — Ela já o tratava com intimidade, pelo primeiro nome. Que raiva!

— Pronto. Amanhã nos falamos, então. Você vai gostar do Matt, ele é um fofo.

— Hummmmm, Matt, é? Quanta intimidade — falou sorrindo maliciosamente.

— Você chama Júlio e, eu não disse nada. — Sorrindo, ela se despediu.

Cheguei em casa com o beijo do meu chefe na cabeça. Homem confuso. Não sabia o que ele queria, vivia rodeado de mistérios.

Meu colega de casa estava arrumado e perfumado, todo social e apetitoso.

— Vai para onde todo lindo assim? Posso ir junto?

— Deve! Estava esperando a senhorita chegar. Eu conheci uns amigos hoje e vamos jantar com eles — ele falou sorrindo e tomando uma dose de uísque, que agora não faltava lá em casa.

— Muito bem. Vou me produzir então. Pelo jeito, o local era bem chique — falei analisando as roupas que ele usava.

— Muito! Comprei um presente para você, creio que vai servir — falou sorrindo.

Como adoro presentes, eu fui logo correndo para meu quarto para ver o que era. Ele deu gargalhada da minha corrida para o quarto.

Na minha cama estava o vestido mais lindo que já vi. Ele era de um verde escuro todo cheio de pedrinhas, que caia lindamente até meus joelhos. De uma alça que valorizava minha altura e meu corpo como uma segunda pele. Fiquei encantada! Homem nenhum me deu um presente daqueles. Nem o Caio, que namorei por tanto tempo.

— Não posso aceitar Matt! — falei voltando para sala com o vestido na mão.

— Claro que pode. Ficarei muito chateado com você se não aceitar, Alice. Escolhi com muito prazer, você é uma amiga muito importante. Há muito tempo, eu não me identifico com alguém assim — ele falou me abraçando. Um abraço que os irmãos davam. Achei tão fofo, o carinho dele parecia tão sincero.

— É muito caro esse vestido e, eu não tenho como retribuir — argumentei.

— Seja sempre essa menina linda e minha amiga. E, além do mais, eu posso pagar — ele falou, sorrindo arrogante.

Senti-me uma princesa naquele vestido, preendi meu cabelo em um coque frouxo para valorizar meu pescoço e calcei um salto preto. Dei uma volta na frente dele e perguntei o que ele tinha achado.

— Linda! Parece uma rainha. Vou ser o homem mais admirado e odiado da noite. — Adorava a forma que ele me abraçava, pois me sentia protegida. Ele era um grande amigo.

Sáímos para noite. Ele foi dirigindo, fomos para o *Mercato di vino*, um restaurante especializado em vinhos. Já tinha ouvido falar, mas nunca tinha entrado. Fui apresentada aos seus novos amigos, dois senhores de mais de trinta anos, todos investidores da bolsa. Acompanhados de suas namoradas, pessoas muito agradáveis, que vinham sempre a Salvador. Uma das senhoras me falou que eles eram do Sul.

O Matt estava muito sério, como um homem de negócio. Parecia um lobo a procura de sua presa, e pelo jeito, aqueles homens eram investidores em potencial e ele estava de olho neles. Era um verdadeiro lobo em pele de cordeiro, gostei dessa sua faceta, ele ficava muito sexy.

Sentia que era observada, quando virei à cabeça, eu dei de cara com o olhar frio do Júlio Cesar e a Juliana, acenando do seu lado. Não tinha como fugir disso, então, eu os mostrei ao Matt e falei que iria cumprimentá-los; ele disse que não seria de bom tom, e que quando estivéssemos de saída, nós dois iríamos. Claro que ele falou no meu ouvido para que ninguém ouvisse, acenei discretamente para eles e tomei um pouco de vinho da minha taça.

Maldita etiqueta! A Juliana fazia gestos apontando o banheiro. Discretamente, eu me levantei e disse que iria ao toalete. Todos os homens da mesa ficaram de pé, povo educado. Torci internamente para que nenhuma das damas dissesse que também queria retocar o batom.

Chegando ao banheiro, nós duas olhamos para ver se não tinha mais ninguém lá, e gritamos, nos abraçando e sorrindo.

— Alice, você está uma rainha. Que homem lindo é aquele? — perguntou enquanto eu rodopiava em sua frente. — Parece um príncipe!

— É o Mathias. Foi ele que me deu esse presentinho, mas é só um amigo, não temos nada. Ele está passando as férias lá em casa. Pelo jeito foi o pai dele que preferiu que ele não ficasse em nenhum hotel. Mas e você? Como vai com as cobras?

Ela fechou a cara, parecia muito triste. Eu me senti mal, porque fui eu que a coloquei naquela situação. Abracei-a forte.

— O que foi amiga? Desculpa, por ter te colocado nessa situação.

— Não estou triste por mim, eu juro pra você, mas fico triste por Júlio, amiga. Você não tem noção de quem é aquela víbora, a mulher não merecia ter sido mãe de ninguém, ela trata o filho como um estorvo. É só o que interessa a ela, não tem uma gota de carinho ou respeito naquela criatura.

Agora, eu entendia o motivo do distanciamento dele. Ele não conhecia carinho e amor de mãe, quem era realmente o Júlio Cesar?

— Mas graças a Deus, amanhã elas voltam para o Rio. Parece que ela tem alguma festa beneficente para ir e não pode faltar. Sei disso, porque ele falou que a partir de amanhã, estaria livre dele — Ela disse isso num tom triste, como se fosse sentir falta.

— Mas vocês podem continuar a serem amigos, não é? — Custou meus rins dizer isso, mas não podia deixar de emprestar meu ombro para minha melhor amiga.

— É, nós podemos. Vamos! Vamos voltar antes que venham nos buscar no banheiro.

Voltamos para nossas mesas. Sorri e Matt se levantou, puxando a cadeira para mim, ele era um cavalheiro. Ele já tinha pedido meu prato e jantamos num clima descontraído. Olhando sempre de esguelha para a outra mesa, notei que meu chefe não tirava o olho de nossa mesa, sempre com uma cara séria.

Na sobremesa, que eu, educadamente dispensei, resolvi retocar a maquiagem, pois depois dali iríamos todos a um pub bar. Ao sair do banheiro, eu

dei de cara com Júlio Cesar, me esperando na porta do banheiro.

— Boa noite, dona Alice!

— Boa noite.

— A senhorita está muito bonita. Ele é seu namorado?

— Por quê? Com licença, pois estão me esperando.

— Por que a pressa? O seu namoradinho não pode esperar você voltar? Ele é ciumento? Ele sabe o que aconteceu entre nós?

— O senhor ficou louco? Eu não consigo te entender. Diz que não quer nada comigo, que não se envolve com funcionárias e agora está aqui sendo grosseiro e me lembrando da minha indiscrição, que por sinal já esqueci. — Já estava no meu limite com ele. — Com licença. Eu não lhe devo satisfação da minha vida, e vá cuidar da sua.

Ele puxou minha mão olhando nos meus olhos e disse:

— Você tem razão. Eu sou uma canalha, me perdoe. — Consegui me soltar e saí do banheiro, abalada por seu olhar triste.

— Aconteceu alguma coisa? — Matt perguntou.

— Não, tudo tranquilo. Vamos?

— Vamos passar na mesa do seu chefe e depois vamos.

Passamos na mesa do Júlio, cumprimentamos todos e coloquei um bilhete na mão da Ju, dizendo qual local eu estaria mais tarde. Ela sorriu para mim, entendendo tudo. Antes de sair da mesa deles, a mãe dele tinha que cometer uma indiscrição!

— Você é filho do Grey? Aquele dos cassinos, na Austrália?

— Sim — Matt respondeu, educadamente.

— Conheço muito seu pai e fui muito amiga da sua mãe. Não sei se você se lembra dessa época, mas ela era uma dama maravilhosa e muito linda, pena que a doença a venceu — falou antipaticamente. A mulher era uma cobra, transbordava arrogância. Tadinho do Júlio Cesar. — Você sabe que a Alice é nossa secretária?

— Sei sim. Foi um prazer reencontrá-la, mas temos que ir. Boa noite a todos.

Olhei para o Júlio, que estava encarando a nós dois como se quisesse nos matar, e Juliana olhava muito triste para mim. Só a Adriana parecia alheia às coisas que aconteciam.

— Mulher arrogante e idiota — falei bufando.

Rindo, Matt disse: — Não ligue Alice, ela não merece sua raiva, ela já vai sofrer quando descobrir que seu filho está encantado pela secretária que ela tanto despreza.

Olhei para ele, espantada, ele só devia estar maluco, como podia achar isso? O Júlio Cesar era um ogro, mal educado e não se encantava com nada a não ser consigo mesmo.

— Qual foi o espanto? O cara anda caidinho por você, desesperado, não tirava os olhos de nossas mãos juntas; ele parecia doente com a ideia de ter outro homem ao seu lado.

— Você anda delirando — falei entrando no carro dele.

A noite terminou perfeita, a Ju nos encontrou no Pub, dançamos e cantamos no Karaoquê. A Juliana ficou encantada pelo Matt e ele foi um cavalheiro com ela, muito divertido. Voltamos para casa pela manhã.

A minha amiga dormiu lá em casa, estávamos muito bêbados para dirigir até o bairro da Pituba, onde ela morava. Acordamos umas dez horas e fomos para praia tomar um Sol e beber água de coco para curar a ressaca.

Deitamos numa espreguiçadeira enquanto o Matt nadava um pouco, fiquei de papo com a Juliana o olhando pular as ondas.

— Alice, você já percebeu que o Matt é gay? — Hummm? **De onde essa garota tira essas ideias?** — Fico vendo vocês dois juntos e fico preocupada de você de se envolver.

— Da onde você tirou isso?

— Amigo homem nenhum é tão legal assim. Morando com uma mulher gostosa como você e não tentar nada? Ele te dá presentes, toques de etiqueta, te abraça como se fosse um irmão mais velho, é todo carinhoso. Ele é gay e está sofrendo de amor por alguém, por isso veio parar aqui.

Será que essa louca sanguinária tinha razão? Realmente era estranho o comportamento cavalheiresco dele. Eu precisava descobrir essa história, mas não faria isso com a Ju por perto.

Voltando da água, Mathias sacudiu o cabelo em nós duas, gritamos juntas e corremos atrás dele, rolando na areia. Rimos muito.

O dia foi maravilhoso. À noite, resolvemos ir ao shopping comprar um batom que a bandida da Ju queria muito, ele não se negou e ainda deu um palpite na cor, já estava quase concordando com ela sobre ele ser gay. Ele não era afeminado, era másculo até demais. Comemos em um restaurante japonês, por lá

mesmo, e depois fomos ao cinema. Há muito tempo não nos divertíamos tanto, foi um fim de semana memorável. Domingo à noite, eu resolvi fazer o teste com o Matt. Saí do banheiro de toalha e deixei cair na frente dele na sala, precisava saber, sei que era arriscado, mas tinha que saber.

Ele sorriu e olhou novamente para a TV, totalmente focado. Estranho demais! Uma decepção. O mundo era gay! Minha irmã precisava se informar melhor sobre os caras que mandava para mim, porque se dependesse deles, eu nunca iria desencalhar.

— Matt, eu posso te perguntar uma coisa? — **Eu seria direta com ele.**

— Sente aqui, Alice, eu sei o que você quer saber — ele falou sorrindo batendo no sofá, ao seu lado. — Mas vá vestir uma roupa primeiro.

Voltando vestida para sala, eu me sentei perto dele, ele deitou no meu colo e ficou calado por um tempo.

— Escolhi Salvador porque há muito tempo conheci uma pessoa muito importante para mim; eu sempre trabalhei muito, apesar de rico, meu pai nunca me deixou de fora da empresa. Fui criado para substituí-lo quando ele morrer, e assim, eu cresci, uma máquina chamada trabalho. Em uma das minhas viagens a Las Vegas, onde fui conhecer nossas novas entalações, eu conheci o Luciano. Sempre tive atração por homens, mas minha relação foi só com as mulheres, aliás, muitas delas e, eu não tinha problema com isso. Mas o Lu mexeu comigo, foram duas semanas perfeitas, onde fui eu mesmo e vivi uma paixão intensa com ele. Foi meu primeiro homem, descobri que era disso que eu gostava. Ele era baiano, sabia? Amava Salvador, seu sonho era voltar para casa, falava muito daqui. Eu conheço cada ponto dessa cidade através do seu olhar. Mas meu pai descobriu e o demitiu, ele era funcionário do nosso cassino resort. Houve uma discussão enorme entre nós dois, pois ele não aceitava que seu único filho fosse “diferente” — Ele falava saudosamente, lágrimas brilhavam em seus olhos, fiquei arrasada por ele, imaginava como devia ser difícil para ele.

— Oh, meu amigo. — Beije sua cabeça. Sofri por ele.

— Ele morreu Alice, morreu e não soube que foi amado por mim — Meu Deus! Sua história era mais triste.

— Morreu e, eu só soube depois de meses, quando tive certeza que não podia mais viver sem ele. Eu voltei a Vegas, procurei por ele, mas já foi tarde; ele morreu de insuficiência respiratória, sozinho em um hospital e, eu não estava lá, seu corpo voltou a Salvador, como ele queria. Eu paguei tudo para que assim fosse, surtei por uns meses, bebia todos os dias, vegetava... meu pai já não sabia o que fazer, mas sei que não era aquilo que o Lu queria para mim. Eu precisava

viver por ele. — Choramos muito. Que historia triste.



Acordei meio deprimida na segunda-feira, fiquei até altas horas conversando com o Matt, era muito triste ver alguém tão doce sofrendo, ele sentia culpa por não ter ficado nos últimos momentos com seu amor, mas não era culpa dele, o pai fez chantagem emocional e ele teve que voltar ao Brasil, achando que o pai tinha infartado com a notícia de seu romance, ele não podia imaginar que o Luciano teria uma crise respiratória, e que isso o levaria a morte.

Que trágico amar alguém tão intensamente e depois perdê-lo. Deus me livre de acontecer essas coisas comigo. Eu não tinha estrutura para viver essa situação.

Chegando ao escritório, meus pensamentos foram ao encontro do Júlio Cesar, ele era o homem mais estranho que conhecia, não podia imaginar o que ele andava pensando, ultimamente mudava de humor de modo repentino e, sinceramente, eu não sabia como lidar com esse novo chefe; raivoso e malcriado. O Matt achava que era ciúme, mas eu duvidava. Por que ele nunca falava nada? Homens!

Dei bom dia a todos onde passava. Entrando na minha sala, eu dei de cara com o telefone tocando, corri para atender e fiquei assustada com o telefonema. Peguei a bolsa e saí correndo, de volta a rua.

Capítulo cinco

Júlio Cesar

Lá vinha ela, o tormento de minha vida, a mulher mais linda que tive o prazer de conhecer e a mais complicada também. Uma megera de saias.

Ela fazia de propósito quando vinha com aquela saia preta, todos os homens viravam para olhar, por que ela não prendeu aqueles cabelos? Que vontade de colocá-la em meu colo e dar umas palmadas naquela bunda. E que bunda! A mulher era um furacão de sensualidade.

Desde o primeiro dia em que coloquei meus olhos nela, senti um calafrio, sabia que teria problemas. Passei meses de banhos frios; ela fazia de propósito, se vestindo sedutoramente, todos os dias, todos os homens daquele escritório a desejavam, eu não era uma exceção, mas não era para mim que ela sorria, mas para todos os outros. Alice sabia o nome de todos, era simpática, perguntava pela família; comigo era somente palavras de depreciação, ainda me achava um gay. Mostrei quem era homossexual, ela viu, paguei caro por isso, pois passei a viver atormentado com a visão daquela boca me lambendo e sua boceta me engolindo. Eu era um homem perdido, precisava exorcizá-la da minha vida.

— Bom dia, chefe?

— Bom dia, dona Alice, me desculpe, mas sofri um pequeno acidente e o médico disse que não posso dirigir.

— Mas o que houve? Sua cabeça está enfaixada — Ela parecia aflita.

Eu estava ali, na porta daquele hospital, numa cadeira de rodas, com a cabeça enfaixada, doido para voltar para casa e a doida querendo fazer entrevista?

— Em casa conversaremos. Me tire daqui, por favor?

— Preciso falar com seu médico primeiro, como vou saber seu estado? Se tiver remédios para lhe dar? Não, o senhor aguarde aqui, pois eu já volto.

Ela era meu carrasco e o pior, é que eu não podia sair dali sozinho, ficava tonto quando levantava e o médico disse que era normal por conta da pancada que levei na cabeça. Ele disse que ficaria assim por uns dias. Tudo culpa dela.

Tudo começou quando aquelas malditas flores chegaram lá no escritório, achei que o Mathias era mais um casinho bobo, mas ela recebeu flores, saía para jantar e eram todos sorrisos um para o outro, não sei como consegui terminar aquele jantar, fiquei com vontade de socar a cara daquele idiota, todo solícito e

cavalheiro, defendendo-a da minha mãe. Todo metido a garanhão.

Mas não podia me envolver nessa história, não era o momento, a Alice não podia mudar minha meta, virar minha cabeça, pois tinha propósitos a serem cumpridos e ela era uma distração e, eu tinha que esquecê-la. Quando pensei que tinha tudo sob controle novamente, eu a vi naquela praia de biquíni rosa, minúsculo, rolando na areia com o babaca. Fiquei possesso e bati o carro. Maldita mulher!

Ela chegou com o médico, sorrindo, por que ela tinha que ser simpática com todos os homens que encontrava? Megera! Estava me tornando um louco ciumento.

— Parabéns, Sr. Júlio Cesar, a sua secretária é muito dedicada — falou, sorrindo para ela.

— Obrigada, Dr. Eduardo, eu só faço meu trabalho. — Sorriu contente.

Ele só faltava a engolir com os olhos, sei bem o que estava pensando, porque ela era deliciosa desse jeito. Mulher maldita!

— Não queria mandá-lo embora hoje, senhorita Alice, mas o mesmo insistiu e assinou um termo de responsabilidade, ele se encontra em um estado de choque por conta do acidente, por isso fica tonto ao colocar os pés no chão, mas tomando esses remédios, até o fim da semana, ele ficará bem. Nesse caso, um bom descanso e nada de muito esforço.

— Pode deixar doutor, vou cuidar dele.

Eles comentaram como se eu não estivesse ali, ou se fosse um inválido.

Eu falei:

— Não vejo necessidade, foi uma pequena pancada e, eu sei cuidar de mim mesmo, dona Alice! Não fiquei inválido — Eles me ignoraram e continuaram se olhando como se eu não estivesse ali. — Estão me ouvindo?

— Ah! Senhor Júlio, claro! O doutor só quer ter certeza de que tudo ficará bem, pelo que percebi, o acidente foi sábado e o senhor ainda se sente mal ao se levantar — ela falou toda melosa para o doutor. Mulheres! Não podem ver um jaleco branco, que se derretem.

— Ok! Então vamos embora. Obrigado, doutor. Vamos, dona Alice? — perguntei, ansioso para sair dali.

— Sim, claro. Muita obrigada, Dr. Eduardo, foi um prazer conhecê-lo.

— O prazer foi todo meu, Alice. Qualquer coisa pode me ligar, você tem meu número? — Olha a cara de pau do cara, querendo pegar o número do

telefone dela. Eu já estava a ponto de socar a cara dele, se tivesse minha automática ali, ele não estaria mais vivo. Ultimamente, eu andava com meus instintos assassinos a solta, tudo por culpa dela.

— Tenho sim, o senhor me deu quando estávamos na sua sala. Precisando, ligaremos, não é mesmo, seu Júlio? — falou fazendo cara feia para mim. Eu sabia que estava sendo mal educado com o médico, mas o que ela queria?

Depois do constrangimento de precisar de dois enfermeiros para me colocar no carro, conseguimos sair do hospital.

— Obrigado por atender meu pedido de ajuda, a senhorita sabe onde moro? — perguntei receoso, ela estava muito calada. — Pode me deixar na portaria que dou um jeito de chegar à cobertura.

Não a deixaria entrar na minha casa, minha sala já era um inferno, ficava vendo ela naquela mesa, com as saias levantadas, aquele beijo, nossos corpos se completando... não a deixaria entrar no único lugar o qual eu não tinha lembranças dela.

Ela fingia que nem me ouvia, parecia chateada com alguma coisa e era imprudente no trânsito, cortava os carros, falava mal dos motoristas, ainda colocou o som bem alto.

Desliguei o som e, ela me olhou com raiva, mas continuou calada, eu fechei os olhos, não pretendia ficar olhando ela quase nos matar com aquele mini carro, mal me cabia nele.

Eu era um homem adulto agora, não mais aquele garoto medroso, que vivia se escondendo das pessoas, com medo de ser punido por existir. Consegui vencer essa fase da minha vida, ficou no passado, não voltaria para lá de novo, então não seria uma mulher gostosa que me faria mudar minhas ideias, ela era só uma distração, tinha certeza que esqueceria, só precisava fazer com que ela não invadisse minha casa.

— Chegamos. Vou pedir ajuda ao porteiro para colocar o senhor na cadeira de rodas — falou saindo do carro, estava me sentindo uma criança ignorada.

Fui colocado na cadeira, pelos seguranças do prédio e transportado até o elevador. Quando virei para agradecer, ela já estava dentro do elevador, subindo comigo e me olhava feio, não tinha como fazer uma cena ali.

Pegou a chave e abriu a porta, onde ela encontrou essa chave? Dava ordens aos seguranças como se fosse a chefe deles e todos obedeciam. Ela daria

um bom general de guerra.

— Pode colocá-lo no quarto, mas o coloquem deitado e cuidado com a cabeça. Isso, mais um pouco para o meio da cama.

Eu estava me sentindo um móvel. Para completar, ela abriu minha carteira e deu uma gorda gorjeta aos homens.

Estava cansando e sonolento, adormeci antes de pedir para ela ir embora da minha casa, não podia acabar com meu sossego ali.

Capítulo seis

Alice perdeu o coração.

Estava muito zangada. Como esse homem sofre um acidente e não me avisa? Fiquei de coração partido ao vê-lo sozinho na porta daquele hospital, fiquei calada no caminho para casa dele, mas tinha vontade de gritar, como alguém consegue viver assim, sozinho? Parecendo um cão sem dono desde sábado em um hospital, totalmente abandonado. Se o acidente fosse grave, e ele tivesse morrido? Não queria nem pensar nisso.

Fiz uma sopa, liguei para o seguro do carro e para o escritório, avisando a dona Lely sobre o ocorrido. Resolvi por telefone, todas as suas pendências e agendei as reuniões para próxima semana. Matt me traria algumas peças de roupas para que eu pudesse tomar um banho.

Já estava na hora do remédio.

— Senhor Júlio, acorde, tem que tomar o remédio — Ele parecia um menino abandonado, carente e lindo.

— Dona Alice? A senhorita ainda está aqui? — Ele parecia amedrontado, do que ele tinha medo?

Por que tanta resistência em pedir ajuda?

— Claro, não costumo negar ajuda, além do mais, o senhor não pode sair dessa cama por enquanto, se quiser, eu contrato uma enfermeira.

— Não pedi sua ajuda, a senhorita é uma enxerida, posso cuidar de mim — falou tentando levantar. — Ai minha cabeça. — Caiu no travesseiro, gemendo.

Bem feito, precisava de ajuda e ainda era malcriado. Homens não sabiam lidar com doença.

— Vamos que eu lhe ajudo a sentar. Tome aqui, o copo de água e o comprimido. Isso tome tudo.

Deus me dê paciência! O homem era um ogro, mas estava doente e, eu ia tentar não bater nele.

— Liguei para o seguro, eles já estão providenciando tudo. E tudo tranquilo no escritório. Gostou da sopa? — falei sorrindo para ver se alegrava a criatura, mas ele me olhou como se fosse avançar em mim e me matar. Em seguida, rosnou:

— Não gosto de sopa. Estou tomando, porque estou com fome, a comida

do hospital era horrível — Era um mal agradecido.

— Como foi esse acidente, senhor Júlio, por que não me ligou? Não deveria passar por isso sozinho — falei sentando em sua cama, tentei ser simpática, já que ele estava doente.

Ele virou o rosto para o lado como se tivesse ferido, magoado, o que esse homem passou na vida para ser tão sisudo?

— Foi distração no trânsito, quando tentaram me tirar do carro, eu acabei caindo de cabeça no chão, por isso tive contusão.

— Por que o senhor não me ligou? — Imaginá-lo sozinho naquela calçada, sem família e amigos, sem mim, eu ficava arrasada, meu coração sangrava.

— Não foi necessário. Fui levado ao hospital por uma ambulância e o resto você já sabe — falou, friamente, tomando a sopa.

— Tudo bem? E se o senhor morresse?

— Minha família seria comunicada pelo plano. — O cara era um ogro e ingrato. Resumindo, ele quis dizer: não preciso de você! Homem idiota.

Sai do quarto, chateada, mal educado. Eu tentando ajudá-lo e ele me trata como se eu fosse um incômodo? Pois ele que ficasse sozinho com seus problemas, naquele apartamento branco, sem graça, parecia que ninguém morava ali, não tinha nada fora do lugar, tudo branquinho; devia ter sido decorado por alguma empresa especializada, era muito impessoal e frio.

— Dona Alice, Aliceeeeeeee! — gritou do seu quarto.

Tomara que sua cabeça exploda de tanto doer, filho da puta! —, pensei.

— Oi. — Voltei para o quarto, totalmente, de mau-humor. — Já estava de saída.

— Como assim, de saída? A senhorita ia embora e me largaria sozinho? Doente? — Ele era muito bipolar.

— Mas foi o senhor que disse que não precisava de ninguém, não foi?

— Não estou me sentindo bem, acho que é minha cabeça. — Fez uma cara de um cachorro vira-lata. Definitivamente, homens não sabem lidar com doença.

— A minha cabeça toda está doendo, preciso descansar mais um pouquinho. A senhorita pode usar o quarto de hóspedes. — Fez cara de quem estava morrendo, se acomodou no travesseiro e dormiu.

Homem maluco, não sabe o que deseja!

Poderia chamar a Ju para ajudar, sei que estava sendo egoísta, mas não queria dividi-lo com mais ninguém, pelo menos dessa vez.



Passei a noite na poltrona do quarto, fiquei com medo de não vê-lo passar mal, mas graças a Deus dormiu a noite toda, só acordou uma vez para tomar remédio. Eu estava com o corpo todo quebrado daquela poltrona desgraçada, tive pesadelos terríveis com o acidente que não vi, mas me angustiava o coração ao pensar que ele pudesse ter morrido.

Olhei para ele dormindo, parecia tão calmo, sem preocupações, um anjo moreno muito lindo. Cada vez que pensava nele, meu coração tinha mais certeza de que estava perdido, Júlio Cesar mexia comigo, sei que meu mundo e o dele não combinavam, que tinha muitos segredos em sua vida, sua alma era ferida, angustiada, mas mesmo assim, o meu coração havia sido conquistado, eu não tinha mais dúvidas. Entretanto, ele nunca saberia, depois de sua recuperação, eu iria pedir transferência. Matt disse que a hora em que eu quisesse conhecer outros estados, ou Países, ele me arrumava um emprego e, eu estava considerando sua proposta.

Levantei, toquei sua testa para ver se tinha febre; aproveitei para fazer um carinho em sua cabeça. Ele acordou, assustado, gritando por socorro, parecia aterrorizado.

— Júlio, acorda, sou eu, Alice. — Ele abriu os olhos, confusos.

— Alice? Você veio... — ele caiu no sono novamente, como se meu nome o acalmasse.

Eu fiquei em pânico, parecia uma criança apavorada, atormentada. Deus! O que aconteceu com aquele homem para deixá-lo assim?

Capítulo sete

Júlio Cesar.

Eu era um maldito masoquista, não conseguia deixá-la partir, nem eu entendia meus sentimentos. Não a queria em minha casa, ali era meu refúgio, onde me escondia do mundo, ela não deveria ter entrado.

Acordei a noite e lá estava ela, dormindo, perto da minha cama, cuidando de mim, ninguém nunca havia feito isso, nem mesmo minha mãe, essa que deveria ter me dado amor, foi a que mais dificultou a minha infância, que mais me perseguiu e ainda perseguia. Uma mulher doente, amargurada, invejosa, preconceituosa, gananciosa, eu não suportava ficar perto dela, pois ela fazia mal a todos que passavam em sua vida, agora a vítima era a pobre da Adriana, que ela tentava iludir, para lucrar com o nosso matrimônio. Eu jamais casaria com alguém que ela impusesse.

Mas minha vingança estava próxima, não ia fugir, e ninguém iria atrapalhar, mas enquanto a hora não chegava, eu iria aproveitar o momento com Alice, precisava daquele carinho. Eu era um fraco, sei disso... Mas não conseguia resistir a sua presença, por isso não queria que ela entrasse em minha casa, tinha certeza de que não a deixaria sair antes de tê-la em todos os locais. Iria criar lembranças para conviver com elas depois que tudo acabasse.

Precisava de um banho, já não me sentia zozinho, ela não precisava saber, mas seria no banho que começaria minha sedução. Eu queria ver como ela iria se sair para me dar banho, já que eu não poderia sozinho. Sorri, imaginando a cena.

— Dona Alice? — chamei do meu quarto, fingindo uma voz fraca, ela não podia desconfiar que eu já me sentisse bem.

— Sim, o senhor quer um café? Acabei de fazer. — Eu adorava quando ela estava solícita, a ideia cada vez ficava mais concreta na minha mente. Vamos colocá-la em prática.

— Eu vou querer, mas antes, eu queria tomar um banho — falei com uma voz frágil, como se minha cabeça ainda doesse.

— Humm — Pelo que a conhecia, eu sentia que a mente dela estava maquinando, ela iria procurar alguém para me banhar e, eu tinha que agir rápido.

— A senhorita me ajuda? Já me viu nu mesmo! Creio que não terá problema com isso.

— Tudo bem — Ela me ajudou a ficar em pé, bem calma, parecia contida, com vontade de me bater, mas não podia, eu estava doente.

Fomos ao banheiro, encostei-me a pia e tentei escovar os dentes.

— O senhor consegue ficar sozinho por um momento? Só vou fazer uma ligação enquanto escova os dentes.

- Tudo bem, eu não vou sair daqui. Espero a senhorita voltar para me ajudar no banho. — Ela não sorriu.

Capítulo oito

Alice

Homens! Estava irada, tinha o descaramento de fingir que se sentia mal para me colocar em uma situação constrangedora, o que fazer? Sabia que ele estava mentindo, embora não soubesse o motivo ainda. Eu devia ligar para a mãe dele e largá-lo com ela, seria bem feito.

Meu Deus! Eu estava confusa, se voltasse para aquele banheiro, eu faria uma besteira e depois me arrependeria.

— Alô, Matt?

— Oi, princesa, como vai a vida de enfermeira?

— Me ajude, eu estou em crise com minha consciência.

— O que houve, Alice, fique calma, eu chegarei logo aí.

— Nãoooooooooooooo, calma! Eu preciso de um conselho.

Contei mais ou menos o que tinha acontecido, pois estava nervosa.

— Amiga, ele está louco por você, então aproveite o momento, e seja feliz, o amanhã é outro dia, novos problemas.

— Estou com medo. Se ficar com ele, eu não vou recuperar o meu coração, nunca mais, vou estar ligada a ele para sempre.

— É um preço baixo a pagar para criar grandes lembranças, vai ser feliz mulher, você já perdeu seu coração, apenas não tomou consciência ainda, ou não quer tomar.

— Poxa, você tem razão. Às vezes, eu não me reconheço nessas minhas fraquezas. Obrigada, você é muito importante para mim.

— Qualquer coisa, eu estou aqui e você sabe que pode contar comigo.

— Obrigada amor, obrigada mesmo.

Estava mais calma, Não tinha tempo a perder chorando, com medo, eu era a Alice, dona das próprias escolhas. Então ele quer brincar? Vamos brincar.

Voltei ao banheiro e o encontrei no mesmo local, segurando a pia.

— Foi ligar para o namorado para saber se podia me dar banho, é isso?

Parecia nervoso, chateado ou decepcionado.

— O Matt não é meu namorado. — Não iria explicar minha vida para esse malandro, fingido.

— Humm, então agora você abriga homens a sua casa?

— Posso saber para quê você quer saber de minha vida pessoal? — Eu devia empurrá-lo para vê-lo se estatelar no chão. — Vamos ao banho?

— Quero de banheira — resmungou mal humorado.

— Ok.

Coloquei a banheira para encher com sais de banhos, que encontrei no armário. Esse banho ia ser bem interessante, só de imaginá-lo nu, eu já ficava molhada.

Quando terminei, eu o ajudei a sentar na escada da banheira, que ficava no lugar mais alto do banheiro, com uma vista linda para o mar.

Comecei puxando sua camisa do pijama, senti seu hálito no meu pescoço, fiquei arrepiada. Poxa, não era justo alguém ser tão delicioso.

— Você cheira bem. já tomou banho?

— Sim — senti minha voz trêmula.

— Não está com vergonha de mim, não é? Já tivemos vários momentos juntos.

— Não estou com vergonha, afinal de contas, o senhor está doente, sofreu um acidente. Estou apenas lhe ajudando. — Ia tentar uma distância, mas o sentia chegando perto de mim.

— Você cheira bem — repetiu, cheirando meu cabelo.

Tirei a camisa dele, e tentava puxar o short, mas ele se inclinou para me ajudar, o que trouxe seu rosto para próximo do meu; não demorou muito e sua boca estava minha. Ele não beijava como doente, parecia faminto, guloso, chupava minha língua com veracidade.

Beijou meu pescoço, e sua mão foi direto para minha bunda, puxando para seu colo, eu não iria resistir e não podia, já estava envolvida. Ele tirou minha roupa com uma grande rapidez.

— Quero você em minha banheira, na minha cama, sei que você também me deseja.

— Pareço alguém resistindo? — falei lambendo seus lábios, ele atacou minha boca novamente, gemia, seu pau estava extremamente duro perto da minha barriga. Abaixei e o tomei na boca, ele jogou a cabeça para trás e gemeu mais.

— Se continuar assim, eu não vou aguentar. — Ele puxou meu cabelo, tirando minha boca do seu pau, abriu minhas pernas e começou a lamber meu

clitóris com força; passava a língua nos lábios e voltava para o ponto inicial.

— Vou gozar, porra... Ai, Deus, ai, Deus...

— Goza.

— Ai, aiiiiiiii — gritei desesperada, foi intenso e maravilhoso.

— Vem delícia, vamos entrar na banheira. Eu quero ter você na água.

Entramos na banheira e, eu sentei no colo dele e ficamos nos beijando, nos amassando, ele parecia com fome, as mãos passeavam em todo meu corpo.

— Não peguei camisinha — Ele lembrou.

— Então vamos apenas tomar banho — falei rindo pra ele, que ainda estava duro como rocha.

Passei a bucha de banho em todo corpo dele, esfreguei suas costas, seu tórax; Júlio gemia a cada passada da bucha em seu corpo, puxou meu cabelo e beijou meu queixo, minha garganta, dando mordidas leves, estava no limite.

Enquanto me esfregava em sua perna, super excitada, ele bombeava seu pau com a mão, gemíamos.

— Caralho! Se você continuar, eu vou gozar.

— Goza, venha comigo.

— Ahhh, porra... Sua sacana... Alice...

Senti seu gozo quente em minha mão, em contraste com a água da banheira, que já estava morna.

Ficamos ali, abraçados, ele era lindo quando gozava, se entregava completamente.

— Vamos sair, pois a água está ficando fria — disse com voz sonolenta.

Teríamos que ter cuidado, pois ele sofreu o acidente, recentemente, não podíamos esquecer isso.

Saímos da água, ele me enrolou na toalha e me enxugou carinhosamente, fazendo cócegas. Rindo muito, eu saí correndo para o quarto e me joguei na cama, ele veio junto, puxou minhas pernas e me beijou na boca, um beijo carinhoso, doce, calmo. Em seguida, sentou na cama e me puxou para seu colo e ficamos nos beijando, foi tão encantador, tão romântico.

— Vamos voltar para a cama ou comer alguma coisa? — Ele perguntou sorrindo. — Estou com fome, você acabou com minhas energias.

— Vamos tomar café, eu já tinha preparado, mas já deve estar frio.

Nos sentamos à mesa do café.

— Venha, quero você no meu colo, venha cá. — Ele bateu na perna. — Você ficou longe demais.

Sorrindo feito criança, eu fiz o que pediu, ele colocou um pedaço de mamão em minha boca, depois o tomou com a sua.

— Ei! Você vai me alimentar ou me iludir? — falei fazendo cócegas nele.

Passou geléia na torrada e me deu para morder. Durante o café, ele me alimentava com suas mãos e beijava em seguida, chupava minha língua com força e gemíamos juntos, foi o melhor café da minha vida.

Criamos uma rotina perfeito no restante da semana, ele cumpria ordens médicas e não foi trabalhar. Sempre que precisava, eu ia até a empresa e trazia os papéis para ele analisar e assinar. Fazíamos almoço juntos, tomávamos vários banhos de banheira, assistíamos vários filmes, jantamos em frente a janela com um bom vinho, ele era todo carinho, e em nenhum momento falamos sobre o futuro, mas estava sendo mágico, amava aquele homem e tudo nele me atraía.

Na quinta-feira à noite, estávamos deitados no chão da sala de TV, depois de fazer amor, tomando vinho e rindo do filme. Ele falou:

— Gosto do seu sorriso. — Fiquei encabulada, ele não era de elogios e nem de conversar muito.

— Obrigada!

— Você vermelha? Nunca imaginei! — Sorriu para mim e ficava lindo quando sorria.

— Apreendi a sorrir desde cedo, meus irmãos eram uns palhaços, faziam arte para nós sorrirmos e roubar nossos lanches — falei saudosa.

— Imagino, a sua risada é pura e cristalina, você ri com gosto, parece que ama tudo que faz. Admiro isso.

— Outro elogio? Vou acabar me achando. — Fiz cócegas nele.

— Para, eu falo sério! Parece que sua infância foi muito feliz, sempre morou aqui em Salvador?

— Não, vim do interior com meus irmãos, para estudar, hoje cada um mora em um local diferente do Brasil, mas somos muito unidos, nunca ficamos sem nos falar.

— Deve ter sido uma infância interessante.

— Foi sim, foi perfeito. Amo minha família, meus pais foram maravilhosos — ele olhou para mim, curioso.

— Já morreram? Sinto muito — falou com pesar genuíno.

— Já faz uns anos, ainda estava na faculdade, meu pai teve câncer e minha mãe morreu de saudades dele, eles se amavam muito. Hoje, já não dói tanto quanto antes.

— Imagino como deve ter sido difícil.

— Foi sim, mas eles deixaram uma família linda e muitos ensinamentos — falei sorrindo. — E você, como foi?

Senti que ele ficou tenso, quase nervoso.

— Não foi igual a sua, com certeza. Eu fui filho único e indesejado.

— Poxa, deve ter sido difícil.

— Muito.

Ele fez silêncio, quando achei que não falaria mais nada, ele me surpreendeu:

— Na realidade, foi horrível, estudei em colégios internos a vida toda, nunca tive permissão para voltar para casa, minha mãe não queria.

Meu coração partiu ao imaginar uma criança sendo rejeitada daquele jeito, como aquilo deve ter magoado ele.

— E seu pai? Ele não procurava você?

Ele sorriu amargamente.

- Ele não era meu pai, descobriu quando eu tinha doze anos, que minha mãe casou grávida de outro homem, desde então não suportava me olhar, passou a viver em outro apartamento, vivia, na realidade, de aparência com minha mãe. Não pode haver divórcio em nossa família, não era aceitável, então cada um foi viver sua vida e, eu fui esquecido no meio disso tudo.

Abracei-o forte com os olhos cheios de lágrimas, estava arrasada por ele, como poderiam magoar uma criança desse jeito? Era muita maldade!

— Estou com fome, vamos fazer pipoca?

Mudou de conversa, repentinamente, ele não queria lembrar e, eu não iria insistir.

— Depois que você descobriu a pipoca, ficou viciado.

Ele nunca tinha comido pipoca, dei muita risada quando ele experimentou pela primeira vez, parecia uma criança descobrindo a vida, um fofo.

— Culpa sua, criou um monstro viciado em pipoca e em você — falou

me colocando sentada de pernas abertas em seu colo, beijando minha boca.

— Tem camisinha na caixa ainda?

— Tem sim, ainda sobraram algumas:

— Bom, porque antes de matar a fome da barriga, eu vou matar outra fome que me consome.

Já estava molhada só de imaginar, peguei a camisinha e coloquei nele, beijando sua boca com voracidade enquanto o cavalgava feito uma amazona, furiosa; eu estava muito excitada, ele merecia todo amor do mundo, queria dar isso a ele depois de tudo que passou.

— Delícia! Você é maravilhosa, divina.

— Ai meu Deus... Ai

— Sim, venha, quero você gozando em meu pau.



Foi uma semana divina, fui a mulher mais completa do mundo. Sabia que na segunda-feira, tudo voltaria ao normal ou não tanto, porque não poderia ficar trabalhando com ele, iria aceitar a proposta do Matt e, moraria em outro País. Estava na hora de quebrar laços.

— O que você anda fazendo aí no fogão? Pensei que iríamos comer pizza.

— Resolvi fazer um jantarzinho para nós, já que amanhã o senhor volta a trabalhar. Vamos curtir um pouco — falei sem me virar.

— Alice, sobre isso... — tentou falar.

— Não precisa dizer nada, eu quis tudo que aconteceu aqui, então posso arcar com as consequências, sem drama.

— Na realidade, eu queria te falar... — coloquei o dedo na boca dele.

— Hoje vamos jantar e fazer amor! Amanhã a gente resolve, pode ser?

— Pode ser. Se você prefere assim...

Eu sabia que não ficaríamos juntos, mas secretamente acreditava que poderia ser diferente. Eu o abracei e beijei seu ombro.

— Então vamos criar mais lembranças.

Capítulo nove

Júlio Cesar.

Ela era extraordinária! Eu não me cansava de beijá-la. Gostaria de lhe dar o mundo, mas sei que ela merecia um homem melhor do que eu.

Meu pensamento sempre partia desta premissa: eu não era homem para futuro. Meu passado e minha vingança não me deixariam ser pai, e ela seria uma mãe maravilhosa, uma esposa perfeita para qualquer homem. Não era justo, mas não conseguia deixá-la partir, eu precisava de sua alegria e energia. Sentado perto da janela, eu ficava a olhando enquanto ela dormia, nua, como um anjo em sua cama, aquele cabelo lindo, um corpo escultural. Conhecia homens que matariam para ter em sua cama uma mulher como ela e, eu a tive de todos os jeitos e formas. Foi a melhor semana da minha vida, porém, ao amanhecer tudo se acabaria.

Tinha que dar um jeito de não deixá-la partir, não era hora de abandoná-la. Sabia que era cruel da minha parte fazer isso, mas eu, como sempre disse minha mãe: era um fraco.

Alice, no entanto, valia à pena. Depois veria o que iria fazer, talvez, se levasse mais tempo com ela, minha obsessão acabaria.

— Júlio? Volte para a cama, é noite ainda — Sua voz sonolenta me procurava como um canto de sereia e, eu não conseguia resistir, voltei para a cama abraçando e beijando sua boca.

— Que delícia! Adoraria acordar todos os dias assim — Sei que ela falou no calor do sono, mas meu coração sentiu um *clic* de emoção em saber que pelo menos, ela me queria.

— Pode ser assim, se você quiser. — Aproveitei a oportunidade para fazer a proposta.

— Venha cá, venha, quero você de novo. — Fiquei excitado.

Tomando meu pau na mão, ela começou a fazer massagem e movimentos de vai e vem, gemi em sua boca, chupei sua língua com força.

— Gostosa, assim você vai me matar.

— Delícia, adoro seu pau, é tão bonito. Eu fico salivando só de olhar pra ele. — Ele ficou mais duro só de ouvir isso.

Levando-o a boca, ela massageou a cabeça com sua língua e depois em toda sua extremidade, chupou como se fosse um pirulito.

Fiquei no limite.

— Ah, ah... Se continuar fazendo isso, não vai mais ter festa pra você, só ahhh... porra!

Puxei seus cabelos e coloquei seu corpo de costas na cama e montei em seu traseiro, já encontrando sua entrada molhada, pronta para mim.

— Delícia, você é perfeita...

— Ahhh, Júlio, mais rápido...

Não houve palavras de amor, foi selvagem, quente, viciante.

Depois que ela voltou a dormir em meus braços, eu continuei acordado, pensando em como faria para poder ficar com ela, para não perdê-la, pelo menos por mais um tempo.

Capítulo dez

Alice promovida.

Antes que ele acordasse e eu não conseguisse me despedir com dignidade, fui direto para meu apartamento. Não quis ouvir o que ele tinha a dizer, sabia que seria uma explicação tosca para o que tivemos naquela semana.

— Bom dia, Matt — falei ao entrar em casa.

Ele estava próximo à geladeira, tomando um iogurte.

— Bom dia princesa, o conto de fadas acabou? — perguntou me encarando.

— Sim, acabou. — Já estava aos prantos, não contive minhas lágrimas, sabia que podia confiar em meu amigo.

— Mas vocês conversaram? — Continuou me olhando.

— Não quis ouvir, ele me avisou que seria assim. — Dei de ombros. — Para que falar sobre isso? Foi bom e pronto!

— Oh, amiga, pelo menos você viveu sua paixão — falou me abraçando.

— Vou me demitir, não posso ficar depois de tudo o que vivemos, vai doer muito.

— Tudo bem, vamos fazer assim: você aguenta mais uns dias, para não chamar a atenção e depois viajamos juntos. — Sorriu. — Preciso mesmo de uma secretária.

— Ok, vamos falar disso à noite, agora tenho que trabalhar e sorrir mesmo querendo chorar.

— Certo, conte comigo. — Beijou minha testa. — Você é muito importante para mim, princesa.

— Atrapalho? Alice, nem bem saiu da minha cama e já está nos braços de outro! — Não podia acreditar, ele estava em minha sala com os braços cruzados e com os olhos faiscando de raiva.

— Júlio? O que está fazendo aqui? — Estava aturdida, pois tinha o deixado dormindo.

— Vim saber o porquê de você ter saído lá de casa, praticamente, escondida. — gritou. — Estava com pressa para se encontrar com seu amante, ou eu sou o amante?

— Não fale assim com ela — gritou o Matt.

— Cale a boca! — Ela respondeu de volta.

Tudo aconteceu rápido, Júlio Cesar deu um murro na cara do Matt, que caiu no sofá parecendo um boneco quebrado, mas depois se levantou e partiu para cima do Júlio. Consegui segurá-lo.

— Parem vocês dois! Parecem duas crianças!

Júlio Cesar falou com raiva:

— Desde que te conheci, eu tive vontade de partir sua cara, seu babaca! Tira as mãos dele, Alice — falou com raiva. — Agora!

Soltei o Matt, rápido, nunca vi o Júlio tão colérico, parecia um lunático.

— Seu idiota, sou gay! Agora quem é o babaca? — Matt falou com uma risadinha irônica.

— Gay? Gay não manda flores para mulheres! — gritou Júlio.

— Como você sabe, seu idiota? Você também é gay? — respondeu Matt.

— Calem a boca! Estão me deixando nervosa, porra! — Já estava no meu limite de paciência com esses dois ogros!

Parecia que eu era um brinquedo disputável entre duas crianças.

— Vocês são loucos! Falam como se eu fosse um objeto inanimado. Júlio Cesar, nós vamos conversar no meu quarto! E você Matt, tome um banho frio, que vou colocar gelo nesse olho que já está ficando roxo.

O dia hoje seria tenso — pensei.

— Ficou doido, Júlio Cesar? — perguntei já no meu quarto;

— Você saiu lá de casa sem falar comigo, e depois a encontro abraçando um homem, queria o quê?

— Respeito! Eu estava chorando e o Matt me consolando. Ele é meu amigo, e amigos fazem essas coisas, entendeu?

— Desculpa, fiquei com ciúme, pronto. Não gosto desse cara, ele vive cercando você e isso me deixa nervoso. — Ele falou me pegando pelo braço, colocou minha cabeça em seu ombro, beijou meu rosto. — Por que você foi embora sem falar comigo?

— Porque foi assim que combinamos, sem cobranças. Era só uma semana, eu sabia onde estava entrando quando aceitei.

— Por isso você chorou? — Ele falava olhando em meus olhos, com a mão em meu rosto.

— Sim, chorei. Não foi fácil sair hoje cedo, com você ainda dormindo.

— Soltei-me dele e sentei na cama, com a cabeça baixa.

Ele se ajoelhou aos meus pés e suspendeu minha cabeça para olhar em meus olhos, parecia um homem cansado de fugir.

— E se eu disser que não quero só uma semana com você? Que desejo que namore comigo? Que podemos fazer isso dar certo? — Eu estava achando que era uma pegadinha. — Sei que sou difícil...

Eu não conseguia acreditar nisso, parecia um sonho, precisava de um beliscão para acreditar! Minha cabeça só podia estar me pregando uma peça!

— Sua namorada? Está brincando comigo?

— Claro que não! Eu quero você pra mim, só pra mim... — falou assaltando minha boca em um beijo delicioso, puxando minha blusa para fora da saia. Suspendeu minha perna e a colocou em seu ombro

— Não posso mais esperar nenhum minuto para entrar em você.

— Temos que trabalhar. — Tentei lembrá-lo que era um dia de trabalho e que estávamos atrasados.

— Esqueceu que sou o chefe? — questionou lambendo minha orelha, eu já estava totalmente molhada.

— Diga que aceita namorar comigo.

— Pedindo assim, eu não tenho como negar, chefe. — Ele sorriu de um jeito safado. — Eu aceito!

Minha segunda-feira começou maravilhosamente bem, quem disse que não existe fada madrinha?

Júlio Cesar

Fizemos amor o dia todo. Só saímos do quarto lá pelas quatro da tarde, porque estávamos com fome. Resolvemos comer uma pizza. Como eu não queria dividir nenhum pedaço com o amigo dela, fomos a uma pizzaria. Apesar de dizer que era gay, eu não confiava nele, era muito másculo para quem curti homens, não sei como, mas daria um jeito de me livrar dele.

Chegamos a uma pizzaria perto de sua casa, estava lotada, não conhecia aquele lugar. Confiei em seu gosto já que ela disse que a pizza dali era muita boa. Preferia pedir comida em casa, não gostava de multidões.

Conseguiram uma mesa, rapidinho para nós. O garçom estava cheio de elogios, parecia que ela conhecia todo mundo. Os homens não tiravam os olhos dela, mesmo comigo perto, eles ficavam olhando. Uma vergonha encarar a mulher de outro, mas ali ninguém se importava, parecia comum admirar as damas acompanhadas.

Olhei com cara feia para todos eles, enquanto ela parecia alheia a tudo, brilhando em meio à multidão, linda, uma deusa e toda minha. Sorri comigo mesmo com a convicção de que só eu a tinha enquanto todos a desejavam.

— Rindo de quê? — perguntou com os olhos brilhando.

— Você é linda, me sinto um homem feliz...

— Oh, que fofo! Você é lindo também e delicioso.

Beijei sua boca com fome, já queria pular a pizza a voltar para casa, ela tinha o poder de me enlouquecer. Levei sua mão até meu colo e coloquei em cima de minhas calças, meu pau vibrava de tão duro.

— Vamos voltar pra casa?

— Vamos! Deixa a pizza sair que pedimos para embalar e levamos para comer na cama. — Sorriu.

Gostava dessa espontaneidade dela, éramos fogo juntos.

— Safada.

— Somos dois, quem diria que meu chefe era tão safadinho? — falou gargalhando e beijando minha boca. Ela paralisou com a mão em meu rosto traduzindo culpa ao olhar para alguém além de mim.

— Ju?

— Oi, Juliana — falei alegremente.

— Boa noite, anda sumida Alice! — falou parecendo magoada.

— O Júlio ficou doente e tive que cuidar dele. — Não gostei desse tom de submissão, parecia até culpada por alguma coisa.

— Tive um acidente de carro e a Alice ficou comigo e acabamos nos envolvendo — falei alegre. — Estamos namorando.

— Fico feliz pelos dois, parabéns, Alice. — Botou a mão na cintura. — Quando ia me contar?

— Eu-eu ia falar... Só que acabaram acontecendo algumas coisas e não tive tempo, mas eu ia lhe contar.

— Ok! Depois te ligo. — Ela não parecia feliz. — Parabéns ao casal.

— Ju, espera... — ela se levantou e foi atrás da Juliana, não estava entendendo nada.

Alice

— Ju, fala comigo! Não era para você descobrir assim.

— Como você pôde Alice? — falou já no estacionamento perto do seu carro.

— Você não estava namorando com ele e, eu sou apaixonada pelo cara!

— Porra, que você era caidinha pelo cara, eu já sabia, mas não me contar que estavam namorando? Isso, eu não posso perdoar — disse quase gritando. — Nunca escondemos nada uma da outra, você foi sacana comigo!

— Como você sabia? Você está magoada, porque não falei para você do meu namoro? — Agora era eu que estava confusa, imaginei que ela estava com ciúmes dele e não da nossa amizade. Garota maluca.

— Claro que sabia, só imaginei que você fosse me contar, principalmente, que estava fodendo com ele.

— Fala baixo, amiga! Ele me pediu em namoro hoje, lá em casa. — Suspirei. — Sendo sincera com você, eu imaginei que você fosse apaixonada por ele e não tive coragem.

— Maluca! Com aquela mãe miserável? Sai fora... Preste atenção: aquela mulher não presta!

Nós abraçamos e resolvemos nos falar no outro dia para fofocar. Voltei mais aliviada para a pizzeria. Agora poderia seguir em frente sem a sensação de estar magoando a Juliana.

Ele parecia preocupado comigo, pegou minha mão.

— O que aconteceu?

— Coisa da minha cabeça — falei dispensando-o com a mão.

— Agora fiquei curioso, me conte, você parecia muito preocupada — Achei melhor conta a verdade para ele.

— Na realidade, eu achava que a Ju tinha interesse em você e ela é minha amiga, fiquei com receio de magoá-la.

— Por que pensou isso? Conheci a Juliana através de você... — ele parou no meio da frase e começou a rir — Por isso você ficou chateada no dia do jantar para conhecer sua amiga? Você ficou com ciúmes?

— Engraçadinho, vamos mudar de conversa. — Ainda dava risada, estava se achando.

— Meu Deus! Você com ciúmes de mim e, eu nem percebi. — Ele já estava no estágio de gargalhadas, bandido!

— Não estou achando graça, pode parar.

Ele começou a me encher de pequenos beijos, parecia que tinha ganhado na mega sena, extasiado com a descoberta e, eu morrendo de raiva e vergonha.

A pizza chegou, pagamos e fomos embora. Ao entrar no apartamento, nós não vimos o Matt, mas fiquei tranquila quando li o bilhete dele no balcão da cozinha dizendo que tinha saído com a Juliana e que dormiria na casa dela.

Ele era um fofo, tentando me dar privacidade.

— Ele é inteligente, não gosto dele — falou Júlio, com a cara séria.

— Pare de bobagem, ele é um grande amigo — falei abraçando-o.

Ficamos assim no meio da minha sala, agarradinhos, era tão bom!

— Vamos comer? — Ele perguntou faminto.

Quando sentei para começar a comer, ele me puxou para seu colo e disse:

— Não gosto de você longe de mim, sente aqui comigo e me deixa te alimentar.

Começou colocando a pizza em minha boca, eu achava tão sexy esse jeito carinhoso e protetor dele.

— Me deixa te perguntar uma coisa? Como você, viciado em trabalho, conseguiu passar essa semana sem ir ao escritório?

— Eu tinha você. — Sorriu. — Você me completa de um jeito que me esqueço de todas as outras coisas — Ele falava com tamanha emoção e sinceridade, que eu não tive dúvidas de que falava a verdade.

Meus olhos ficaram marejados, homem nenhum precisou tanto de mim

assim, nunca me senti tão completa e feliz.

— Você é lindo por dentro e por fora, sou louca por você! — Não me contive, pois precisava dizer.

Ele me beijou e me levantou em seus braços, levando-me direto para minha cama. E não poderia ficar melhor, ou podia?



Na terça-feira, nós acordamos cedo, fomos para o seu apartamento para que ele pudesse trocar de roupa. Tomamos café na Perini e seguimos para o escritório. O dia estava lindo, o Sol brilhava maravilhosamente e, eu me sentia revigorada.

Chegamos e todos ficaram olhando para nós dois, porque ele fez questão de segurar em minha mão para que todos percebessem que formávamos um casal.

Dei bom dia a todos, com ele, silencioso ao meu lado, chegando a nossa sala, eu não me contive e perguntei:

— Por que você nunca cumprimenta as pessoas?

— Porque nunca fiz e seria estranho começar a fazer agora, mas vamos a minha agenda, temos uma semana cheia. — Piscou para mim e entrou em sua sala.

O dia foi corrido, almoçamos lá mesmo, parecia que o trabalho se multiplicava. Não pudemos nem dar uns amassos em sua mesa, toda hora era uma reunião, chegava alguém, o telefone tocava, mas meu sorriso era evidente, eu estava muito feliz. Lá pelas quatro da tarde, entrou um homem bonito que parecia ser parente do Júlio Cesar, era sua cópia, só que em versão mais velha.

— Sim, posso ajudar?

— Júlio Cesar está? — Ele falava com um sotaque estranho. — Eu sou o Altair, diga que preciso falar com ele.

Interfonei para avisá-lo, mas fiquei com impressão de que ele não ficou muito contente com a visita.

— Pode entrar, ele o espera. — Ele não olhou em meu rosto. Era sério, quase frio. Não gostei dele.

Júlio Cesar

Ele não tinha o direito de vir aqui, como se atreve?

— O que você deseja? Ficou maluco?

— Prazer em vê-lo também, meu filho. — Ele sabia que eu não gostava quando me chamava assim. Fazia para me irritar.

— Não me chame assim, você sabe que eu não gosto.

— Me diga, o que houve? Eu não consegui contato com você na semana passada. — Ele sentou diante de mim como se fosse convidado a isso, era muito arrogante. Eu o odiava, mas precisava dele.

— Não é da sua conta, você sabe da minha vida e o que precisa saber, nada. Além disso, não lhe devo satisfação nenhuma. — Bati na mesa com raiva.

— Ora, Ora... Não se esqueça que precisa de mim, então acho melhor diminuir sua arrogância.

— Preciso? Quem afirmou isso? Não se meta na minha vida.

— Não esquece que posso destruir seu sonho de vingança — falou batendo sua mão fechada na mesa.

Ficamos nos digladiando com o olhar.

Eu era muito parecido, fisicamente com ele, mas não era mais criança para me deixar dominar como fazia antes, esse tempo já passou.

Percebendo isso, ele desviou o olhar primeiro.

— Nós temos um plano e você não está cumprindo com a sua parte, essa mulher está tirando você do foco — Ele quase gritava quando falava.

— Que mulher? Como você sabe disso? Não se meta com ela. — Levantei da minha mesa e o segurei pela camisa, pronto para atacá-lo.

— Faça isso, bata no seu pai, a pessoa que te salvou, Vá, faça isso por uma piranha, lembre-se, o que uma mulher como ela pode fazer com nossos sentimentos, lembre-se do que sua mãe fez a nós dois.

— Isso não tem nada a ver com você, não tem nada a ver com minha mãe. — gritei o soltando. — É minha vida! — Empurrei-o para a cadeira e virei para a janela.

— Vá embora, você não é bem vindo! Quando precisar, eu mantenho contato, não me procure aqui no escritório, não se meta com ela ou eu acabo com sua miserável vida — falei virado para ele, que saiu da sala batendo a porta com força.

Não iria recuar da minha vingança, mas não deixaria ninguém se meter com a minha vida pessoal. Eu não era mais criança para ter medo dele, já era um homem, ninguém me humilharia mais.

Se ele pensava que tinha domínio da situação, estava enganado, pagaria junto com minha mãe. Meu pai, quem eu considerava e merecia meu respeito, quem me deu nome, seria vingado. A sua morte não seria em vão, aquela cadela da minha mãe, não perdia por esperar.

Precisava, porém, cuidar da Alice, já que ele sabia de sua existência. Sei como poderia ser cruel se achasse que ela era um empecilho para seus planos.

Precisava me manter longe dela por um tempo, até o plano que tracei dar certo.

Como faria isso? Estava obcecado por ela, não conseguia me imaginar dormir sem seu corpo, seu cheiro. Droga!

Bati minha cabeça no vidro da janela, exasperado. Era tarde demais, porra! Não deveria ter metido ela nisso.

Senti suas mãos rodeando minha cintura, ela entrou na sala e, eu nem percebi. Abraçou-me e encostou sua cabeça em minhas costas. Isso me deixou mais calmo, ela tinha esse poder sobre mim.

— Posso te ajudar? — Virei e olhei em seus olhos e vi meu desalento neles. Caralho, agora era tarde! Não sabia o que iria fazer, mas não a deixaria partir da minha vida.

— Beije-me, preciso da sua boca.

Beijamo-nos, sei que estava sendo um beijo selvagem, duro, mas droga! Precisava entrar nela, sentir sua quentura, seu carinho, sua proteção.

Puxei-a para meu colo, abri o zíper da minha calça, coloquei sua calcinha para o lado e invadi seu calor. Foi forte, animal.

Ela correspondia, gemendo e me cavalgando com força e sem fazer perguntas, no fundo sabia que só isso me acalmaria.

— Mais, mais...

— Minha amazonas! Ai, ai... Deus!

Gritamos em uníssono no ápice do prazer. Fui ao banheiro e trouxe toalhas para limpá-la e ficamos em um silêncio constrangedor, que foi quebrado por ela:

— Que conversar sobre o que aconteceu?

— Não, não é da sua conta! — Na mesma da hora, eu me arrependi de ter

sido grosso, pois não deveria descontar minhas frustrações nela.

— Entendo, sirvo para uma foda rápida, mas não sirvo para conversar? Isso não é um relacionamento, sabia? — Porra, agora ela estava magoada.

Não consegui responder e ela saiu da sala, chateada.

Peguei o telefone e liguei para sua mesa e ela não atendeu. Droga!

Saí da minha sala e a encontrei arrumando a bolsa, resmungando.

— Desculpa, não queria ser grosseiro com você.

— Ok... — e não me olhou, enquanto ainda mexia na bolsa como se não se importasse com o que eu tinha dito.

— Só tem isso a dizer? É isso? Vai ficar na porra de uma birra? — Ela não respondeu e continuou me ignorando. — Mulheres!

Quando saí da sala, mais tarde, ela já não estava lá. Que namoro era esse que ela não me dava satisfação?

Júlio Cesar

Onde aquela megera havia se metido? Já liguei umas dez vezes e nada de ela me atender, mandei várias mensagens, mas ela não respondia.

Já estava desesperado, será que ela tinha me trocado por outro? Alguém que não gritasse com ela? Não! Ela tinha transado comigo em minha cadeira do escritório. Não ia colocar essa droga na minha cabeça. Em casa, ela não estava, pois já estive lá e não tinha ninguém.

— Alô, Juliana? Sei que ela está aí com você, passe o telefone para ela.
— Liguei para única pessoa que podia me ajudar.

— Boa noite, Júlio, ela não quer falar com você — disse friamente sem pena de mim.

— Vocês estão aonde? Eu preciso saber, droga! Sua amiga não entende as coisas. — Puxei meus cabelos com raiva.

— Júlio, deixe-a por hoje, amanhã vocês conversam, está bem?

Ouvi barulho e vozes no fundo e fiquei desconfiado.

— Então aonde? Quem está aí com vocês? Responde, droga — gritei com raiva

— Estamos bem. Amanhã ela conversa com você. — Desligou.

Ela teve a audácia de desligar o telefone na minha cara.

Joguei o aparelho na parede e puxei meus cabelos. Sempre fazia isso quando estava nervoso, era um hábito desde criança.

Droga de mulher, as duas se juntaram para me acabar, arrasar com a minha vida! Desgraçadas! Mulheres não prestavam! Coloquei uma dose de uísque, depois outra e mais outra.

Foi uma noite miserável.

Capítulo onze

Alice decidida.

Estava na casa da Patrícia, era aniversário dela. Iria convidar o Júlio para participar, mas ele foi um ogro, então resolvi ir sozinha.

— Porra amiga, ele está mal pra caramba!— Juliana tinha um coração bom.

— Sim, ele precisa aprender a confiar e a me respeitar. Relacionamento é confiança.

— Sei disso, mas ele parece não saber, parece ser imaturo sobre sentimentos, deve ter sido aquela megera da mãe dele! — defendeu.

— Mas ele tem que aprender amiga, eu não posso deixar passar ou vai virar uma coisa corriqueira, normal. Ele tem que aprender a me respeitar e a se respeitar. Sei que a mãe dele não presta e que existem segredos por trás de certos comportamentos dele, mas não vou pagar por isso.

Falei, pegando uma cerveja do freezer. Não sentia culpa do que tinha feito, fiquei magoada na hora que ele falou daquele jeito comigo, mas depois percebi que foi autodefesa, tinha que baixar sua guarda se quisesse ter um futuro com ele. Tinha que ter o pé no chão, eu amava, mas não seria desrespeitada por macho escroto nenhum.

Estava decido, iria arrancar os segredos dele e iria fazê-lo se abrir e dar todo amor que ele merecia, mas antes, eu precisava fazê-lo desejar tudo isso.

Durante esse pensamento, eu recebi uma mensagem dele e depois outra e outra... todas provando o quanto ele estava abalado com meu silêncio.

“Já estou bêbado. Vem para casa caralho!”

“Você não tem coração”

“Se descobrir que tem outro homem, eu mato os dois”

“Responde essa miséria”

“Porra, Alice, não queria dizer essas coisas, só estava com raiva e acabei descontando em você, droga.”

Juliana olhou para mim e caiu na gargalhada.

— Oh, amiga, esse está muito apaixonado, ou muito possessivo.

— Voto na opção de possessividade, ele não sabe se expressar muito bem e nada como um bom empurrão.

— Você sabe o que faz, sempre invejei essa sua facilidade de ver as coisas e saber distinguir os sentimentos humanos. — Suspirou pensativa. — Eu queria poder entender os homens!

Abracei e beijei sua cabeça, ela era uma irmã para mim e estava meio em falta com ela.

— Oh, amiga, você sabe que te amo? O que anda rondando essa cabecinha?

— Nada, só estou divagando, ele só falava em você quando a gente saía, não conseguia fugir do assunto, volta e meia, ele voltava para saber tudo sobre sua vida.

— Hum, sério? Por que você nunca me contou? Poxa, Juliana, e eu sofrendo achando que ele era afim de você. — Bati o pé, exasperada.

— Você me pediu um favor e como sua amiga, eu ajudei. No começo, achei que contaria ponto em seu trabalho, mas depois entendi que era só para ajudá-lo, porque você gostava dele.

Certo, estava na hora de ter aquela conversa com ela, mesmo que isso viesse a nos magoar.

— Ju... — suspirei — Eu achava vocês dois lindos juntos e isso me magoava, porque lá no fundo, eu o queria para mim, apesar de achar que nós dois não tínhamos nada a ver.

Ela olhou confusa sem acreditar no que ouvia.

— Alice, ele é louco por você. — Bufou. — Que loucura é essa? Por isso você andava me ignorando, agindo como louca? — Ela estava pê da vida. — Pega a visão, pois não vou falar de novo, eu nunca tive interesse nele, nunca o olhei com esses olhos e desde o começo saquei que ele tinha uma queda por você.

Eu me sentia mal por ter sentido ciúmes da minha melhor amiga, não fui justa com ela.

— Perdão, amiga, perdão. — Falta de sinceridade dava nisso — Eu me sentia confusa, estava tudo bagunçado na minha cabeça, você sabe que não sei lidar bem com o desconhecido.

Nunca tinha me sentido assim antes.

Ela me abraçou forte, sempre tivemos essa conexão e, eu sabia o quanto ela era carente disso tudo.

— E você? O que anda mexendo com esse coração? — perguntei

— Não consigo esconder de você nada... — suspirou derrotada. — Estou confusa, acho que estou metida em uma encrenca daquelas.

— Homem? Você andou saindo com quem?

— Não foi bem sair, sabe aquele colega insuportável? Eu o odeio... — ela ficou vermelha — Você sabe que ele teve a audácia de me beijar? Ainda disse que era para me fazer calar a boca.

Dei gargalhadas com a história, não conseguia parar de rir! Sei que não estava sendo nada solidária com minha amiga, mas vê-la apaixonada era muito bom e, principalmente, com sua frieza sentimental abalada.

— Juliana Marins! Você está apaixonada? Massa! Preciso conhecer esse cara.

— Não estou não... Ele é um ridículo, filho de uma puta. — Ela estava possesa.

O cara era bom!

Já fiquei fã dele, nunca tinha visto a Ju tão nervosa e abalada.

— Mas o que esse cara fez que deixou você tão chateada?

— Ele se acha, me chamou de fria, mulher de gelo e ainda ficou insinuando que por baixo de tanta frieza há muito fogo... — ela falava com indignação.

— Ele é homem grosseiro! Nem se veste direito, todo largado, anda de moto, você acredita nisso?

— Acredito. Uma lástima existir um homem assim! — Não conseguia esconder o riso.

— Você ainda acha graça? Queria ver se fosse com você! Ele me beijou a força.

— E você não gostou? O cara beija tão mal assim? Aí é grave mesmo.

— Aliceeee, poxa... Tudo é brincadeira pra você!

— Desculpa, amiga! Só fiquei feliz em saber que você ainda tem um coração vivo. — Ela fechou a cara. — Depois de tudo o que aconteceu com você e mesmo assim esse motoqueiro largado conseguiu quebrar um pouco desse distanciamento.

— Eu não quero falar sobre isso, passado não volta.

Eu sabia o quanto essas lembranças a magoavam, minha amiga merecia um cara bom que tirasse todo esse medo e rancor de dentro do coração dela.

— Ok!

Um moço chegou colocando mais cerveja em nossos copos e, ela aproveitou e saiu, dizendo que precisava falar com alguém que tinha avistado.

Suspirei e voltei a olhar meu celular, que tinha outras duas mensagens nele.

“Tudo bem, você escolheu me ignorar, não me importo!”

“Alice atende a porra desse celular!”



No outro dia, ele não veio pela manhã, só mandou e-mail dizendo que teve um imprevisto e que era para transferir seus compromissos para a tarde.

O e-mail foi totalmente impessoal.

Por volta do meio dia, eu já estava nervosa, o cara não ligou e nem mandou mensagem, estava me corroendo de vontade de ligar.

Depois do almoço, que não consegui engolir direito de tão apreensiva, eu estava abalada, nervosa.

Será que ele iria terminar o namoro?

Um entregador de flores chegou com um buquê de girassol enorme e um cartão que dizia:

Você é meu Sol e nunca se esqueça disso, mesmo quando meu comportamento disser o contrário!

J.C

Suspirei encantada, ele ainda me queria!

Liguei para agradecer, mas ele não atendeu.

Todas as dez vezes que liguei caíram na caixa postal.

Em meio aos turbilhões de pensamentos, o Matt me ligou.

Tomara que ele tenha chegado bem em Manhattan. Ele resolveu viajar, porque conseguiu um bom investimento com uns estrangeiros, que estavam em férias no Brasil.

Ele era um empresário nato, sua mente trabalhava rápido, uma verdadeira máquina de fazer dinheiro.

— Amiga?

— Meu Deus, você chegou bem no aeroporto? Por que não me disse que estava indo? Nem me despedi, acordei com aquele bilhete impessoal.

— Oh amor, não gosto de despedidas, não me fazem bem! Você ia chorar, fazer drama. — Ele parecia triste. — Não combina comigo.

— Ainda me esculhamba, me chamando de dramática? Vou sentir sua falta.

— Você sabe que é importante para mim! Deixei um presente para você na garagem. — Já imaginava o que era. — Sei o quanto gosta daquele carro.

— Matt, está maluco? Aquele carro é muito caro. Pirou?

— É só um carro e sou rico. Eu posso comprar outros!

— Boçal! Amo você meu amigo. — Sentiria muita falta dele. — Já estou chorando!

— Também amo você e não vou embora para sempre — disse. — Quero você me ligando todos os dias e quero saber de tudo sobre esse seu love.

— Ligo sim, e se cuide. Nada de dormir tarde e ficar se matando de trabalhar.

— Anotado, cuide-se também! E Alice: aquele trabalho fica de pé — falou antes de desligar. — Na hora que você precisar é só me procurar.

— Obrigada!

Seria estranho não ter o Matt por perto, já tinha me acostumado com ele, era um homem de ouro. Feliz daquele que conquistar seu coração.

Fui para casa meio depressiva, o Júlio Cesar não pareceu e não respondeu minhas ligações, então tomei banho e fui dormir cedo.

No meio da madrugada, alguém bateu na minha porta, acordei assustada com o barulho. Quem poderia ser uma hora daquelas?

Olhei pelo olho mágico e era o Júlio. Parecia machucado, abri a porta com rapidez.

— Meu Deus Júlio, o que houve com você? — Ele estava todo machucado, parecia que tinha se metido em uma briga.

— Estou bem, Alice. Posso dormir aqui?

— Claro, mas acho que você deveria ir a um pronto socorro. Vou trocar de roupa e pegar a chave do carro. — Ele segurou meu braço.

— Não vou a lugar nenhum — disse me olhando nos olhos. — Está tudo bem, são só algumas escoriações.

— Mas Júlio... — seu olhar dizia que eu não deveria falar mais nada.

— Quem fez isso com você? Conte...

— Alice, deixe pra lá, quero um pouco de água.

Peguei a água e entreguei o copo a ele, que parecia muito ferido.

Júlio bebeu tudo e me entregou o copo, que coloquei na pia e fiquei o olhando colocar a cabeça entre as pernas, era a imagem de um homem derrotado.

Ajoelhei entre suas pernas e segurei o seu rosto pareando o seu olhar com o meu.

— Você pode se abrir comigo.

Ele me abraçou, emocionado, senti seu coração bater mais rápido, ele estava com medo, era isso!

— Alice, eu não mereço você — falou quase chorando. — Eu não mereço esse carinho e devoção.

— Júlio, não faz isso... Você merece sim!

— Não! Eu não mereço, sou sujo, nas minhas veias corre sangue ruim — disse exasperado. — Você não tem noção do que já fiz.

— Então me deixa decidir por mim mesma e me conte quem é você!

Ele me apertava forte como se não conseguisse me deixar, mas precisava fazer isso.

Ele estava me deixando, sabia que iria fazer isso.

— Não deixe tudo isso estragar nossa história, não seria justo, Júlio Cesar.

Ele me soltou e começou a puxar os cabelos com desespero.

— Foi loucura minha vir aqui, eu não posso mais fazer isso. — Meu Deus, eu o estava perdendo. — Não posso Alice, não é justo com você!

Ele saiu rápido da minha casa, deixando um frio e um vazio enorme na minha alma, dessa vez seria difícil me recupera.

Capítulo doze

Alice arrasada.

Na manhã seguinte, eu me encontrava cansada, com olheiras, não consegui dormir. Fiz uma maquiagem leve, coloquei um vestido vermelho, não poderia deixar ninguém perceber o quanto estava arrasada.

Eu precisava ser forte, o Júlio Cesar precisava de mim. Não poderia ser uma mulher fraca num momento tão difícil para ele, mesmo não sabendo as coisas que aconteciam em sua vida, eu tinha percebido que estava emocionalmente abalado.

Quando descobrisse quem o tinha machucado e o deixado tão arrasado, essa pessoa ia se ver comigo. Eu ia mostrar como se machuca alguém de verdade.

Cheguei atrasada e não o encontrei no escritório.

Olhando meus e-mails, eu vi que tinham dois dele.

O primeiro dizia:

Alice, bom dia.

A Dona Laly pediu licença por alguns meses, pois o marido dela se encontra muito doente, portanto, estou designando você para o cargo de chefe do setor de contabilidade. Os papéis se encontram em anexo, e assinados por mim.

Obs.: Sei o quanto você é capaz!

J.C.

Sorri como uma criança! Queria tanto uma promoção!

Não deveria ficar feliz com a doença do marido de dona Laly, mas estava feliz em ter conseguido.

O segundo e-mail tirou meu chão e destruiu toda a felicidade que estava sentindo.

Alice,

Foi muito difícil escrever esse e-mail, mas têm coisas que são necessárias serem feitas para o bem de todos os envolvidos.

Estou indo a São Paulo por uns meses, queria dizer isso pessoalmente, mas confesso que sou covarde e não conseguiria me despedir. Sei que olhar em seus olhos me faria desistir, mas não posso Alice, não sou o

melhor cara para você. Perto do seu brilho (meu Sol), eu não sou nada.

Não deixarei meus problemas te atingirem, jamais deixarei nada de ruim te acontecer. Acabaria com minha própria vida antes que isso acontecesse.

J.C.

Terminei o email em lágrimas, como ele podia ser tão covarde? Como pôde fazer isso conosco sem nem mesmo nos dar uma chance de provar o contrário?

Filho de uma cadela!

Pensei em responder o e-mail, mas resolvi mandar uma mensagem de texto que chegaria mais rápido, pois ele não desgrudava daquele celular. Mandeí uma mensagem bem desaforada!

Júlio Cesar,

Você é um covarde, filho de uma puta, eu odeio você. Não tinha esse direito de fazer isso conosco.

Pois seja infeliz na escuridão que escolheu para viver, porque eu vou seguir em frente sem você e serei feliz!

Obs.: Quero que seu pau apodreça!

Eu seguiria em frente, já que não era mulher de chorar pelo leite derramado! Eu ia superar!



O resto da semana passou bem rápido, mas eu sofria. Estava morta por dentro.

Assumi meu cargo na segunda e todos me parabenizaram pela conquista. Até festinha de comemoração teve. Saí bêbada e chorando do bar que escolhemos para festejar.

.Todos acharam que era de felicidade, ninguém desconfiava que meu coração estivesse em frangalhos.

Depois da mensagem de texto, que ele não respondeu, eu liguei no automático. Fiz tudo que deveria ser feito para o novo diretor financeiro, que assumiria o cargo dele, e sua secretária, que viria com ele de São Paulo.

O que, porém, não chegou a acontecer.

Esperamos durante o mês e ninguém apareceu para assumir. Mantive contato direto com o diretor da filial, sempre por e-mail e telefone, que parecia

ser uma pessoa bem sensata e calma.

Sorte no profissional e tristeza no amor.

Não tinha notícias do Júlio, não sabia como ele estava e nem se também sofria...

Já era quase junho quando, lendo esses sites de fofocas, vi uma foto dele junto a uma modelo famosa.

A legenda dizia que teria casamento a vista.

Não consegui acreditar, fui ao banheiro e chorei. Estava quebrada, parecia que perdi minha alma.

Júlio Cesar.

Eu estava ficando louco.

A saudade me consumia, eu precisava saber dela, não conseguia comer, dormir, tudo me irritava. Minha atual secretária estava sofrendo com meus gritos; eu era um homem destruído, acabado.

Desde o dia em que tomei a decisão de deixá-la, eu nunca mais fui o mesmo, estava vegetando.

Recebia relatórios diários de sua vida, sabia tudo o que ela fazia, com quem fazia e porquê fazia.

Sei que estava piorando a minha situação fazendo isso, mas não conseguia me livrar desse amor.

Soube no dia em que fui a sua casa, estava quebrado de tanta pancada que os capangas, a mando do meu pai, me deram para aprender que ele não estava brincando ao falar comigo sobre me afastar dela.

Ele deixou claro naquele dia que a sua paciência tinha terminado, porque para ele tinha muito dinheiro em jogo.

Fui a sua casa, porque tive medo de que eles tivessem a pegado e a machucado, droga! Ela me olhou nos olhos e naquele momento, eu soube que morreria para protegê-la, que a amava, que depois dela não conseguiria amar mais ninguém.

Resolvi partir, me afastar. Apesar de dar o troco em meu pai, ele não poderia me atacar e sair ileso.

Fiz-lhe uma surpresa, ninguém ameaçava minha mulher e saía bem da história.

Creio que ele entendeu o recado.

Não tinha, no entanto, só meu pai como inimigo, minha mãe fungava em meu cangote.

Estava numa encruzilhada! Já tinha mexido as peças do tabuleiro e estava perto do xeque mate.

Antes disso não era possível, não poderia voltar para casa, para Alice.

A saudade me consumia, acordava assustado, os pesadelos voltaram, tinha que ao menos vê-la.

Em meio aos meus pensamentos, o Ricardo, meu segurança pessoal e amigo, entrou em minha sala, sorrindo.

Tinha certeza que rolava um sentimento entre ele e minha secretária, pois eles se alfinetavam e rolava uma tensão sexual muito grande entre os dois.

— Enchendo o saco da America novamente? — perguntei com meu mau humor, que era constante ultimamente.

— Não, por que faria isso com minha namorada? — Abriu um sorriso enorme ao falar.

Odiava gente feliz no amor! Ficava mais chateado com minha falta de sorte.

— Parabéns! Eu espero que ela saiba o quanto você é um canalha mulherengo.

— Oh, meu amigo, ela não resiste a mim, além do mais, com America é diferente.

— Espero que sim — resolvi mudar a conversa. — Conte as novidades.

Joguei os papéis, que estava analisando, em cima de minha mesa, esperando o que ele tinha para me dizer sobre a Alice. Como não podia manter contato com ela, o Ricardo, que falava diretamente como se fosse o diretor financeiro da empresa, contava-me tudo sobre ela.

— Você parece um traste velho, hoje. — Ele me olhava sorrindo.

Se não fosse meu amigo, eu iria tirar esse sorriso com meu punho.

— Veio trazer informação ou falar da minha beleza?

— Hum, bem humorado você! — Olhei feio para ele. — Tenho uma novidade, a casa caiu para a família do seu primo.

Pedro Fontana era meu primo, seu pai verdadeiro, era irmão da minha mãe e foi morto pelo marido dela. Na realidade foi um plano para poder assumir os negócios do meu tio.

Minha mãe ficou uma fera na época, mas não pôde fazer nada contra a mãe do meu primo e seu esposo, no fundo eram todos, farinha do mesmo saco, ela conseguiu uma fatia do mercado com a morte do irmão.

— Ele sabe sobre mim? — perguntei. — No momento, discrição era necessário.

— Não, só a verdade sobre sua paternidade, o cara vai ser pai de gêmeos.

— Pelo menos alguém feliz nisso tudo — falei amargo.

— Falei com a Alice hoje. — Mudou de conversa. — Têm muitos e-mails que lhe encaminhei e mandei como cópia para America, que parecia bem humorada, ao contrário de você.

— Imagino que sim.

Levantei da cadeira e fui até a janela.

Sei que ele tinha mais coisa para dizer, fazia parte da estratégia de me espezinhar, fazer aquelas pausas e depois soltar as bombas.

O Ricardo era meu amigo desde que me entendo por gente, os pais dele serviram aos meus e assim foi toda a geração de seus irmãos.

Fomos sempre ligados, muito amigos.

Na realidade, ele era o único amigo que eu tinha.

Ele sabia de tudo que vivi e toda minha dor, só confiaria a ele tomar conta de minha mulher. Apesar de nunca falarmos sobre tudo que houve em nossas vidas, ele sentia que eu precisava fazer o que tinha que fazer para seguir em frente.

— Ela vai precisar vir a São Paulo...

— Fazer o quê aqui em São Paulo? Não estava na programação. — Virei para ele, assombrado.

— Não sei o que aconteceu, mas recebi o email dela comunicando que viria — Balançou a mão, nervoso — Descubra logo o que anda rolando, te encaminhei uma cópia, achei estranho... Você sabe que sua mãe anda desconfiada?

Abri o e-mail que ele me encaminhou e fiquei intrigado com o conteúdo.

Sr. Ricardo,

Como estarei em São Paulo no dia 15, eu gostaria de agendar uma reunião como o senhor, se possível, para tratar de assunto do interesse da empresa.

Desde já, eu agradeço a atenção.

Alice.

— Agende a reunião e descubra o que ela vem fazer aqui. — Andei de um lado para o outro, nervoso. — Fique de olho, quero saber todos seus passos. — Bati na mesa. — Não descole dela, Ricardo, você sabe que eles não podem descobrir meu envolvimento com ela!

— Concordo e vou fazer minha parte, e você está preparado para fazer a sua?

— Não sei do que você está falando. — Mas, eu sabia.

— Ela aqui perto de você... Preparado para ficar longe?

— Não sou uma criança que não sabe se controlar.

— Mas é um homem loucamente apaixonado. — Ele deu um pequeno sorriso. — Você a magoou com essa história de falso noivado, eu tenho certeza que ela viu no site...

Eu sabia que tinha a magoado.

— Pelo que você me disse sobre ela, não vai ser fácil conseguir o perdão.

— Foi para o bem dela. — Bati na mesa de novo. — Minha mãe não fala em outra coisa, sempre tentando arrumar um jeito de jogar a Adriana pra cima de mim.

Foi necessário.

— Já não suportava mais ela ameaçando mandar a Alice embora, colocá-la na rua. — Minha mãe não tinha escrúpulos. — Ela até ameaçou vendê-la para o mercado de prostituição.

— Caralho! — Ele passou a mão na cabeça com raiva, pois sabia do que minha miserável mãe era capaz quando alguém ficava em seu caminho.

— Você queria que eu fizesse o quê? Não posso arriscar a vida da Alice assim! Agora mais do que nunca, eu preciso terminar o que comecei, nem que isso me custe o amor da minha vida.

Ricardo me olhou com pena.

Eu era um homem condenado a viver sozinho e não merecia menos do que isso.



Estava ansioso. Alice se encontrava na outra sala muito perto de mim. Estava com as mãos suadas, parecia um garoto. Era difícil se manter frio depois de tantos meses sem ver a mulher que ama.

Capítulo treze

Alice arrasada/ parte 02

Estava nervosa. Foi uma infelicidade ser chamada na filial para uma reunião, não queria estar naquela cidade. Saber que o Júlio Cesar estava em algum lugar daquela empresa me deixava apavorada.

Arrumei-me com classe, vesti um terno grafite, blusa marrom, scarpin preto de bico fino, uma bolsa bem cara, que foi um presente da minha irmã. Com os cabelos presos em um coque frouxo, e uma maquiagem bem leve, eu arrematei tudo com um batom vermelho. Estava me sentindo muito bonita e poderosa.

Na primeira reunião com a mãe dele e um senhor mal encarado, que durou menos de uma hora, mas para mim foi uma eternidade, a mulher ficou calada só ouvindo o senhor falar comigo. Parecia um interrogatório. Respondi tudo que eles perguntavam sobre a empresa e até mesmo sobre minha vida.

Sinceramente, eu não sabia o motivo de ter sido me solicitada a estar ali. A maioria das perguntas era totalmente desnecessária a minha presença, já que no relatório tinha tudo.

Agora teria mais uma reunião com o senhor Ricardo, que já conhecia por telefone e e-mail, gostava dele. Estava a alguns minutos esperando, quando uma moça loira muito bonita apareceu.

— Boa tarde, Alice, não é? — perguntou.

— Sim, mas não sei seu nome e você sabe o meu — falei apertando sua mão, sorrindo.

Ela parecia ser uma pessoa legal.

— America, eu sou secretária do senhor Júlio Cesar. — Senti um frio no estômago ao ouvir o nome dele.

Então aquela era a nova secretária dele?

— Sabe dizer se ele vai participar da reunião? — Precisava saber, apesar de não querer admitir para ninguém que ainda sentia saudades.

— Creio que sim. — Sorriu. — Ele pediu para trazer esses papéis e arrumar tudo. Daqui a pouco todos devem chegar para reunião.

Apontou a cadeira. — Sente-se, por favor. Aceita um café?

— Um café, por favor. — Sorri sem graça. — Não tive tempo de almoçar.

Falei por educação, pois meu estômago estava dando pirueta, mas não acreditava que conseguiria engolir alguma coisa depois daquela notícia.

Entrou na sala um homem moreno muito bonito, devia ter um metro e noventa de altura, com certeza as mulheres deveriam se jogar aos pés dele, porque o homem era lindo, um deus.

Suspirei só de olhar! Ainda tinha desejos e sabia reconhecer um homem quente de longe.

Ele sorriu maravilhosamente para mim, Meu Deus! Que homem!

— Boa tarde, Alice!

— Boa tarde. — Levantei calmamente da minha cadeira para apertar sua mão.

— Ricardo. — Ele apertou minha mão de leve. — Um prazer conhecê-la pessoalmente.

— Oh, Ricardo, o prazer é meu.

— Verdade, você é muito mais bonita do que o rosto que criei em minha mente — falou todo galanteador.

As mulheres deviam matar por esse sorriso.

— Fico feliz por isso. — **Flertar não fazia mal a ninguém.**

— Vamos sentar para esperar os outros.

America voltou com a moça do café, sorriu para Ricardo e tomou seu lugar, ao lado da cadeira principal. Senti uma conexão entre eles.

Será que eram namorados? Fariam um belo casal —, pensei.

Conversamos amenidades e demos risadas das piadas sobre as viagens do Ricardo.

Depois de uns vinte minutos, entraram mais dois rapazes e um senhor de quase setenta anos, muito sorridente para meu gosto, fingi não perceber que ele não tirava os olhos de mim e ficava passando a língua nos lábios. Eca, nojento!

Então, meu coração disparou, fiquei um pouco sem ar quando ele entrou.

Estava mais lindo do que nunca, mais magro e mais letal... Nem olhou para mim, frio e distante.

Deu bom dia a todos, pediu desculpas pelo atraso e se sentou em sua cadeira.

— Gostaria de apresentar a nossa Diretora de Contabilidade, lá de Salvador, Alice.

Fez as apresentações de todos e começou a conduzir a reunião como se nunca tivesse sido meu homem, como se nunca tivesse me beijado ou tocado em meu corpo. Estava me sentindo uma ridícula, sentada ali, com saudades e desejo por alguém que nunca me quis.

Se ele podia viver como se nunca houvesse existido nada entre nós, eu também poderia.

Tudo isso era bom para que eu começasse a viver novamente, seguir em frente.

Para minha felicidade a reunião foi bem conduzida, consegui responder todas as questões e analisar todos os dados com precisão. Em relação ao meu profissional, eu estava tranquila, foi tudo do jeito que tinha planejado. Senti todos os colegas de trabalho encantados com minha explanação sobre os gastos e ganhos, aquele era meu território.

Quando o assunto era financeiro, eu tinha consciência que era boa em meu trabalho.

Ao fim da reunião, eu me sentia exaurida, mas feliz pelo sucesso.

Consegui até esquecer minha agonia em ficar perto do Júlio Cesar e não poder tocá-lo.

— Alice, eu gostaria de falar com você. Acompanhe-me até minha sala, por favor.

Ele era muito cara de pau!

O segui fervilhando de raiva, estava muito pê da vida com ele, covarde filho da puta!

Passei por ele, bufando de raiva, mas me mantive no salto alto. Tentaria ser o mais profissional possível, pensei em sair da empresa várias vezes, mas era uma afronta deixar aquele mimado sem personalidade destruir tudo o que construí. Quem tinha que sumir, se erguer era ele, eu cheguei ali primeiro.

Entramos no elevador e acabamos muito perto um do outro, porque estava muito cheio. Pensei que estava sonhando, porque senti sua mão segurar meu dedo mindinho e fazer massagem bem de leve.

Foi um toque rápido, mas acendeu uma coisa dentro de mim, que estava adormecida pela dor do abandono.

Chegando até sua sala, que ficava no último andar, eu encontrei um ambiente enorme todo rodeado de vidro com poltronas marrons, uma mesa pequena de reunião para umas cinco pessoas e outra enorme, que tomava quase toda a sala.

Senti meu coração dar um salto no peito quando vi minha foto em sua mesa. Uma foto que eu não sabia onde ele havia conseguido: eu estava sorridente, sentada em um banco com a mão nos cabelos como se os estivesse protegendo do vento.

Meus olhos se encheram de lágrimas.

Por que ele tinha uma foto minha e não me queria? Por que ele me trouxe aqui?

— Por que você tem uma foto minha em sua mesa? — Já não segurava as lágrimas, estava arrasada. — Sua noiva sabe?

Ele continuou junto à porta com a mão no bolso da calça e cabeça baixa, parecia que não conseguia me encarar.

— Eu não consigo te esquecer!

— Não consegue? Como não consegue? Você me deixou meses sem notícias, me largou como se larga um pano velho que já não tem serventia e agora vem cinicamente dizer que não consegue me esquecer? Desgraçado!

Parti para cima dele e bati em seu peito.

Estava histérica! Eu odiava aquele homem! Ele não tinha o direito de voltar para minha vida depois de meses de sofrimento.

Ele me apertou em seus braços, apesar do meu esforço em tentar me soltar, assim como eu, ele estava abalado. Por que tinha que ser tão difícil o nosso amor?

— Eu tentei, tentei muito ficar longe... aí você vem aqui e minhas convicções vão por água abaixo.

O Ricardo entrou sem bater, bem afobado, como se tivesse corrido até ali.

— Sua mãe está vindo para cá! — exclamou.

O Júlio Cesar me soltou rapidamente, senti um frio enorme na alma, tinha alguma coisa errada e ele teria que me explicar.

Sua mãe entrou junto com o senhor, que participou da minha reunião mais cedo com ela, que parecia uma cobra pronta para dar o bote, fria e sem alma. O seu olhar era sem calor nenhum ao passar por mim e o Júlio Cesar.

— Alice, eu pensei que já não estivesse aqui na empresa — murmurou friamente.

— Tive uma reunião com o senhor Júlio e o pessoal da contabilidade — expliquei disfarçando as minhas lágrimas.

— Quanta eficiência! Fico feliz em ter pessoas como você em nossa equipe, hoje em dia é muito difícil mulheres fortes e decididas em nosso meio, não é mesmo? — Não sei, mas aquilo não foi um elogio.

— Mãe, o que deseja? Estou no meio de uma reunião com a dona Alice — Júlio Cesar cortou sua conversa.

— Ora, filho — falou dando tapinhas no ombro do Júlio Cesar, aquela mulher me dava calafrios. — Tenho certeza de que ela não se importa com uma pequena interrupção, não é, Alice? — Seus olhos não sorriam. — sabe meu filho, eu estava aqui pensando, precisamos em nossa equipe de Dubai, mulheres bonitas e inteligentes como a Alice, poderia ver a possibilidade, não é?

— Você não se atreveria! — Ele exclamou, exaltado.

— Por que não? Não vou mais atrapalhar vocês. — Saiu tranquilamente, não entendi nada.

— Maldita, maldita... — ele deu um murro em sua mesa.

— Cara, isso é pior do que imaginei — Ricardo falou, passando a mão na cabeça.

— Algum dos dois pode me explicar o que houve aqui?

— É complicado. Ricardo, leve ela daqui. — Esse Júlio Cesar frio, quase letal, eu não conhecia.

— Ficou doido? Não vou sair daqui sem explicação, eu não sou uma marionete que você pode brincar...

Ele segurou meus braços e olhou em meus olhos. — Alice, não me obrigue a tirar você a força deste prédio, droga! É para o seu bem.

— Vamos Alice, ele está certo — Ricardo falou. — Depois vocês conversam, aqui é perigoso para todos nós.

Com isso, eu me vi arrastada de sua sala e levada às pressas, estava me sentindo uma fugitiva.

Ricardo olhou para mim bem calmo, mas com o olhar letal.

— Escute Alice, você ira viajar amanhã, não é?

— Sim, marquei um encontro com um amigo aqui, hoje à noite. — Estava respondendo tudo no automático.

— Sei, você estará com o Mathias, não é?

— Como você sabe disso? Não lembro ter contado. — Aquilo era um filme? Só podia.

— Têm muitas coisas que você não sabe Alice, e acredite: é melhor não saber.

— Sabe o que acho? Que são todos malucos e, eu vou ficar junto com vocês! Aquela velha louca me chama aqui nesta cidade para falar sobre trabalho e depois me enche de perguntas sem noção, junto com aquele velho, depois vai até o filho e insinua que precisa de mim em Dubai. — Soltei meus cabelos por que os grampos estavam causando pressão em minha cabeça.

— Alice, parece loucura, não estou aqui para defender o Júlio Cesar, mas você não tem noção do que é a vida daquele homem, as pressões e dores que ele já sofreu na vida. De uma coisa, eu tenho certeza, nunca vi meu amigo tão feliz como nos dias em que estive com você.

— Não me lembro de você em Salvador. — Mais mistérios... amigos se defendem, não é?

— Estive lá por poucas vezes, estava em missão fora do país.

— Onde você está me levando?

— Vamos a seu hotel pegar suas coisas...

— Não vou mudar de hotel, sempre quis ficar nele e, além do mais, é a empresa quem está pagando, então vou utilizar aquele. Ora, veja se vou abrir mão disso. — Não tinha conversa, seria irredutível.

Ricardo ligou para o Júlio, que acabou cedendo para que eu ficasse no hotel. Cedeu muito fácil por sinal.

Entrei no quarto, me sentindo um lixo, entrei na banheira por um tempo, minha mente parecia desconectada e, eu não conseguia raciocinar direito, estava muito cansada e abalada, acabei pegando no sono dentro da banheira.

Acordei assustada, com Júlio Cesar nu, entrando na banheira.

— Estou sonhando? — perguntei desnorteada pelo sono.

— Alice é real! — Sorriu me segurando pelos cabelos e levando minha boca para sua, parecia um homem sedento, me beijava com loucura. Que maravilha! Que saudades desse homem! Eu me sentia trêmula, meu corpo correspondia sem medo.

— Amor, que saudades... Senti tanto a sua falta. — Ele ainda estava segurando meus cabelos e olhou nos meus olhos. — Sou louco por você, lembre-se disso sempre.

Parecia um sonho. Ele me tirou da banheira e me levou para cama, sempre me beijando; passou as mãos nos meus seios e os levou à boca, lambia e

dava mordidas. Eu já não conseguia raciocinar direito com o prazer que sua boca transmitia.

— É como voltar para casa, senti tanto a sua falta!

Dei um safanão nele e saí da cama. Ele pensava que eu era fácil? Que podia me tirar da sua vida assim e depois voltar como se eu fosse uma puta? Tinha muita coisa para me explicar!

— Não sou mulher de transar com caras comprometidos.

Ele me olhou sem graça.

Júlio Cesar

Fiquei nervoso e deixei o quarto, pois ainda não estava preparado para falar sobre mim para ela. Voltei e a encontrei dormindo.

Sabia que estava cometendo um erro, minha mãe fez uma ameaça velada em minha sala.

Depois que consegui tirar a Alice de lá, eu fui até a matriarca, onde fui intimado a casar com a Adriana e criar laços com a família dela, ou Alice iria parar em Dubai, servindo de prostituta para quem pagasse mais, pois ela não me deixara casar com uma passista, vagabunda de escola de samba.

Acho que pela primeira vez, eu assustei a minha mãe e também dei certeza que Alice era meu ponto fraco. Não me contive e parti para cima dela, acho que teria agredido aquela mulher se não tivesse sido contido pelos seguranças. Minha vontade era de matá-la.

Tinha que ser mais forte, não era para participar da droga da reunião, mas não consegui ficar longe, e Ricardo botaria tudo a perder, pois não entendia nada do assunto e todos os presentes sabiam que ele não tinha esse vínculo com a empresa.

Ela foi esperta, minha mãe era uma cobra, sabia que me tiraria da toca trazendo a Alice.

Não iria deixar ninguém ferir a Alice, minha mãe já fez mal a todos que passaram em sua vida, uma prostituta vestida de socialite, uma cobra capaz de matar o próprio marido para conseguir o que desejava.

Mas seus dias de rainha estavam contados, ela pagaria por tudo que fez, mas antes, eu precisava tirar a Alice da linha de fogo.

Olhei para ela, dormindo, era linda, uma mulher maravilhosa, queria ter filhos com aquela mulher, ela me tirou da vida sem calor que eu vivia, não podia perdê-la, iria dar um jeito de voltar de vez para casa. Peguei o telefone e liguei para a America.

— Mande preparar meu jatinho, devo viajar de madrugada, vou para a ilha, não quero comentários sobre o assunto se alguém perguntar. Anote tudo que vou precisar.

Depois de todas as instruções dadas, fiz outra ligação, que era a mais importante e mais difícil.

— Boa noite, Mathias.

— Imaginei quando você ligaria para mim.

Não o suportava, mas sei que a amizade dele pela Alice era real, portanto, ele era minha única saída à contra gosto.

— Antes tarde do que nunca — respondi com raiva.

— Deveria ter sido antes dessa confusão toda — Ele respondeu com raiva, sei que ele deveria estar fervilhando de ódio de mim, mas eu não estava ali para levar desaforo para casa.

— Estou ligando para pedir um favor e não para levar sermão!

— Sermão? Sermão? É isso o que pensa? — O senti tentando se acalmar. — Júlio, desde o dia em que reconheci você, eu me liguei que era encrenca para minha amiga. Por que você não cai fora e a deixa em paz? Ela não merece essa merda toda batendo na porta dela. — Suspirou. — Foi errado da minha parte ajudá-la a ficar com você.

— Pensa que não sei? Que não tentei? Não tive escolha, eu amo essa mulher e não vou abrir mão dela, nem que tenha que protegê-la com minha vida. — Puxei meus cabelos, andando pelo quarto, estava com medo de que ela acordasse e ouvisse a conversa toda.

— Deveria ter tentando mais.

— Olha, eu preciso de um favor. Vai me ajudar ou não?

— Por ela! Diga, o que precisa que eu faça?

— Escute...

Capítulo quatorze

Alice sequestrada.

Acordei desnorteada,

Perto da janela, estava o filho da mãe do Júlio Cesar, não iria deixar barato, pois ele tinha explicações a me dar.

Pulei, chateada, estava pronta para a briga, pelo olhar que ele me lançou era melhor vestir uma roupa antes de lançar umas verdades na cara dele.

Amarrei bem o roupão como se fosse uma armadura, pois meu corpo era traiçoeiro com relação a esse homem, e neste momento, eu não poderia divagar o quanto ele continuava lindo, delicioso, maravilhoso.

Minha mente também era meio lerda e não lembrava o quanto ele nos magoou.

— Bem, creio que mereço resposta — Tentei falar com calma.

Sentei na cama e o esperei falar, na realidade, eu estava tentando ficar calma, para não partir para cima dele e dar um monte de porrada.

— Amor... É complicado!

— Complicado? Complicado? Você some sem explicação, me ignora por meses e agora vem com essa conversa de que é complicado?

— Alice! Eu tive problemas e pelo nosso bem, eu precisei me afastar de você. — Ele olhava para mim suplicando entendimento, mas como poderia entender algo que desconhecia?

— Mas se você não me explicar, eu nunca vou entender. O que sua mãe queria comigo? Por que precisei sair da empresa as pressas com seu amigo? Quero respostas e quero agora.

O telefone dele tocou.

— Alô, sim... Entendi... Ok... Estaremos prontos no horário.

Ele desligou e começou a fechar as minhas malas, parecia alucinado.

Puxei a minha maleta da mão dele e o empurrei para o lado e comecei a gritar.

— Você não tem esse direito de sumir da minha vida, e depois voltar como se nada tivesse acontecido. Pare de mexer nas minhas coisas, sai da minha vida.

Ele me pegou pela cintura, segurou minha cabeça e assaltou minha boca

com a sua, minhas lágrimas misturavam-se com nosso beijo; eu o abracei, abalada, não era justo tanta dor por algo que era desconhecido, não tinha nem como me defender.

Ele foi o primeiro a me soltar, eu vi em seus olhos a dor e o arrependimento, mas de quê? O que aconteceu?

— Júlio, conversa comigo — pedi. — Fala para mim o que anda acontecendo.

— Vou contar tudo para você, me dê um tempo — pediu me olhando. — Precisamos sair daqui, tenho tudo organizado. Pegue suas coisas, tem um carro lá embaixo nos esperando.

— Tudo bem. — Acabei cedendo. — Mas no caminho, nós vamos conversar, eu não aguento ficar no escuro.

O meu telefone escolheu aquele momento para tocar, droga!

— Oi, Juliana... Não sei... Quando voltar para Salvador, nós combinamos e ele não me ligou... Tá bom, eu falo com ele, vou ligar agora... Te amo amiga! — Olhei para Júlio Cesar, pedindo desculpa com o olhar e fiz uma ligação, porque se não a Ju não me deixaria em paz.

— Oi, Gabriel... Estou em Sampa, pois é... Queria falar comigo? — Ouvia tudo que o Gabriel falava, mas com o olhar no Júlio Cesar, que parecia estar morrendo de raiva...

Não me importava, ele havia sumido da minha vida durante meses.

— Combinamos na minha volta. Prefiro cerveja. Beijos.

— Quem é Gabriel?

— Um amigo... — não dei importância. Coloquei as coisas na mala e fui vestir uma roupa.

— Que amigo? Você nunca falou dele para mim!

— Pois é... têm meses, quase um ano, para ser mais exata, que não falo com você. De lá para cá, muitas coisas aconteceram. — Ele me olhou como se fosse me matar com o olhar.

— Quem é Gabriel, Alice? — pontuou com raiva.

Não dei importância à sua pergunta; vesti uma calça jeans e blusa solta, branca e, em seguida, calcei um par de botas vermelhas. Apesar de tudo, eu me sentia bonita e confiante.

— Estou pronta — falei já pegando a minha bolsa.

Puxando minha mala, ele estava espumando, chateado, pelo menos era o

que parecia. Eu ficava feliz em vê-lo assim, ele merecia, por toda a angústia que passei durante esses meses.

— Não vamos sair daqui até você me dizer que é esse cara.

— Não é da sua conta! Você não é meu dono e não manda em mim.

— Passei meses sofrendo por estar distante de você, e agora aparece esse tal de Gabriel.

Meu coração deu um salto, ele também sofreu durante aqueles meses, era difícil se manter firme quando um cara dizia essas coisas.

— Júlio Cesar, você disse que precisávamos sair rápido daqui, então vamos logo. No caminho, você se explica e, eu me explico... Pode ser?

— Ok! Mas você não vai fugir das respostas que precisa me dar.

— Digo o mesmo, meu querido!

Saímos pelo elevador de serviço, direto para a garagem no subsolo, entramos em um carro preto e o motorista, que por sinal era o Ricardo, arrancou com o carro de lá, às pressas.

Vi o hotel ficando para trás sem saber para onde estava indo, mas confiava no Júlio Cesar, precisava confiar, pelo menos naquele momento.

Acabei me esquecendo de ligar para o Matt, e avisá-lo sobre tudo, tinha um encontro marcado com ele, que não compareci.

— Ricardo, você é multifuncional, hein? Chefe de contabilidade, motorista, segurança. Quais outros segredos você esconde, meu caro? — falei sorrindo para ele, através do retrovisor.

— Tenho muitas qualidades, você precisa conhecer. — Senti o humor da resposta, que na realidade era para chatear o cara ao meu lado, então entrei no clima.

— Muito bom! Então passe seu número, precisamos conversar sobre essas qualidades. Fiquei curiosa. — Sorri.

— Com prazer, baby...

— Ricardo poderia parar a conversa e andar mais rápido? — O estraga festa falou.

Ricardo piscou para mim pelo retrovisor e seguiu em alta velocidade. Meu celular tocou e vi que era o Gabriel de novo. Caralho, que cara grudento! Juliana só me arrumava essas porcarias chatas.

Assim que pensei em atender, Júlio Cesar tomou o aparelho da minha mão e atendeu. Tentei pegar o celular de volta, mas ele me segurou enquanto

falava.

— Alô...

— Oi, acho que liguei errado, esse número é da Alice?

— Sim, quem gostaria? É o marido dela falando.

— Ah... Marido? Tudo bem, eu acho que liguei errado. — A ligação caiu.

— Palhaço!

— Você não tinha esse direito! — falei pegando meu celular de volta.

— Como não tinha? Você parece mel atraindo abelha. Quem é esse palhaço, Alice? Fala logo!

— Não vou falar da minha vida para você.

Olhei para janela com o pensamento fervilhando; primeiro, mataria a Juliana, que me apresentou aquele idiota do Gabriel, e deu meu número para ele. Depois, eu sufocaria o Júlio Cesar com minha echarpe vermelha e fugiria com o motorista... Pronto, plano perfeito!

— Você está sorrindo de quem? Da minha cara?

Não tirei meu sorriso do rosto e ainda pisquei para o Ricardo, que soltou uma tremenda gargalhada.



Chegamos a uma estrada de terra onde um belíssimo jatinho estava parado, resumindo: Eu estava sendo sequestrada para não sei onde e não sabia nem o porquê.

Para ficar mais confuso na minha cabeça, Matt, me esperava perto de um carro preto, junto a cinco homens mal encarados. Ele estava lindo, e com cara de poucos amigos.

— Matt?

— Oi, princesa, metida em encrenca? — Me abraçou carinhosamente.

— Precisando de um príncipe para me resgatar! — Beije seu rosto, amava aquele homem como a um irmão. — Saudades de você! Desculpa por deixá-lo esperando ontem?

— Também senti sua falta, relaxa Alice, vai ficar tudo bem. — Sorri sem humor. — Saudações Júlio Cesar;

— Oi, Matt, tudo pronto? — Como assim? Agora minha mente deu um nó.

— Sim, que fique bem claro que estou fazendo tudo isso por ela. — os

dois estavam falando sobre o quê?

Olhei para eles sem entender nada, não era nenhuma novidade que não se suportavam, mas aquela animosidade e pareciam que estavam combinando alguma coisa.

— Para onde estamos indo?

— Alice, você sabe que pode me ligar e pedir ajuda quando precisar e a qualquer hora? — Matt perguntou.

— Claro, meu amigo. — O que estava acontecendo? — Vocês estão me deixando preocupada, parece que devo ter medo de alguma situação.

— E deve... Conte tudo a ela, ela tem que ter o direito de escolher ficar ou partir. — Ele falou olhando para o Júlio Cesar, me abraçou e beijou minha cabeça. Em seguida entrou no carro e partiu.

— Do que ele está falando?

— Vamos conversar dentro do avião.

— Quem disse que vou entrar no seu avião sem saber para onde estamos indo?

— Alice, nós precisamos conversar — disse nervoso. — Então entre no avião.

Como não sou uma mulher de ceder a ordens, eu me neguei e fui levada nas costas até o avião, com a bunda para cima e esperneando. Já dentro do avião, onde xinguei todas as gerações do Júlio Cesar, percebi os caras que estavam com o Matt me olhando, chocados. Não estava nem aí, eu queria era saber o motivo de estar sendo sequestrada e para onde estava indo. Mostrei meu dedo do meio para todos eles, que viraram para o outro lado.

— Seu amigo não vai? — perguntei sobre Ricardo.

— Não, ele precisa resolver alguns assuntos para mim.

Pegando em minha mão, ele me levou para o fundo do avião onde tinha um quarto pequeno muito confortável, entrou e trancou porta. No segundo seguinte, ele já estava sobre mim, me beijando e abraçando.

— Oh, minha morena, senti tanto a sua falta. — Gemeu em meu ouvido. — Meu Deus! Parece que faz anos que não fico assim com você;

Dessa vez, ele não ia me enrolar, eu não o deixaria me enganar com sexo.

Soltei-me de seus braços e fui para o outro lado da cama, precisava de distância e respostas, não iria recuar, chega de ficar no escuro.

— Agora, eu quero saber, por que estamos aqui? Por que você está me

levando para não sei aonde? Quero respostas, Júlio Cesar, e as quero agora. — gritei exasperada.

Ele passou a mão no cabelo, não ia me comover com aquele olhar lindo e perdido. Dessa vez, eu iria ser irredutível, descobriria tudo que estava acontecendo nem que fosse a força.

— Muito bem, Alice! Quero que você saiba que tudo que fiz foi por amor a você; em nenhum momento, eu quis te abandonar ou meter você nessa confusão.

Meu coração quase parou com a declaração dele.

— Estou ouvindo — falei vestida de durona, não podia me derreter agora, depois faria isso, mas no momento, eu precisava tirar a verdade que ele escondia.

— Você se lembra daquele senhor que apareceu lá no escritório no dia em que brigamos e você saiu sem me dar satisfação? — perguntou.

— Sim, se não me engano, ele se chamava Altair — respondi sem entender onde ele queria chegar. — O que tem ele?

— Ele é meu verdadeiro pai. Eu soube quando o pai que me criou, saiu de casa. — Meu Deus! — Foi complicado entender que tinha outro pai e que não era amado por nenhum dos dois.

Ele parecia derrotado ao fazer essa revelação.

— Minha mãe era uma prostituta quando conheceu meu suposto pai, uma acompanhante. — Que confusão! A mulher toda metida e arrogante era uma prostituta! — Ela é astuta e queria mudar de vida, meu pai adotivo, bem mais velho, caiu em sua lábia, se apaixonou e a tornou sua senhora e rainha de seu império. — Que vadia enganadora. — Ele é muito rico, Alice, minha mãe descobriu e resolveu que queria tudo para ela, faltava um filho para chegar ao seu plano, então, ela seduziu seu secretário particular, que a engravidou. Meu pai não podia ter filhos, mas não sabia até quando completei dez anos.

Ele sentou na cama olhando para frente, como se estivesse vendo sua vida passar diante do seu rosto, parecia massacrado ao se lembrar; fiquei com vontade de abraçá-lo, mas sabia que não era o momento.

— Eu era o filho amado do meu pai, inseparável, ele parecia me amar, sempre que viajava trazia presentes e fotos para me mostrar os lugares onde ficava meu império, quando eu assumisse seus negócios. Minha mãe odiava a nossa amizade, dizia que meu pai me mimava demais e se esquecia dela, na realidade, ela nunca suportou concorrência, era uma mulher ardilosa e fogosa,

queria tudo e todos aos seus pés.

— Uma vez, eu entrei em sua sala particular para mostrar meu quebra-cabeça e, eu a encontrei transando com o Altair. — Uma lágrima solitária caiu do canto do seu olho. — Ela me viu e sorriu, parecia que estava amando que eu estivesse vendo, saí correndo da sala e vomitei no tapete do corredor. Passei dias com febre, eu só tinha cinco anos, mas já sabia que aquilo era errado.

Ele segurou seus cabelos e começou a puxar; eu me sentia quebrada em ouvir aquilo, nenhuma criança deveria passar por isso. Sentei na cama tentando segurar as lágrimas, segurei sua mão e trouxe para meu rosto.

— Eu passei a odiá-la, não tinha coragem de contar a ele, fui um fraco. — Seu olhar suplicava por perdão — Ela sempre me encurralava para dizer isso: você é um fraco como seu pai. — Odiava aquela mulher. — Chamava-me de homezinho de merda, me odiava.

Nós dois já não segurávamos nossas lágrimas.

— Quando fiz oito anos, ela convenceu meu pai que eu não precisava ir à escola, pois o Altair poderia cuidar da minha educação. — Fui trancado em casa, levei várias surras, fui espancado por ele e por ela, nunca fazia nada perfeito.

— Várias noites, eu fui trancado na dispensa para dormir sozinho. — Estava sangrando e triste por ele. — Antes, eles contavam histórias de monstros horrendos que comiam criancinhas desobedientes, eu tinha pesadelos. No começo, eu lutei, chorava, gritava pedindo socorro. — Suspirou me olhando. — Ninguém nunca apareceu para me ajudar.

Aqueles dois mereciam prisão perpétua, machucaram meu menino, não só na pele como na alma.

Tentei abraçá-lo, mas ele me conteve.

— Não! Preciso terminar de falar — pediu para que o escutasse. — Chegou um tempo em que não mais sentia nada, consegui me entorpecer para tudo que eles diziam e faziam, deixei de me importar. — Como a alma dele devia ser ferida. — Mas vê-la fazendo sexo com outros homens enquanto meu pai viajava a trabalho era a pior parte; segurança, motorista, amigos de negócios do papai... Todos!

Abracei meu corpo e chorei copiosamente.

— O que ela não contava era que meu pai precisaria fazer alguns exames em Cuba, porque pegou pneumonia quando estava lá, nesses exames, ele descobriu que nunca poderia ter filhos, ele não disse nada, mas colocou detetives para descobrir a verdade, sei que eles brigaram muito, houve gritos, xingamentos

e depois fui mandado para uma escola na Suíça e foi uma benção.

Seu olhar tinha uma tristeza e uma dor reprimida

— Nunca mais vi meu pai até o dia de seu enterro, há dois anos.

Não podia mais me conter, me joguei em seu colo e o abracei, chorando. Deitamos na cama, ele chorava junto comigo, era triste ver um homem daquele tamanho tão quebrado emocionalmente.



Acabamos dormindo abraçados, fui a primeira a acordar. Quando saí do quarto, nós já estávamos atravessando uma praia muito bonita, não fazia ideia onde era, parecia um paraíso visto de cima.

Antes de aterrissar, ele veio e sentou na poltrona ao meu lado afivelando o cinto de segurança, uma aeromoça muito simpática nos serviu algumas frutas e suco.

Estávamos calados, cada um, envolvido em seus próprios pensamentos. Eu precisava saber de toda a história da sua vida, mas no momento, eu me sentia frágil com as descobertas que tive e sabia que ele se sentia exaurido por lembrá-las.

Logo foi anunciada a aterrissagem, descemos e fomos direto para um jipe, que nos esperava no lado de fora do pequeno aeroporto, os seguranças seguiram em outro carro todo preto.

— Onde é esse lugar? Muito bonito por sinal — perguntei tentando quebrar o silêncio e por curiosidade também.

— Não conhece a sua terra Alice? Aqui é Caraíva, tenho uma ilhota aqui. Não se preocupe, quase ninguém conhece ou se aventura a chegar à ilha, só de avião ou barco.

— Nunca ouvi falar mesmo, muito lindo. — Realmente o lugar era encantador. — Como se chama sua Ilha?

— Ilha.

— Só ilha? Ôxe, que doido!

— Eu chamo de ilha, quase nunca venho aqui. Eu só comprei para ajudar um amigo.

Fiquei quase em pé no banco do jipe e abri meus braços, sentindo aquele ar puro em meu rosto. Que lugar lindo meu Deus! Um paraíso particular. Gritei alto para ele através do vento.

— Como você pôde conseguir ficar longe de um lugar desses? Isso aqui

é um sonho.

Ele riu me segurando para sentar novamente no banco do jipe, com medo que eu caísse.

Chegamos a uma casa grande, deveria ter uns dez quartos ou mais, sem exagero, parecia uma mansão como dizem que os artistas de Hollywood moram; eu só tinha visto alguma coisa assim em fotos de revista de famosos ou noticiários na TV.

— Meu Deus, essa casa também é sua? Quantos banheiros têm esse troço?

— É minha sim. São seis quartos e uns dez banheiros, contando com a parte da criadagem, fora um bangalô que fica próximo aqui da casa.

— Jesus, quem morava aqui antes? Um artista?

Ele caiu na risada entrando na casa, fomos recebidos por uma senhora muito simpática e um senhor calado, com uma cara de desconfiado.

— Bom dia, senhor Altamir.

— Me chame de Júlio Cesar. Eu gostaria de apresentar minha namorada, a senhorita Alice.

— Prazer, senhora, meu nome é Marina e esse é meu esposo Romeu.

O senhor balançou a cabeça, calado, pareciam pessoas simples de pouca conversa.

— O prazer é meu. — Sorri para Marina.

— A senhora deve querer se refrescar, o Romeu vai levar as malas até seu quarto.

— Obrigada, vou tomar um banho e dar um mergulho neste marzão.

— Vou ao escritório fazer algumas ligações e depois vou tomar banho, por favor, Marina, se tiver um suco, eu agradeço — disse Júlio Cesar parecendo inquieto.

Subi as escadas junto com a Marina, fui encaminhada a um quarto amplo de cor clara, com uma grande janela de vidro e com vista para o mar azul, era lindo. O banheiro tinha uma enorme banheira.

Pulei na cama, entusiasmada com aquele paraíso, o fim de semana prometia fortes emoções, principalmente, em saber que o cara que eu amava era milionário. Ninguém, apenas rico, conseguiria comprar uma casa daquelas, tinha que nadar em grana para ter uma ilha.

Agora ficou pior ainda, tinha certeza que eu não faria parte do seu meio

social, provavelmente, frequentado por Gisele Bündchen e Angelina Jolie. Sentei na cama passando a mão no rosto, não me desesperaria ainda; colocaria um biquíni e aproveitaria o momento para curtir o fim de semana, depois era depois.

— Eu não tenho biquíni na mala. — lembrei. — E agora?

Corri até o closet, que era uma imensidão, quase chorei de inveja daqueles armários, o sonho de toda mulher, tantos lugares para organizar as coisas.

Achei não só um biquíni, mas vários e a maioria com etiquetas, será que Júlio levou outra mulher ali? Não vestiria resto de puta *classuda* nenhuma.

Meu ciúme ferveu ao imaginar o Júlio com outra naquele lugar, tomando Sol, bebendo, fazer amor naquele mar, nos corais...

— Argh... Que ódio.

O lugar perdeu a cor, tinha que perguntar, e se fosse verdade, eu o mataria antes de pegar o jatinho e fugir.

Desci as escadas, pisando duro, nem sabia onde ficava o escritório, mas ia achar, fui abrindo todas as portas pelo caminho, enfim o encontrei numa sala média, sentado numa poltrona, enquanto conversava com os seguranças.

— Amor, por que você não trocou de roupa ainda? Não gostou do quarto?

— Quem é a dona daqueles biquínis?

Ele me olhou confuso.

— Biquínis? Que biquínis?

— Os do quarto que estou. Quem é a dona?

Percebendo o clima, os seguranças foram saindo dando risos discretos.

— Não sei do que você está falando, juro que não sei.

— Jura! No closet há vários biquínis usados e outros com etiquetas; alguém os comprou ou pagou por eles. Foi você e para quem? — Estava fervendo. — Foi para sua noiva?

Ele deu uma crise de risos, gargalhava sem parar, colocando a mão na barriga e, em seguida, sentou novamente na poltrona.

— Você está com ciúme? É isso? Não tenho noiva nenhuma.

— Claro que não tenho ciúme nenhum, você é livre e pode fazer o que quiser! E não fiquei rindo da minha cara assim...

— Se não é ciúme, qual a preocupação?

— Não vou usar nada de alguém que não sei quem é — tentei reverter minha vergonha. — Imagine se ela tinha doença venérea?

Estava me sentindo uma tonta, ele não me devia nada, era um homem livre ou noivo, sei lá.

— Entendo, Alice...

Dei as costas para fugir da sala, chega de fazer papel de boba.

Fui puxada de encontro a seu corpo, ele beijou meu pescoço e subiu até minha orelha, onde deu mordida e soprou de leve, então falou:

— Não tem mais ninguém, só você, sempre foi você Alice.

Com essa afirmação, eu já fiquei arrepiada, excitada, suas palavras tinham esse poder sobre mim.

— Mas, de quem eram os biquínis? — Já estava falando, gemendo, porque minha adrenalina sexual estava em alta.

— Seus. Eu comprei todos para você. — Olhei para ele, incrédula. — Vem cá, senta aqui comigo, vamos falar sobre isso, não quero mais dúvidas sobre meus sentimentos por você. — Sentei em seu colo como ele pediu.

— Eu amo você, você entende isso? — Estava com os olhos arregalados, não era todo dia que um homem dizia que amava você com tanta convicção.

Engoli em seco com sua afirmação.

— Tudo bem? Deixa eu te dizer. — Beijou meu rosto. — Assim que saí de lá, meu amigo me procurou pedindo ajuda, conheço pessoas nada legais, fui criado em meio a pessoas muito cruéis. — Eu olhei, assentido. — O que quero te dizer, é que meu amigo precisava de dinheiro para pagar uma dívida ou morreria.

— Meu Deus, Júlio, como assim?

— É uma longa historia e muito complicada, por fim comprei a ilha para ajudar e nem a olhei direito, não sei o que tem aqui, só que na primeira vez que tive aqui para realizar a compra, eu fiquei encantado com o pôr do Sol e vi você naquela praia, correndo com nossos filhos, fazendo castelos na areia.

— Você quer ter filhos comigo? — Estava com os olhos marejados.

— Se você quiser — Seu sorriso era verdadeiro e genuíno.

Sorrimos e nos beijamos, parecia o selo de um pacto.

— Eu comprei a ilha para você, é sua, vai ser nosso paraíso particular. Mandeí comprar biquínis e tudo que se usa em praia. — Parecia envergonhando ao dizer isso. — Os trajes que forem usados podem jogar fora, foi meu amigo que deixou aqui.

Sorriu me beijando de leve e afirmou: — Eu nunca estive aqui com ninguém, nunca! Você confia em mim?

— Confio, claro que confio. — Precisava confessar meu amor também. — Eu amo muito você, promete que não vai sumir de novo?

— Alice... Antes de terminar o que comecei, eu vou ter que ficar longe por uns dias ou meses, é necessário.

Levantei do seu colo, chateada, e fui até a janela.

— Por quê? Do que vale uma ilha se não o tenho comigo? — perguntei virada para a janela, ele veio e me abraçou por trás, encostou a cabeça no topo da minha e falou:

— Minha mãe ameaçou você, se eu não fizer o desejo dela, ela vai enviar você para Dubai, para se prostituir.

Olhei para ele, chocada, ele não estava cogitando que eu aceitaria uma coisa dessas, ou estava?

— Mas ela precisa fazer com que eu queira ir, eu não sou prostituta. Sua mãe não é a dona do mundo.

— Alice, minha família vem enviando mulheres para a prostituição ao redor do mundo desde que eu nasci, se ela diz que manda você pra lá é por que ela já pensou como fazer isso sem o seu consentimento.

— Isso é sequestro, como você permite que isso aconteça? — Eu falei, gritando histérica.

— Porra... Senta aqui na droga deste sofá e vamos conversar. O Mathias tem razão, você precisa saber de tudo.

Fui até o sofá e sentei, eu sabia quando devia me calar e ouvir; ele sentou de frente a mim e despejou a bomba de sua vida.

— Meu pai viajava muito, porque levava prostituta para homens poderosos e ficou rico fazendo isso, foi assim que conheceu minha mãe em um bordel. — Eu estava chocada. — Eu soube, anos mais tarde, de onde vinha toda a riqueza da minha família.

Ele passou a mão no rosto e pegou minha mão e, em seguida, levou até seu peito e a deixou ali.

— Não me odeie! Eu não sabia, juro que não sabia. Faz três anos que soube que minha fortuna vinha disso. Com a morte dele, minha mãe fez prosperar o negócio, ela é fria e gosta de luxo e dinheiro, então se infiltrou na sociedade. Hoje, ela tem homens poderosos em seu bolso, traficando segredos.

— Como assim? Tráfico de segredo?

— Sim, ela fornece as meninas, filma, grava. — Era pior do que imaginei. — E depois faz chantagem quando lhe convém.

Estava sem saber o que dizer.

— Esses homens pagam milhões ou fazem favores para ela, e é assim que ela vem mantendo o negócio.

Ficamos em silêncio por um momento, tentei digerir tudo, nunca imaginei que um dia em minha vida fosse viver uma situação tão complicada. Meu coração estava chorando por ele, não tinha medo por mim e sim por ele.

— Eles são pessoas ruins; matam, roubam, sequestram. — Ele voltou a falar. — É uma quadrilha Alice, muita perigosa, minha mãe e o pai da Adriana, que também é do ramo, estão querendo nosso casamento para expandir e dominar os negócios sozinhos. Eles acham que assim vão ficar ainda mais poderosos.

— Adriana sabe disso? Ela é conivente com essas coisas?

— Não, ela não sabe sobre o pai, acredita que são ações da bolsa de valores, restaurante e boates. Mas não sabe que tudo isso é para esconder o verdadeiro negócio.

— Como você descobriu?

— Meu verdadeiro pai bateu no apartamento e jogou tudo na minha cara, lógico que não acreditei, mas fiquei com dúvidas e comecei a investigar. — Ele não olhava nos meus olhos, mas para o tapete. — Eu vivia distante dos negócios, tinha minha própria renda, meus avôs deixaram alguns bens para mim; eu administrava minha vida, longe dela.

— Então como você voltou para tudo isso? — Estava muito curiosa, precisava organizar aquele quebra-cabeça.

— Descobri que meu pai não morreu de acidente, ela mandou matar, assim como mandou matar o meu verdadeiro pai. — Ficava pior a cada minuto. — Ele me procurou para contar o motivo de querer vingança; minha mãe falhou na tentativa de acabar com a vida dele e sei que assim que eu casar com a Adriana, ela vai acabar com a vida da moça, já que não suporta concorrência.

Sentia-me entorpecida pela história, parecia coisa de filme italiano, era tudo muito incrível para se acreditar.

— Eles precisam pagar por tudo que fizeram, pelas famílias que destruíram, pelas moças que tiveram suas infâncias roubadas; eu não posso viver sabendo que vim de uma família de bandidos e assassinos, tem que haver

punição. — Ele levantou e começou a andar na sala com raiva. — Tive minha infância roubada, fui espancado e não conheci o calor de uma família, tudo culpa daquela maldita.

Sentia ondas de ódio saindo do seu corpo, ele odiava a própria mãe e ódio envenena a alma do ser humano. Eu esperava em Deus conseguir ajudá-lo a curar tanta mágoa.

O abracei e beijei com todo meu amor, ele me apertou em seus braços e fomos direto para sua mesa; com muita rapidez, ele tirou minha roupa, sua mão foi como um furacão em meus seios, segurando e apertando, enquanto sua boca ia até meu pescoço e mordia com voracidade.

Puxando seu rosto até a altura do meu olhar, eu disse:

— Esse fim de semana é nosso, vamos viver nosso paraíso particular, depois vamos juntos encontrar uma solução. Nós dois. — Chupei seus lábios. — Você não vai conseguir me deixar de fora dessa vez.

— Sim! Mas agora quero saborear você.

Sua mão foi até minha calcinha tirando-a rapidamente, ele sentou em uma cadeira e sua boca e seus dedos foram direto até o meio das minhas pernas, onde tive meu clitóris chupado, abocanhado; sua boca estava me levando à loucura, gozei loucamente. Nunca me cansaria daquilo.

Júlio levantou minhas pernas, já tinha abaixado sua calça e se encontrava colocando a camisinha.

— Não me canso de ter você! — Alisou seu membro. — Você é viciante.

Entrou no meu corpo com uma única estocada, batendo rápido e com força. Seu olhar era de luxúria, de desejo puro. Era bom. Era louco. Era saudade.

— Mas rápido, com força... Quero mais. Deus... Vou morrer de prazer... Ahhh...

— Vem pra mim, porra amor... Você tem uma boceta muito gostosa... Caramba, deliciosa...

— Vou gozar, amor... Ai, meu Deus...

— Goza...

Gozei aos gritos, ele até tentou esconder meu barulho com beijos, mas logo começou a gozar e estava gemendo junto comigo.



Não estava acreditando que estava nos braços de Júlio Cesar, deitada em seu peito, de onde eu nunca deveria ter saído. Naqueles braços era meu lugar.

— O que você quer fazer agora? — Ele questionou beijando minha testa.

— Podíamos nadar na praia, o mar está tão lindo.

Depois de fazer amor comigo na mesa do escritório, fomos para o quarto, onde tivemos outras rodadas. Estávamos tentando matar o tempo perdido, longe um do outro.

Pulei da cama, eufórica. Fui para o closet colocar um biquíni, escolhi um branco com tirinhas dos lados. Acho que ele surtaria com o tamanho do biquíni.

— Vai para onde, nua desse jeito? — Ele me olhava de boca aberta.

— Vou fica com ele, excelente para pegar um bronzado. — Pulei feliz.
— Obrigada amor.

— Alice! — exclamou chateado. — Os seguranças vão ficar olhando. É muito pequeno.

— Larga de ser bobo! Olhar não tira pedaços. — Fui até a cama e lhe dei um monte de beijos. — Larga de ciúmes, sabe que sou sua!

— Eu não gosto dos homens olhando para você. Falando nisso, a senhora me deve explicações — disse pulando da cama.

Ele ficava lindo com aquela cara pós foda, todo bagunçado, deu vontade de lambê-lo todinho. Se bem que eu sempre tinha vontade de lambê-lo.

— Quem é Gabriel? — perguntou olhando feio para mim.

— Um amigo da Ju!

— Por que um amigo dela tem seu número?

— Poxa, você me abandonou na época, lembra? — Ele parou próximo a mim e cruzou os braços. Meu Deus, que homem gostoso!

— Não me olhe com essa cara gulosa. — Ele pegou no pau e o balançou.
— Não vai ter mais, se você não tiver uma boa explicação para essa história.

Eu não acreditava que ele estava me ameaçando, querendo tomar meu prêmio.

— Você sumiu...

— Eu precisei dar um tempo, sua vida estava em risco, eu não traí você, não fiquei com mulher alguma. Você sempre foi a única para mim.

— Eu não sabia, pensei que você não me queria. — Estava me sentindo encurralada. — Que tinha me abandonado.

Ele virou as costas e foi até a porta do closet e voltou, seu rosto estava frio e distante.

— Dormiu com ele? — perguntou.

— Não! Não fui para cama com ninguém depois de você. — Ainda queria entender o motivo de estar me explicando.

— Eu saí uma noite, pois estava chateada, os meus amigos estavam preocupados comigo, porque eu me afogava em bebedeiras e noitadas. — Sentei na cama. — Eu não conseguia te esquecer, meu coração estava quebrado.

Chorei, segui para a janela e fiquei olhando o mar azul.

Ele não se aproximou, ficou lá, só me olhando, esperando o fim da história.

— A Ju achou que precisava me apresentar alguém, para ver se me tirava daquela situação caótica. Foi onde que conheci o Gabriel, amigo de uma colega dela. Ele é bonito, conversa boa.

— Não quero saber como ele é, porra! Ele tocou em você? Beijou minha boca? Me diz? — Ele estava transtornado de raiva e ciúmes.

Nem tinha percebido ele se aproximar.

— Me solta! — Saí de perto dele, chateada. — Você não tem o direito de me cobrar nada! Foi culpa sua e dessa mania de segredos.

— Eu sei! Pensa que não sofri? Não foi fácil, porra! Eu sou louco por você, e não podia ficar perto. — Começou a puxar os cabelos, nervoso. — Foi difícil pra caramba.

Ele gritou, transtornado. Bateu porta do closet.

— Toda a porra de homem te deseja, pois você é linda... Gostosa, inteligente, porra! Foi fácil deixar você? Não foi! Nunca pense que foi! Eu me odiava por ser quem eu era e por conta disso não poder ficar com você. E você deixou outro homem sentir seus beijos, seu corpo... Porra!

Olhou-me com rancor e, eu surtei com seu olhar. Ninguém me faria sentir culpada por uma situação que não criei.

Fui até ele e dei um tabefe na sua cara com bastante força, ele me olhou sem acreditar.

— Você me bateu!

— E vou bater de novo! Eu disse que não dormi com ele; em nenhum momento, eu falei que foi fácil para você. — Bati o dedo em seu peito. — Não venha colocar palavras na minha boca.

Eu estava com muita raiva dele.

— Não podia adivinhar que você voltaria; só rolou beijos, que na

realidade nem lembro direito, pois estava bêbada demais, lembrando que você tinha me deixado. — Bati no peito dele com força e ele ficou me olhando, vidrado. — Então cala essa porra de boca, pois a culpa é sua!

Saí do quarto, cega pelas lágrimas, só queria ficar sozinha e me esquecer que era louca por um maluco ciumento.

— Senhora? Posso ajudar? — perguntou um segurança perto da escada, mais uma vez estava pensando alto, tinha que parar com essa mania.

— Não, só quero chegar até a praia.

— Posso levá-la. Por aqui...

— Não precisa, basta diz onde fica!

— Eu levo a senhora... — eu tinha certeza de que ele tinha ordens para ficar na minha cola.

Saímos pela porta de um belíssimo jardim; andamos alguns metros até chegar a uma paisagem de tirar o fôlego. Havia um bangalô todo de madeira branca, com um barzinho, tinha cortinas brancas para todos os lados e várias cadeiras de sol ao redor. A minha frente tinha um mar azul muito convidativo. Corri de braços abertos e me joguei na água. Aquilo deveria ser o paraíso.

Júlio Cesar

Da janela do quarto, eu a vi entrar no mar; aquela mulher era uma visão! Seu tapa ainda ardia em meu rosto, eu mereci, perdi o controle, estava a beira de um colapso nervoso, precisava controlar meu ciúme, mas era difícil.

Alice brilhava como uma estrela, uma mulher espetacular, eu vi como todos ficaram encantados com sua beleza e inteligência na reunião, ela roubava a cena, e era toda minha. Às vezes nem acreditava que uma mulher como ela me desejava, não pelo meu dinheiro, mas pelo homem que eu era. Era incrível e, eu seria capaz de matar se tentassem tira-la de mim.

Peguei o telefone e liguei para o Ricardo

— Novidades?

— Até o momento nenhum movimento, o que torna tudo muito estranho, pois não é o jeito de sua mãe agir. — Suspirou como se tivesse se sentindo frustrado. — Não consigo entender, por que trazer Alice a São Paulo?

— Para me amedrontar, queria me mostrar que sabia da existência de Alice, e que acabaria com ela se eu não fizesse o que deseja. — Minha mãe não fazia promessas vazias e isso me dava medo.

— Entendo e mesmo assim, tem alguma coisa faltando nessa história. — Ricardo era bem treinado, e sabia que enfrentávamos uma pessoa sem escrúpulos.

— Quero que você descubra tudo sobre o tal Gabriel, onde mora, CPF, RG... Quero todos os detalhes.

Ouvi uma gargalhada do outro lado da linha.

— Crise de ciúmes? — Mais risada, ele se divertia as minhas custas.

— Para de rir e faça o que eu pedi. — Desliguei o telefone, só estava querendo saber com quem lidava.

Vesti um short e saí do quarto. Hora de fazer as pazes.

Alice estava jogada na areia, toda molhada e linda. Sentei do seu lado e esperei ela me notar.

Quando percebeu minha presença levantou e já ia saindo, mas peguei em sua mão e me levantei também.

— Perdão! Fui um idiota. — olhei bem nos olhos dela. — Não devia ter dito aquelas coisas para você. — Ela me encarou de volta. — Eu sou muito possessivo em relação a nós, porra! Eu não estou sabendo lidar com esse monte

de sentimentos dentro de mim. — Peguei seu rosto e nivelei com meu olhar. — Eu nunca fui amado por mulher nenhuma, e não pretendo perder você. Eu não posso perder você, entende?

Ela me abraçou e ficamos ali, com o barulho dos nossos corações e do mar.



Tomamos banho de mar e depois de chuveiro. Caímos na piscina que ficava no fundo da casa, não cansava de rir da cara da Alice quando descobria as novidades que a casa tinha, só de imaginar a cara que ela iria fazer quando descobrisse que tudo estava no nome dela; eu deixaria para contar depois, na hora que tudo estivesse acertado. Seria meu presente de noivado.

Jantamos no bangalô perto da praia, um peixe delicioso, regado a um bom vinho. Conversamos sobre a família dela, dei muitas risadas com suas histórias e com suas aventuras infantis, percebi o quanto dos seus pais ela tinha e agradei por eles terem criado uma mulher tão decidida e alegre como ela.

— Você era uma peste! Coitados dos seus irmãos.

— Eles eram piores, fui chamada de girafa durante a minha infância inteira. — Sorriu. — Os meninos colaram chiclete em meu cabelo, eu tive que cortar, chorei por três dias, mas me vinguei, raspei a sobrancelha do Alex a noite, ele ficou só com uma, e não compareceu a escola durante um mês, quase teve que repetir a série.

Eu já estava perdido em gargalhadas.

— E você, depois que foi para escola? — perguntou apontando para mim com sua taça. — Fez amigos?

— Não, nunca fui sociável...

Não gostava de me lembrar de como era isolado, nem o quanto era sozinho.

— Não tenho amigos, só o Ricardo e às vezes tenho vontade de matá-lo. — Sorri para ela.

— Ele é uma figura, gostei dele.

— Sempre estive do meu lado, a família dele serve a minha a gerações, e desde cedo fizemos amizade. Pena que ele não pôde estudar na mesma escola que eu.

— Hummm, por quê?

— Não é permitido, ele foi para uma escola do exército, tinha que

aprender a defender seus senhores. Coisa do país do meu pai. Falávamos por carta, depois veio e-mail e telefone. Sempre fui reservado, mas o Ricardo era canastrão; com ele, eu conheci minha primeira garota e tomei o primeiro porre. — Ela fez cara de brava e depois sorriu. — Tinha inveja, queria ser da mesma classe dele na época.

Ela me olhou com pena, odiava que as pessoas tivessem pena de mim.

— Tenho vontade de trucidar sua mãe — disse com raiva colocando a taça na mesa. — Mas quem era a pessoa que ia à empresa te procurar? Sempre que eles chegavam a Salvador, você saía para almoçar ou jantar.

— Investigadores. Polícia Federal... — dei de ombros.

— Como assim? Você apresentou queixa contra sua mãe?

— Não, eles me procuraram, pois descobriram que meu pai foi assassinado, na realidade já estão na cola dessa quadrilha há anos, mas sempre que chega perto, a investigação termina misteriosamente. Tem gente grande que abafa a história.

— Mas como eles descobriram sua vontade de acabar com essa quadrilha? — Ela era muito curiosa.

— Meu investigador é da polícia, e me chamou para ajudar, está tudo correndo em segredo, eles nem desconfiam de nada. Dessa vez, nem vão sentir o que os atingirão.

— É perigoso, Júlio, eu fico com medo por você. — Segurou minha mão, amava aquela mulher. — Pelo amor de Deus, tome cuidado.

— Minha mãe não vai me matar, ela não pode.

— Como você tem tanta certeza? Ela mandou matar seu pai. — Ela estava com medo por mim, minha guerreira, era linda a forma como ela me amava.

— Meu pai me deixou protegido, acredito que já desconfiava, ele deixou todas as empresas no meu nome, toda a herança. Então, se eu morrer tudo irá para o governo ou passará para o filho que eu por ventura tiver. Minha mãe ficaria sem nada.

— Por isso ela precisa casar você? Meu Deus! Ela quer um neto, só assim conseguirá manter o domínio.

— Exatamente, a Drica é a pessoa ideal — expliquei. — Seria dois domínios: da minha herança e do pai da Adriana. Provavelmente, ela pensa em acabar com ele depois que eu tiver casado.

— Deus, sua mãe é uma louca! Parece história de filme. — Ela se levantou e começou a andar de um lado para o outro, nervosa.

Levantei e a abracei colocando sua cabeça em meu peito.

— Calma, meu amor, vai dar tudo certo, calma. — Beijei o topo de sua cabeça e procurei sua boca com a minha.

O beijo foi ficando mais atrevido e quente, ela roçava seu corpo no meu, excitada, desci minha boca até o seu pescoço e dei leves lambidas e beijos fazendo trilhas molhadas em sua garganta.

Levei minha mão até a calcinha de seu biquíni e já encontrei sua boceta molhada.

— Porra! Você já está molhadinha... — coloquei meu dedo em sua abertura e fiz fricção no seu clitóris, ela gemeu em minha boca.

— Os seguranças estão olhando da sacada — Ela sussurrou, excitada.

Meu pau pulsava como louco dentro do meu short.

Ela se soltou e correu para a água, rindo, nunca fiz sexo na água. Para tudo havia uma primeira vez e seria uma nova experiência, fui atrás dela correndo.

Tirei minha bermuda e entrei nu no mar, ela nadou para longe, mas eu consegui pegá-la, arrancando o sutiã, eu segurei seus seios e coloquei suas pernas em volta da minha cintura, minha língua invadia sua boca, feroz, adorava o sabor dela.

— Adoro você, gostosa! — Puxei o laço de sua calcinha,

— Poxa... O mar vai levar meu biquíni! Eu gostava dele — falou arfando entre os beijos.

— Eu compro outros e quantos quiser, mas agora preciso entrar em sua bocetinha molhada.

Puxei em minha direção e meu pau entrou até o fundo, parecia o paraíso na água.

— Porra Alice, sua boceta é uma delícia, não canso de foder você.

— Júlio, eu vou gozar... Ai Jesus...

— Goza... — meu pau estava entrando com fúria, batendo fundo nela. A Lua acima de nós assistia toda a cena, era Lua cheia.

— Ai Júliooooooooooooo... aiiiiii

— Gozaaaa... — ela tremeu em meus braços.

Depois disso, não consegui segurar, ela ficava linda quando gozava. Com um gemido, eu preenchi sua boceta com meu gozo.

— Me explica, como vou voltar para casa pelada?

Comecei a dar risada, ela jogou água na minha cara e saiu nadando a procura de seu biquíni.

Só achamos a calcinha, tivemos que improvisar com uma toalha. Demos risada igual criança e corremos pela casa até o banheiro. Fizemos amor embaixo do chuveiro.

Depois, deitados na cama, nós tomando vinho, estava me sentindo o homem mais realizado do mundo.

— Quero ficar aqui para sempre! — Ela disse se espreguiçando e olhou para mim com aqueles olhos que me desarmavam e me colocava a seus pés.

— Amo você! — Minha respiração ficou suspensa. — Não, tudo isso... — fez um gesto para o quarto com a mão — é o homem que você é, essa mistura de homem maduro com menino inseguro, passei meses sofrendo com sua ausência.

Fui errado em me separar dela daquele jeito.

— Não me deixe de fora novamente, não vou suportar — pediu.

Lágrimas brilhavam em seus olhos, fiquei surpreso, ela não era uma mulher emotiva, sempre durona. Com respostas sempre prontas na ponta da língua e, eu amava essas duas facetas dela, essa capacidade de amar incondicionalmente.

— Não tenho mais nada para te dar Alice, pois não me pertencem mais, tudo em mim é seu. — Beije sua boca. — Tudo!

Ela chorou, distribuindo beijos em meu rosto, me sentia um super homem, ninguém ia tirá-la de mim.

Capítulo quinze

Surpresas para Alice.

Nunca acreditei em contos e príncipes encantados, mocinhos bonzinhos, sempre gostei de lobo mau, eles sempre foram os mais interessantes, comestíveis e intensos.

Júlio Cesar era um príncipe e meu coração era dele, queria tudo que ele pudesse me dar, uma casinha de cerca branca, com filhos e um cachorro, era isso. Eu já me via grávida, esperando ele chegar do trabalho com uma sopa quentinha.

Estava divagando de novo, mas como poderia ser diferente? Eu amava aquele homem, e tudo que vinha no pacote, menos sua mãe, bruxa maldita.

— Júlio, como você pretende resolver essa situação com sua mãe?

— Alice, quando saí da faculdade, eu não quis voltar para o Brasil, preferi viver minha vida, seguir em frente, fui conhecer o mundo. — Ele me aconchegou em seus braços e continuou falando, era importante desabafar.

— Conheci vários lugares, nunca dizia de quem era filho, sem sobrenomes. Eu era uma pessoa comum e foi maravilhoso, mas vi muitas coisas nas minhas viagens, como várias famílias devastadas pela prostituição, são várias mulheres aliciadas, enganadas, eles escolhem nos lugares mais frágeis, tipo favelas, mulheres que tem filhos e não tem um companheiro, portanto, precisam de trabalho.

Fiz silêncio, era importante que ele falasse sobre suas dores, assim conheceria um pouco mais do meu homem e quem sabe poderia ajudá-lo vencer seus inimigos e fantasmas.

— Pensa que é só no Brasil? Não, eles estão em toda parte, África principalmente, muita pobreza, fácil de aliciar, mentir, enganar a família. Eles prometem trabalho, uma vida melhor e o pai ou mãe entrega a filha mais bonita ou filho, e assim segue.

Ele estava guardando muita raiva por isso e, eu entendia, não tinha visto de perto, mas entendia como deveria ser difícil.

— Quando o Ricardo me falou, eu não acreditei que minha própria família fazia isso, destruía tantas vidas. Eu visitei dois cativeiros e vomitei ao sair de lá. — Meu coração ficou pequeno. — Era horrível aquelas crianças drogadas e famintas, e homens ainda utilizavam seus corpos como se fossem bichos.

Apertei-me em seus braços, só de ouvir suas palavras já me sentia mal, imagine ter visto com os próprios olhos? Devia ter sido terrível.

— Imagino amor, muitas meninas se iludem com empregos fora do país, vida de modelo, bons salários, mas no fim, é apenas ilusão.

— Eram crianças, caralho! Eram meninas que nem seios tinham direito. — Um brilho de lágrima se fez presente em seus olhos. — Elas não tiveram escolha. Eu preciso parar com tudo aquilo, por isso me coloquei a disposição da polícia federal. Não é mais para vingar meu pai, eu quero vingança por eles, pelas crianças. Poderia ter sido uma filha minha!

Levantei nua e peguei mais vinho para nós, voltei para cama e coloquei a taça em suas mãos, trouxe seus lábios até os meus.

— Conte comigo. O que eu preciso fazer?

— Fica aqui, escondida — Ele disse. — Nem pense, eles sabem que você é meu ponto fraco.

— Mas não vou mesmo. — Levantei e coloquei meu dedo em riste bem na frente dele. — Tente, pois tente me deixar aqui, está vendo esse corpo? Você nunca mais toca, entendeu?

— E você resiste aos meus encantos? — Ele sorriu bem safado.

— Não sou uma mulher fraca, sei me defender muito bem, e não venha com esse sorriso tarado para mim, não caio nessa.

— Certeza, baby? — Me pegou e jogou na cama deitando por cima de mim.

— Eu te amo, baby, agora que te achei, eu não pretendo te perder, não vou deixar ninguém te fazer nada de ruim — falou e me beijou bem lentamente, resolvi deixar o assunto passar por hora, mesmo porque, eu já estava de calcinha molhada, maldito homem gostoso.



O dia amanheceu lindo, um Sol maravilhoso, que lugar lindo. Minha Bahia era o paraíso.

Fiquei na sacada olhando aquele mar divino, saudei o rei Sol, e pedi proteção a Deus e nosso Senhor do Bonfim, sabia que não iria ser fácil depois de sair da ilha, mas com a força dos céus, nós iríamos vencer essa batalha, Júlio Cesar merecia uma vida feliz e, eu faria de tudo para que isso acontecesse; e ninguém, nem mesmo a bruxa da mãe dele, iria me impedir de fazê-lo feliz, era uma promessa.

Meu celular tocou, corri para pegar, pois o som era muito alto e não queria acordar o Júlio, que dormia como um bebezinho. Depois de tanto prazer que ele me deu a noite, nada mais justo o cara dormir, estava cansado, eu queria ele bem descansado para as novas atividades ao longo do dia, sempre queria um pouco mais dele, nunca era muito para mim, só em pensar, eu já ficava de calcinha molhada.

— Alô!

— Bandida! Você sempre escondendo as coisas, meu amigo ficou arrasado quando seu marido, que por acaso não sei quem é, atendeu seu telefone. — A voz de Juliana, puta da vida, gritou do outro lado da linha.

— Desculpa, aconteceram muitas coisas nesse fim de semana, juro que não sei nem por onde começar — justifiquei.

— Comece pelo começo e seja convincente. — Ela estava muito chateada.

Tentei explicar para Juliana tudo que estava ocorrendo, omitindo algumas partes que contaria pessoalmente.

— Jesus amiga! Que babado! E aí? Você volta quando? — Consegui chocá-la.

— Não sei ainda e só tenho certeza de que amo esse homem e não vou deixá-lo escapar.

— Quem disse que ele deseja escapar? Bom dia, amor, falando com quem? — Ele era homem mais lindo que eu já vi em uma boxer branca.

Ele me deu um abraço e beijo na boca, atrapalhando a conversa com Juliana, com sua costumeira curiosidade.

— Com a Juliana, ela estava preocupada. — Cobri o telefone para explicar. — Juliana assim que resolver minha volta, eu te ligo. Eu mando um beijo pra ele sim, se cuida, você também... Sei amiga, também te amo.

Deixando o celular de lado, eu o abracei pela cintura, encostando-me em seu peito, sentindo as batidas do seu coração, era tão bom!

— Dormiu bem?

— Quase nem dormi, uma “monstrinho” bem deliciosa exauriu minhas forças, ela era insaciável — falou tirando os cabelos do meu rosto, ele parecia relaxado, adorava quando ele tirava a máscara da frieza e preocupação.

— Vamos tomar café perto da piscina? Depois dar um mergulho?

— Não, vamos fazer coisa melhor, vamos dar uma volta de lancha. —

Sorriu. — Mergulhar em alto mar, topa?

Dei pulos de alegria, eu amava o mar.

— Vamos, vou colocar um biquíni e já volto.

Já ia saindo quando ele me puxou de volta, me segurando firme, tomou minha boca em um beijo que tirou meu fôlego, meu corpo entrou em combustão, fiquei com fome de tê-lo dentro do meu corpo.

— Primeiro, eu preciso matar minha fome — falou me beijando com mais força e fome.

Fomos deslizando até a cama, com nossas bocas grudadas.

Passou a mão entre minhas pernas e fui à loucura, ele massageou meu ponto íntimo e deslizou um dedo para dentro da minha boceta já molhada, fazendo os mesmos movimentos com sua língua em minha boca, seu pau massageando minha perna, duro e grosso.

Soltei-me e fui por cima chupando seu peito; ele gemia, era um lugar muito sensível, toquei minha língua mais uma vez em seu bico do peito, ele pulou gemendo e puxando minha cabeça para fazer mais uma vez.

— Caralho amor, isso é muito bom... Porra!

Chupeí seu bico do peito, passei a língua por sua barriga, peguei seu pau lindo e grosso. Seu pênis era muito belo, dava água na boca.

Suspendi e lambi seu saco, ele arqueava na cama, parecendo estar sem controle.

— Jesus, mulher! Assim você me mata...

Lambi a cabeça do seu pau, forcei a ponta da língua bem na abertura, e senti o gosto do seu liquido, desci minha boca e comecei a chupar e a lamber, rolando com se fosse um pirulito. Delicioso, ele puxando minha cabeça e fazendo movimentos para entrar mais fundo em minha boca.

— Caralho... Se continuar nesse ritmo, eu não vou durar muito, porra!

Não larguei meu doce, era tudo meu.

— Vou gozar... — derramou tudo em minha boca e, eu engoli tudo. — Poxa amor, você tem a boca mais deliciosa do mundo, acabou comigo...

— Vamos, vamos, quero tomar banho de mar, quando voltarmos você me recompensa. — Pisquei e corri para closet para colocar um biquíni.

Escolhi um modelo floral branco e azul de cortininha tanto no peito como na parte de baixo. Por cima, eu coloquei um camisão verde limão longo e finalizei com um chapéu.

Senti-me a Angelina Jolie, bem diva, além de que esconderia bem o pequeno biquíni...

Ele passou por mim e beijou minha boca na passagem para o banheiro.

— Vou descer e espero lá embaixo.

— Vai que eu só vou tomar uma ducha rápida e já desço. — Piscou. — Você ficou linda nesse visual.

— Obrigado senhor, o meu namorado tem bom gosto.

— Cara de sorte com uma mulher tão linda. — Sorriu e entrou no banheiro.

Queria acordar assim todos os dias, tudo muito perfeito.

Ficava até com medo.



Passamos dias maravilhosos, foi o paraíso. Depois de muito passeio de lancha, banhos de mar e piscina, nós tivemos que voltar para casa no domingo a noite.

Não foi fácil convencer o Júlio Cesar, que eu não iria ficar presa naquela ilha, que sua guerra também era minha, ele percebeu que eu não iria ceder, então resolveu me levar de volta a Salvador, com a promessa de que um segurança, disfarçado, ficaria sempre comigo, para não levantar suspeita da minha sogrinha. Mat providenciara tudo para nós, eu ficaria de olho em todos e tudo, mantendo contato com um policial federal e com o Júlio.

O que me deixou angustiada foi que não iríamos nos ver sempre, não podia haver nenhuma suspeita de que estávamos juntos. Eu orava a Deus que tudo terminasse logo.

Chegamos tarde ao aeroporto e um carro já estava a minha espera.

— Júlio Cesar, promete que vai se cuidar?

— Eu prometo, amor. Juro para você que vai ser por pouco tempo. — Me abraçou forte. — Você se cuida também, não dê uma de amazonas para tentar resolver as coisas, sozinha, me ligue ou grite. Promete? — pediu ansioso.

— Eu prometo,...

Eu não suportava essa distância, já estava em lágrimas, droga...

Ele acabava com meu autocontrole, não me lembrava de quando chorei tanto. Depois de Júlio Cesar, eu virei uma chorona de carteirinha, estava ficando mole demais, ou apaixonada demais.

Abraçados perto do carro, ele beijava meu rosto, meus olhos, parecia uma despedida para sempre, morri de medo desse sentimento, vazio e distância.

Não, Deus! Não leva ele de mim, por favor —, pedi em pensamento.

— Te amo Alice, você é minha vida, tudo para mim, se cuida...

Quando o avião partiu, eu me desintegrei em chorar, não era justo, agora que estávamos juntos, tínhamos que nos separar? Entrei no carro como um zumbi, nem percebi a cidade, estava imersa em meus próprios pensamentos e sofrimento.

O motorista me deixou em casa, subiu minhas malas. Ele era muito educado, me olhava com pena; eu devia estar parecer um monstro, com nariz vermelho de tanto chorar, me joguei no sofá e me entreguei às lágrimas e aos soluços.

O telefone tocou, era ele.

— Oi amor... O que houve? Meu Deus, Alice! Vou fazer o avião voltar agora...

— Não, estou bem, só que sinto sua falta... Desculpa, sou uma anta... — pontuei chorando.

— Não fala assim, também estou sentindo sua falta, vamos conseguir. Nossa separação vai ser rápida — disse tentando me acalmar.

— Eu vou ficar bem. Deve ser os hormônios, vou menstruar por esses dias...

— Promete que vai ficar bem?

— Prometo. Eu te amo. Fica com Deus.

Desliguei o celular e fui tomar banho.

Vamos Alice! Você não é uma romântica fraca, você é forte, linda poderosa e tem o homem mais lindo do mundo aos seus pés.

Com esse pensamento, eu peguei no sono.

Acordei sobressaltada com um pressentimento ruim, estava tudo silencioso, mas meu subconsciente não deixava dúvida de que alguma coisa não estava correta.

Ele nunca me enganava.

Levantei, calcei meu chinelo perto da cama e vesti um robe que encontrei na poltrona. Saí do quarto, uma coisa escorregou friamente em meu nariz, tentei gritar, mas já era tarde.



Minha cabeça parecia que ia explodir, estava totalmente atordoada e dolorida. Tive a impressão de que estava deitada em um chão frio, tentei abrir os olhos, mas não consegui, estava vendada.

— Alice? — Meu Deus, Juliana!

— Ju? É você? — perguntei sussurrando, parecia que tinha engolido milhões de parafusos.

— Alice, onde estamos? Estou apavorada. — Com esforço, eu consegui puxar o capuz da minha cabeça.

O lugar parecia um depósito abandonado, frio, dois colchões se encontravam perto de uma parede. Com certeza havíamos sido sequestradas e levadas para um local de péssimo gosto.

Nem banheiro tinha, onde iria fazer xixi?

A Juliana estava encolhida em um canto, totalmente apavorada, percebi que nós duas estávamos com os pés presos com correntes.

Merda! Não seria fácil fugir dali.

— Juliana, fica calma, vamos conseguir sair daqui. — Tentei acalmá-la com palavras.

— Como? Vai virar a mulher maravilha? — falou sarcástica, melhor assim do que chorosa. — Por que estamos aqui?

— Não sei, mas acho que logo vamos descobrir.

Dois homens altos, de cara bem feia — parece que havia sido derramado uma substância tóxica na cara deles, pois estavam transfigurados — surgiram.

— Quem são vocês, o que querem conosco? — Perguntei tentando parecer forte.

Sem responder, eles pegaram nossas correntes e saíram nos arrastando de dentro da sala, fomos levadas por corredores escuros. Tentei lutar, morder, bater no meu opressor, mas ele deu uma pancada em meu rosto e fiquei tonta.

Chegamos a uma sala, que quase não consegui ver, creio que meu olho havia sido muito machucado com a pancada. Estava ficando em pânico, morta de medo.

Fomos acorrentadas ao mastro de ferro, fiquei cara a cara com a Juliana, ela não parava de chorar, minha amiga não deveria estar ali.

Estava com medo por nós duas.

— Amiga, eu quero dizer que seu olho está roxo. — Ela falou choramingando. — Desculpa, mas se nós duas morrermos, eu quero dizer que acabei saindo com aquele meu colega de trabalho.

— Juliana, isso lá é hora de revelação? — Ela estava com os olhos vidrados, parecendo louca.

— Estou apavorada, preciso falar alguma coisa para esquecer.

— Sim, como foi sair com ele? — A estimulei a falar.

— Maravilhoso, mas estou com raiva dele.

— Hummm? Por quê? — Meu corpo estava suando frio, queria saber por que nos trouxeram até ali.

— Não sei, ele me faz sentir coisas que há muito tempo deixei de lado.

— Transou com ele? — Estava tentando achar uma arma que pudesse usar como defesa.

— Sim, na minha mesa da redação. — Ela parecia arrasada com isso. — Não me olhe assim!

— Eu transei em vários lugares com o Júlio Cesar. — Foi a mãe do Júlio Cesar, só pode ser ela. — Ôxe! O que isso tem demais?

— Poderíamos ter sido pegos, seria vergonhoso.

— Mas não foi — argumentei, só a Ju para querer falar sobre isso num momento tão tenso com esse.

— Ele fica mandando emails sem vergonhas, mensagens de celular com duplo sentido. Aquele homem é um mal educado! — Seus olhos me diziam outra coisa.

— Mas ele tem pegada?

— Sim, tenho sonhos eróticos com ele.

— Então, ele merece meus agradecimentos.

— Alice! Você não leva meus problemas a sério.

— Juliana, fomos sequestradas e, provavelmente, nós vamos ser vendidas como escravas sexuais e, você teve o melhor sexo da sua vida, aproveite, porque são essas lembranças que vão manter você viva, quando um velho babão pagar para transar com você.

— Pare, isso não é verdade. — Agora ela chorava loucamente.

Sei que fui cruel, mas ela estava me dando nos nervos, tinha que pensar em uma saída, não podia perder assim, amava meu homem e precisava voltar

para ele. Ninguém me deixaria longe dele agora que o reencontrei.

Comecei a gritar feito louca, bater o pé no ferro; fiz tanto barulho que uma mulher armada até os dentes apareceu, junto com os dois trogloditas.

— Cala a boca, sua vadia. — Ela gritou desferindo uma tapa no meu rosto. — Se não parar, eu vou encher essa boca de bala.

— Não fale assim comigo, pois nem te conheço. — Cuspi na cara dela e ganhei outra tapa.

— Por que estamos aqui? — Juliana perguntou, chorosa.

— Porque sim! Na hora certa, dona valentona, eu vou dar um jeito em você — falou sorrindo e passando a mão em minhas pernas.

— Tira mão de mim, não curto xereca, sua viada! — Ai minha boca já estava sangrando, a vadia sabia bater. — Quando meu namorado souber, você ta frita.

— O Júlio Cesar? Tadinha, na hora que ele souber já vai estará casado e em lua de mel com a Adriana.

— Você é louca! — Um frio tomou conta da minha espinha.

— Com certeza, baby! — falou e saiu sorrindo.

— Que história é essa Alice? — Juliana perguntou.

— Creio que nos duas viramos iscas para pegar o Júlio. Precisamos sair daqui.

— Tenho um plano — falou uma Juliana, totalmente, se desmanchando em lágrimas.

Júlio Cesar.

Uma reunião àquela hora do dia? Minha mãe deveria estar aprontando alguma coisa. Entrei na sua sala no horário marcado, estava nervoso, tentei falar várias vezes com a Alice e não tinha conseguido, os homens que ficaram para tomar conta dela, também tinham perdido seu paradeiro.

Incompetentes, já tinha dado o meu recado grosseiro ao Matt, antes de chegar ao escritório. A polícia de Salvador já estava à procura dela.

— Bom dia! — Coloquei minha pasta e meu celular na mesa e sentei. — Vamos começar, pois estou com pressa.

— Por que tanta pressa filho? — questionou com um sorriso frio.

— Por que a senhora me chamou aqui? — Preferi não responder.

Meu pai entrou na sala, eles não eram inimigos? Alguma coisa tinha fugido do meu controle

Comecei a entrar em pânico.

— Os ratos sempre se reencontram! — falei com nojo.

— Bom dia, filho — disse aquele ser asqueroso.

— Pensou que podia me trair Júlio Cesar? Pensou que sou uma idiota? — perguntou com força e frieza, ela levantou da cadeira e desferiu um tapa em meu rosto. — Como pôde conspirar contra sua própria mãe?

— Você é um monstro, tenho vergonha de ter saído de você. — Cuspi as palavras.

— Menino fraco! Como fui ter um filho tão fraco? — Parecia arrasada com isso. — Você não merece essa empresa, e nem os negócios. Por isso você vai casar com a Adriana.

— Nem morto! — Levantei, mas meu pai engatou a arma e apontou contra mim.

— Calma, meninos! — Ela falou já composta. — Você vai aprender que não faço falsas ameaças, meu filho.

Em uma tela apareceu a Alice, acorrentada junto com sua amiga e uma mulher desferia tapas em seu rosto.

Ela parecia muito machucada, tive vontade de matar os dois naquele momento.

Saquei minha automática e apontei para minha mãe; eu iria matá-la por ter feito aquilo com minha mulher.

— Desgraçada! — gritei transtornado.

— Abaixa a arma — falou meu pai. — Ou a sua linda namoradinha vai morrer. Basta ligar, que uma bala vai encontrar a cabeça dela.

— Aceita logo Júlio Cesar, case com a Adriana e vá viver como você quiser, com essa passista ridícula de escola de samba. — Ela bateu na mesa, chateada.

— Ou o quê? — falei entre os dentes.

— Ou ela morre e você vai chorar por mais uma morte — disse sorrindo. — Aprenda filho, eu nunca perco.

— Tudo tem a sua hora mamãe. — Sorri friamente. — Quando seria o casamento?

— Hoje à tarde. Toda a papelada está pronta, basta você dizer sim — Meu pai respondeu.

— Diga o local e, eu estarei lá. — Pegando minhas coisas, eu fui até a porta.

— Não esqueça, nenhuma palavra aos federais ou eu a matarei — Meu pai ameaçou.

— Ok! — falei entre os dentes e saí com raiva.

No meio do corredor, a minha escuta falou no meu ouvido:

— Calma, Júlio Cesar! Vamos encontrá-la antes do horário. — Tentei me acalmar, mas ver a Alice machucada me deixou desesperado.

— Então ande rápido, pois ela está muito machucada. — Eles não perceberam a escuta na minha roupa e ouvido.

Fui até a garagem e entrei no carro e, em seguida, fui direto para o meu apartamento. No caminho, eu liguei do meu telefone secreto para o Matt.

— Filho da puta, disse para você não meter minha amiga nisso — Ele estava totalmente transtornado de raiva.

— Perdão! Estou ficando louco de tanta culpa, droga. — Bati no volante de tanta raiva.

— Você quem devia estar lá, no lugar dela. — Ele deu uma pausa e voltou com toda sua raiva. — Se acontecer o pior, eu mesmo dou um jeito nessa sua família miserável.

— Eu mesmo dou um jeito neles se isso vier a acontecer.

— Assim espero! — Desligou o telefone.

Não deixaria a minha mãe vencer esse jogo, não mesmo! Não era mais um menino medroso que ela podia manipular.

— Ricardo? — Ele atendeu, alerta, do outro lado da linha. — Execute o plano.

— Não creio que seja o melhor momento, Júlio Cesar — Ele respondeu.

— Se você não fizer, eu mesmo mato ele — respondi com raiva.

— Não! Pode deixar, eu prometi que não deixaria você sujar a mão com o sangue do seu pai — respondeu. — Minhas promessas, eu sempre cumpro.

— Obrigado!

Nós dois entendíamos o que essa promessa significava.

— Quando tudo estiver pronto, eu lhe aviso — falou antes de desligar.

Sei que era um grande perigo, meu pai não andava desarmado e nem sozinho, meu amigo colocaria sua vida em risco, para que eu não tivesse o cheiro da morte daquele homem na minha alma.

Desde pequeno, depois das surras que ele me dava, o Ricardo prometia crescer e matá-lo para mim e nesse tempo nem sabíamos que ele tinha meu sangue.

Capítulo dezesseis

Alice em fuga

— Você tem certeza? — perguntei a Juliana.

— Claro! Fiz aula de defesa pessoal, sei me defender. — Ela me olhou de cara feia, o plano da Juliana era muito arriscado e, eu estava morrendo de medo pela vida dela.

De repente, ela começou a gritar e a pedir para ir ao banheiro.

A louca que me bateu apareceu e nos olhou com ódio, segurando uma arma automática, junto com um dos seus seguranças. Eles soltaram as pernas da Juliana e colocaram a corrente nas mãos dela.

Fiquei apreensiva, pois essa troca de corrente não constava em nossos planos.

A louca, nocauteadora, levou a Juliana para o banheiro, que devia ficar em outro corredor, pelos meus cálculos.

Fiquei parada, quase sem respirar, como estava machucada, então preferi fingir que estava desmaiada, para não levantar suspeita no plano.

Pareceram horas, todos aqueles minutos. De repente, eu ouvi um tiro e comecei a fazer todas as orações que conhecia para que não fosse a Ju que houvesse levado o tiro, nunca iria me perdoar se ela morresse.

Foi um alívio ver a Juliana entrar na pequena sala, com um dos seguranças na mira da arma que segurava. Ela estava com cara de heroína de filme de ação, quase não a reconheci.

— Pegue a chave e vamos dar o fora daqui — ela comandou sem tirar os olhos do cara.

— Vocês não vão conseguir fugir — Ele falou com raiva.

— Cadê a mulher? — falei já abrindo o cadeado da minha corrente.

— No banheiro, ninguém bate na minha amiga e fica impune — falou dando uma pequena piscadela.

— Você a matou? — Agora seríamos presas por assassinato.

— Vamos logo, Alice, coloca a corrente nele.

Fiz o que ela pediu e saímos correndo pelos corredores estreitos do local. Encontrei o outro homem desmaiado perto da porta do banheiro, seguimos até um local que tinha um Jipe parado, mas não tínhamos a chave dele.

Comecei a fazer ligação direta no carro.

— Você não disse que tinha parado de fazer essas coisas? — Ela indagou com cara de chocada.

— Juliana, você quer sair daqui ou não? Estamos perdendo tempo — resmunguei.

Consegui ligar o carro, pisei no acelerador e saímos em disparada para a liberdade, precisava fazer uma ligação urgente.

Quando alcançamos a frente do galpão, várias viaturas da polícia estavam estacionadas e, vários policiais prontos para a invasão.

Paramos o Jipe e colocamos a mão para cima, igual nos filmes. Pelo menos achávamos que era o melhor a ser feito para não levarmos um tiro.

Um homem loiro, totalmente rústico e lindo, de jaqueta, calça jeans e botas de exercito, veio ao nosso encontro, correndo.

— Uau! Que gato! — falei quase babando.

— Luciano? — Juliana, incrédula, falou e saiu do Jipe correndo e foi ao encontro do homem. Assisti minha amiga enrolar sua língua na garganta do cara, na minha frente.

Pelo menos, ela tinha bom gosto, porque ele era lindo demais.

Provavelmente aquele devia ser o inimigo que ela transou na mesa da redação. Um policial veio para perto de nós, perguntando se estávamos bem. Praticamente tive que arrancar a Ju da boca do homem.

— Sim, policial — respondi olhando para minha amiga, que não parava de sorrir. — Conseguimos escapar.

— Acho que a senhora precisa de cuidados médicos. — Olhando para meu rosto machucado, ele retrucou: — Chame uma ambulância.

— Lá dentro têm dois homens e uma mulher. Eles são perigosos — falei para eles.

— Como vocês conseguiram fugir? — perguntou o tal Luciano.

— A Juliana fez defesa pessoal e resolveu o problema. Policial, eu preciso de um celular.

— Acho que a senhora precisa mesmo é de cuidados. Pode ficar tranquila, pois vamos cuidar de tudo a partir de agora.

— O senhor não está entendendo, eu fui sequestrada porque querem forçar meu namorado a casar com outra pessoa e, possivelmente, isso deve estar acontecendo neste momento e, eu preciso impedir. — Respirei e olhei para o

cara agarrado a minha amiga, e peguei o celular do bolso dele. — Você tem crédito?

— Sim, lógico! — A voz dele era forte e marcante.

Disquei o número do Matt, já que não podia correr risco ligando para o Júlio Cesar.

— Alô! — Foi um alívio ouvir a voz do meu amigo.

— Matt, sou eu, Alice.

— Alice, onde você está? — Ele ficou agitado.

— Estou com a polícia. Escute Matt... — suspirei —, você precisa encontrar o Júlio Cesar e avisá-lo para não casar, porque já consegui fugir.

— Calma Alice, me deixa falar com o policial responsável, vou resolver tudo, fique calma. — Passei o telefone para o policial e olhei para o lado onde os três meliantes já estavam sendo transferidos para uma viatura, um deles com um tiro na perna, a mulher com uma marca roxa no pescoço, feita pela corrente da Juliana, que provavelmente desacordou a moça quase estrangulando-a com sua corrente.

Minha amiga era o máximo, arrasava. Eu estava muito contente por termos conseguido fugir.

— Como esses policiais nos encontraram? — falei quase para mim mesmo.

— Eu fui até o apartamento da Juliana para falar com ela — Luciano falava com firmeza, era um homem que sabia o que desejava. Juliana iria cortar um dobrado se tentasse se livrar dele. — Foi quando percebi que tinha alguma coisa errada, dois caras a colocaram desacordada dentro do próprio carro e, então eu os segui de moto até seu apartamento, onde eles pegaram você, quase os perdi na via, mas depois achei e chamei a polícia.

Ela olhou para ele, totalmente embasbacada. Ferrou! Minha amiga estava muito apaixonada. Mas depois, eu veria isso, tinha tanta coisa para resolver no momento, que nem podia esquentar a cabeça com mais essa confusão.

A ambulância chegou logo depois, eu me encontrava agitada, ninguém me falava nada. Eu não sabia se tinham conseguido contato com o Júlio Cesar.

Fui atendida dentro da ambulância mesmo.

A Juliana não desgrudava do Luciano, mesmo se quisesse ficar longe, creio que ele não permitiria. Ele a olhava como se ela fosse a última bolacha do pacote, graças a Deus minha amiga estava namorando um cara legal.

O lugar que ficava o depósito onde estávamos ficava em uma fazenda abandonada fora da cidade, um lugar totalmente afastado. Aquela visão me deu um calafrio, porque tinha certeza de que não sairíamos dali, vivas se não tivéssemos resolvido fugir.

Um barulho de avião me fez vira a cabeça; um jatinho pousou perto de um campo de futebol, será que era quem eu estava pensando?

Um Matt afoito desceu e veio, praticamente, correndo até mim, ficamos alguns minutos abraçados, ele me apertava com se sua vida dependesse disso.

Chorei de alívio por vê-lo.

— Oh, minha amiga, eu tive tanto medo! Precisava vir para ter certeza que não machucaram você.

— Estou bem — respondi me afastando e enxugando as lágrimas. — Chegou rápido.

— Vou matar quem fez isso em seu rosto. — Ele olhava com pesar para meu rosto. — Estava aqui na cidade em busca do seu paradeiro.

— Vou ficar bem, você conseguiu falar com ele?

— Estou tentando e até o momento não tive notícias, mas meus homens estão tentando encontrá-lo.

— Vou para São Paulo, me dá uma carona?

— Alice, você não precisa salvar aquele idiota, seja sensata — reclamou.

— Se você não me levar, eu vou arrumar outro jeito de conseguir chegar até lá — falei dando as costas para ele.

— Tudo bem, tudo bem, mas não diga que não avisei, não estamos brincando com tipos iguais a esses idiotas que mandaram sequestrar você, eles não vão nem piscar se tiver que te matar.

— Não me importo. Eu vou salvar meu homem, Mathias.

— Você quem sabe. Mulher maluca! — falou exasperado.

Júlio Cesar

Eu estava irritado, não aguentava mais aquela pressão psicológica. Quando teria paz na vida? Nada de notícias sobre a Alice, até o insuportável do Matt sumiu.

Não acreditava que precisaria me casar com Adriana! Nervoso, eu comecei a andar pelo quarto, meu celular não tocava.

Como um aviso, o celular começou a tocar. Graças a Deus! Era o Ricardo.

— Já conseguiram achar a Alice?

— Sim, ela mesma fugiu, ainda não sabemos como, mas o policial que ligou parecia bem impressionado.

— Imagino que sim, Alice causa esse efeito nas pessoas. — Até em perigo a mulher arrumava admiradores.

— Não se preocupe, ela já se encontra em segurança com o Matt.

— Como assim com o Matt?

— Ele foi pessoalmente para ver se Alice se encontrava bem.

— Claro que ele foi, odeio aquele miserável dos infernos. — Ele sempre tinha que se aproveitar quando se tratava da minha mulher. — Ele adora se amostrar. Era eu que deveria ter ido, por que não fui comunicado antes?

— Foco Júlio Cesar, pare de ciúmes, cara — Ricardo reclamou do outro lado da linha.

— Desde quando você é minha consciência?

— Desde sempre. Fique tranquilo, pois você terá todo o tempo do mundo para reclamar sua mulher só para você.

Com um suspiro, eu me dei por vencido, tinha uma quadrilha para acabar e não podia perder o foco no momento.

— Certo, certo, qual o próximo passo?

— Assim que eu gosto de ver — Ele disse sorrindo.

— Vá se foder Ricardo!

Com sua gargalhada característica, ele começou a contar sobre o plano que foi traçado com os federais.



Entrei no hotel marcado pela minha mãe. O salão de festa estava todo

montado e os convidados já estavam lá.

Como ela teve tempo de organizar tudo aquilo? Tinha pelo menos umas cem pessoas ali.

Não conhecia a maioria delas, mas todos me olharam quando entrei; a minha mãe deu um sorriso falso e veio ao meu encontro.

— Pensei que teria que mandar buscar o noivo! — exclamou toda cheia de sorriso.

— Vamos começar a palhaçada? — respondi de cara feia.

— Meu filho, assim as pessoas vão achar que você não deseja casar.

— Estou me fodendo para essas pessoas! Eu quero mais é que esse pesadelo acabe.

— Você não passa de um menino mimado — ela fechou o semblante.

— Cadê a Alice? Quero-a aqui antes de casar, quero ter certeza de que você não irá acabar com ela depois desse circo.

— Não é assim que funciona, meu filho! — Ela sorriu nervosa.

— Você é quem sabe! Sem Alice, sem casamento. — Fui até a porta do salão e minha mãe foi até um homem grande e mal encarado, que estava perto do altar montado.

Sei que eles tentariam ganhar tempo para me enrolar sobre o paradeiro de Alice, mas eu estava à frente deles.

Minha mãe teria uma surpresa bem interessante dentro de pouco tempo.

Um rapaz veio me dizer que eu era esperado em uma salinha separada, fui até lá e uma Adriana agitada me aguardava, toda de branco, parecia uma noiva de verdade. Estranho, onde aquilo tudo se encaixava nessa história?

— Júlio Cesar, vamos acabar logo com essa palhaçada. — Humm? Ela falava forte e nervosa, seu pai segurando seu braço, como se tivesse a contendo. — Você não vai me humilhar perante meus convidados.

— Você quer casar mesmo? — Eu estava chocado com essa nova Adriana. — Nunca imaginei.

— Olha aqui, seu babaquinha, idiota, palhaço e mimado. — Ela veio para cima de mim, mas foi contida pelo seu pai.

— Adriana? Pare! — Seu pai

— Estou cansada de esse idiota estragar as coisas, apaixonado por uma pobre qualquer, uma passista de escola de samba e sem classe.

— Mostrando a cara então, interessante, mas é com esse palhaço que você quer casar?

— Não quero você, não me importo com você, seu idiota, quero seus negócios, sua empresa.

Rápida como uma serpente, ela pegou a arma do pai e apontou para mim.

Na mesma hora, nós ouvimos um barulho do lado de fora da sala, uma gritaria, parecia que estava rolando uma briga.

Aproveitei a distração e saí da sala. A Adriana era desequilibrada, só pode, percebi que ela e seu pai me seguiram até o salão.

Devia ser uma cena meio louca, uma noiva com um revólver na mão e um noivo fugindo.

— Júlio Cesar?

Não acredito que a Alice se encontrava ali e pior, armada! Aquela mulher ainda iria me matar do coração.

— Alice? O que você faz aqui? — perguntei apavorado, não gostava de imaginar o que a Adriana faria com ela.

— Vim salvar você dessas loucas! — ela disse com um revólver na mão e uma cara de mocinha de filme de ação.

— Ahhh, que raiva, eu tenho dessa passista! – Adriana suspendeu a arma para atirar na Alice.

— Vou te mostrar o que faço com mulheres que se metem com meu homem! — Alice também suspendeu a dela.

Meu Deus! Eu ficaria maluco, e colocaria todo plano a perder, mas não deixaria ninguém machucá-la.

Capítulo dezessete

Alice Heroína

Tinha convencido o Matt a me dar uma arma, o hotel estava todo cercado pela polícia. Foram convidados para o casamento vários criminosos e a família de malfeitores do Júlio Cesar; ver aquela Barbie de noiva me deixou irada. Como ela se atrevia a tentar tomar meu homem?

Deu vontade de arrancar o couro dela, desgraçada, que ódio! Não pensei duas vezes e invadi o local, os policiais iriam me matar, se a louca apontando o revólver para mim não me matasse antes.

Porque não sabia usar uma arma, nunca fiz isso, mas bater, eu sabia. Percebi a Juliana entrando e estava por trás da noiva, rápida como uma cobra, ela deu o bote na Adriana, com um chute digno de filme das panteras, desarmou a falsa noiva. Minha amiga era o máximo, dei uma voadora na cara da bandida.

— Vou te ensinar a não se meter com o Júlio de novo, sua vadia! — Parti para cima dela.

Bati muito nela, como um pandemônio vindo dos infernos, várias armas foram sacadas, mas eu não percebia nada, porque estava massacrando aquela vadia de merda.

— Alice, vamos sair daqui. — Júlio Cesar me tirou de cima da Adriana, que estava toda descabelada e com o nariz quebrado.

A Juliana fugiu com o Luciano, que fez questão de nos acompanhar na viagem para não deixar a Ju sozinha, o Matt armado e em seu terno preto, estava parecendo um anjo vingador. Jesus era muito homem bonito para pouco espaço.

Ele cobriu nossa retaguarda enquanto a polícia invadia o local.

Ouvi vários tiros, em determinado momento, eu senti uma mão me levantar e fui jogada nas costas do Júlio Cesar, que com a outra mão segurava uma semi automática, o achei tão sexy, fiquei com tesão, confesso!

— Você fica delicioso com esse jeito de mafioso — murmurei no ouvido dele.

— Maluca! — Ele bateu na minha bunda para enfatizar suas palavras. — Temos que dar o fora daqui antes que eles percebam.

— Queria dar na cara da sua mãe — falei sentindo uma insana vontade de bater nela.

Maldita boca! A velha irada nos aguardava com dois homens, no fundo

do hotel.

— Pensa que vai fugir assim? Você não honra o sangue que tem, seu moleque! — gritou com raiva.

Com certeza, ela mataria a nós dois, pela sua cara, estava pronta para acabar com o problema que seria o filho e a passista, nesse caso, eu.

O Júlio me escondeu atrás dele, me protegendo, muito fofo! Como não se apaixonar ainda mais por esse cara?

— Acabou mãe!

— Nunca, vou para cadeia, mas jamais deixarei você ser feliz.

— Não entendo tanta raiva — falei.

— Cala a boca, sua idiota! Foi sua culpa, virou a cabeça desse imbecil.

— Eles vão levar você para cadeia — gritei de volta.

— Dei todas as chances a você e, no fim, o que fez? Me traiu — Ela estava possessa.

— Não quero essa vida, não vou destruir a vida de ninguém. — Meu amor tremia de medo ou raiva, não sei.

— Elas são pobres e querem isso, dinheiro e homens a seus pés. — A louca justificou.

— Você é louca! — Ele disse.

— Cansei! — Virando para o homem ao seu lado, ela deu a ordem: — Mate os dois.

Em seguida, ela deu as costas para entrar no carro, que já aguardava do lado de fora.

Um tiro e a vi cair com a mão no peito, os caras viraram procurando de onde vinham os tiros, o Júlio acertou um deles, mas o outro virou e como se fosse em câmera lenta, percebi que Júlio seria atingido, então automaticamente cheguei para frente, mas uma forte dor me assolou naquele momento.

— Alice! Alice! — Só vi o Júlio caindo sobre mim, não consegui salvá-lo. — Meu amor, meu amor... Te amo!

Tudo ficou escuro e não consegui ouvir mais nada.

Júlio Cesar

Acho que meu coração parou, ela não podia morrer! Em hipótese alguma, eu aceitaria que ela me deixasse, aquela louca era a razão da minha vida.

— Salve ela, por favor! — Não conseguia parar de gritar.

A ambulância chegou para levá-la; eu ainda estava com seu corpo se esvaindo em sangue no meu colo, mas não conseguia soltá-la, foi necessário o Ricardo intervir.

— Você precisa soltá-la, pois é necessário para que salvem a vida dela.

A Juliana tentou entrar na ambulância, mas não a deixaria longe dos meus olhos.

Já dentro da ambulância, o Ricardo veio e apertou minha mão.

— Foi feito, eu cuido de tudo por aqui, salve sua mulher.

Aquela afirmação me trouxe lágrimas aos olhos, meu amigo/irmão cumpriu sua promessa feita quando criança, ele sabia o quanto aquilo para nós dois era importante, só confirmava sua irmandade.

Com meu pai morto e minha mãe entre a vida e a morte, eu poderia me concentrar em Alice.

Chegamos ao hospital e tentei invadir a sala para onde ela havia sido levada, mas fui impedido pelos médicos. Eu estava andando de um lado para o outro, nervoso, quando a Juliana e um cara, que acho que deveria ser o namorado dela, e Matt, nervoso, entraram quase correndo.

— Tem notícias? — Juliana perguntou chorando.

— Eles entraram com ela, mas fui impedido de entrar — falei passando a mão pelo cabelo.

— Se sua mãe já não estivesse morta, eu mesmo a matava. — O Matt falou andando de um lado para o outro.

Não sabia que ela tinha morrido, pensei que ficaria alegre com a notícia, mas meu coração sentiu uma pontada de tristeza, sentei na cadeira e coloquei a mão no rosto, não iria derramar uma lágrima por aquela mulher.

— Você ainda não sabia? — A Juliana se ajoelhou na minha frente e me abraçou. — Ela não resistiu aos ferimentos a caminho do hospital.

— Tudo bem, ela mandou atirar em nós dois, se Alice não entrasse na minha frente, eu estaria morto agora. Minha mãe nunca se importou comigo,

nunca fui nada para ela.

— Sinto muito. — Juliana me olhava com pena. — Sei o que é ter pais que só pensam em dinheiro. — Com um sorriso triste, ela passou a mão em minha cabeça com carinho.

— Desculpa, Júlio — Matt sustentou seu olhar no meu.

— Tudo bem, agora eu só quero que minha mulher fique bem.

— Vou tentar descobrir alguma coisa. — O acompanhante da Juliana falou e se retirou para recepção do hospital.

— Vou fazer algumas ligações para saber como faço para falar com o médico que a está atendendo.

— Faça isso — respondeu a Juliana. — Ela vai ficar bem, vai ficar.

— Vai sim. — Não conseguia mais segurar as lágrimas que desciam silenciosas. — Não posso perdê-la, Ju, eu não posso.

— Nem eu. Então é melhor aquela cadela não morrer, porque eu não sei o que faço. — Ela disse entre as lágrimas.



Depois de mais de duas horas aguardando alguma notícia, e de vários escândalos dados por mim e pelo Mathias, um médico veio nos atender; ele pediu desculpa e disse que por conta do tiroteio no casamento, eles estavam com uma enorme demanda.

Parece que teve vários feridos e alguns mortos. Ele afirmou que Alice passava por cirurgia, mas que reagia muito bem, e não tinha mais perigo de morte.

Fiquei aliviado, sentei no chão do hospital e chorei, parecia que o Sol tinha voltado a brilhar naquele instante.

Eu amava aquela mulher com loucura, não conseguia me imaginar vivendo um dia sem ela.

— Júlio Cesar? — Ricardo estava aguardando para falar comigo, mas eu estava sem cabeça para resolver qualquer coisa.

— Pode falar.

— Estou aliviado pela Alice, mas precisamos saber o que fazer com os corpos dos seus pais.

— Ele falou com um jeito sério, que não era do seu feitio.

— Isso magoou você? — Tinha que perguntar. — Você não deveria ter

feito, deixasse para polícia.

— Faria tudo de novo, pena que não pude levar alguns minutos, trancado com ele, não queria que fosse tão rápido com uma simples bala.

— Não, meu amigo, não somos como eles, nós somos homens livre agora. Vamos ser felizes sem nenhuma sombra para atrapalhar a família que formaremos — falei tocando em seu ombro, tenso, ele ainda estava em modo de batalha, precisava relaxar.

— Então você vai casar? — Deu um sorriso, aquilo me alegrou, não queria meu amigo sofrendo por algo que fez por mim.

— Sim, não posso viver longe daquela maluca.

— Acho que vou sequestrar a sua secretária por uns dias.

— Boa ideia. — Sorri.

— Júlio Cesar? — Ele me indagou com o olhar. — Tudo bem para você? Sabia o que ele queria dizer com aquilo.

— Sim, afinal foi a polícia quem o matou? — falei batendo em seu ombro para confirmar que apreciava a sua ação.

— Verdade, verdade. — Sorriu. — Vai fazer o que com os corpos?

— Mande enterrar, não pretendo velar aquele dois. E Adriana?

— Presa, junto com o pai e mais alguns.

— Bom trabalho, meu amigo, bom trabalho.

— Mereço um aumento.

— Sabia que você diria isso.

Ele deu risada e partiu.

O médico que falou conosco antes, entrou na sala de espera. Fui até ele e o indaguei:

— Notícias da minha mulher, doutor?

— Ela passa bem, a cirurgia foi um sucesso, mas só vai poder entrar uma pessoa de cada vez, ela precisa descansar.

— Eu vou entrar primeiro.

— Tudo bem, daqui a pouco a enfermeira virá buscá-lo para poder entrar.

A Juliana parecia um fantasma, o amiguinho dela não desgrudava dela em nenhum minuto e olhava feio para o Mathias, ninguém suportava tanta beleza perto de sua mulher.

Esse, por sinal, estava alheio à confusão que causava, até hoje não conseguia acreditar que ele era homossexual, não conseguia suportar esse cara, mas teria que fazer um esforço pela Alice, já que íamos casar e, eu teria que aguentar o idiota bonito.

— Senhor?

Uma enfermeira veio me chamar e, eu a segui; troquei de roupa e fui até o quarto que Alice se encontrava. Ela estava deitada, pálida, toda de branco, meu coração pesou de tristeza; eu passaria a vida tentando recompensá-la por ter salvado minha vida.

— Meu amor? — Chamei passando a mão em seu cabelo, eu queria ouvir sua voz.

— Júlio, você está me devendo uma. — Como sempre, o seu bom humor prevalecia. Por isso, eu a amava tanto. — ela disse com voz grogue por causa da anestesia.

Capítulo dezoito

Alice vai casar

Meu corpo todo estava doendo, depois do efeito da anestesia, mas ver o Júlio com vida me fez esquecer as dores, nem acreditava que ele estava ali na minha frente, pensei que tivesse morrido.

— Pago o que você quiser. — Ele sorriu pegando a minha mão.

— Eu amo você, pensei que tinha te perdido — falei chorando com voz fraca.

— Estou bem, meu amor, foi você que levou o tiro. — Ele também chorava.

— Sua mãe?

— Morta — respondi.

— Graças a Deus. — Ela me olhou e ficou vermelha. — Desculpa, eu não quis dizer isso.

— Você quis, mas não importa, pois você tem todos os motivos para ficar feliz com essa notícia.

— Mas, ela era sua mãe, e sei que você está sofrendo.

— Quero você bem, para mim é só o que importa no momento. — Beijou minha testa.

— O senhor precisa sair para a próxima pessoa entrar — falou a enfermeira da porta.

— Não acho necessário entrar mais ninguém, não vou sair daqui — respondeu cruzando os braços, zangado.

— Júlio Cesar, por favor! Tenho certeza de que o Matt e a Ju estão preocupados.

Ele me olhou feio e saiu batendo os pés, homem bobo, até parece que eu fugiria dali.

Poucos minutos depois, uma Juliana chorosa entrou no quarto.

— Se você não estivesse ferida, eu iria quebrar sua cara. — ela disse beijando minha mão. — Nunca mais faça isso, você disse que não podemos nos matar por homem nenhum.

— É verdade, mas só se ele for o homem da sua vida. Aí vale a pena. — Também estava chorando.

— Não faz mais isso, quase morri quando vi você ferida. — Parecia uma criança birrenta batendo os pés. — Promete?

— Prometo.

— Olha, cuida do Júlio, pois não é todo dia que um homem chora por nós.

— Humm? Como assim, louca? — Estava com a garganta doendo.

— Ele chorou nos corredores, todas as enfermeiras estão apaixonadas por ele, que até fez cena e se descabelou. O homem é louco por você, amiga.

— Também sou louca por ele.

Ela soltou minha mão e saiu do quarto.

— Como vai a minha louca preferida?

— Matt. — Estava quase dormindo quando ele entrou.

— Você é maluca, só pode! Não posso virar as costas que você apronta.

— Obrigada por me proteger e amar, meu amigo. — Ele já sabia do meu amor, mas eu precisava dizer.

— Sempre, meu amor, sempre.

O sono me dominou, já não conseguia manter meus olhos abertos.



Depois de duas semanas que levei um tiro, as coisas pareciam terem voltado ao normal, o Júlio Cesar falou tanto que resolvi ficar em São Paulo, em seu apartamento, que por sinal era de tirar o fôlego, lindo, mas frio, inteiro no tom de cinza, parecia sem vida, igual ao apartamento de Salvador, que se encontrava fechado. Não suportei tanto cinza, e comprei almofadas coloridas, porta retratos e troquei as cortinas.

Quando ele chegou da rua, deu risada e disse que havia ficado lindo, ele adorava tudo o que eu fazia, parecia uma criança. Júlio ficou meio louco no primeiro fim de semana que veio, praticamente, toda minha família para me visitar, ele se sentiu encurralado pelos meus irmãos, que quase bateram nele.

Nunca o vi com tanto medo. Todas aquelas crianças e adolescentes espalhados em seu apartamento, eu amei! Fazia tanto tempo que não nos reuníamos, foi maravilhoso poder rever meus sobrinhos.

Sorte que foi só um fim de semana, mas no fim, ele estava de bate papo com minhas irmãs, todas apaixonadas por ele. Os maridos pareciam que não tinha curtido essa paixão delas, mas ele causava isso nas mulheres, desejo de querer cuidar, proteger, um ar de menino solitário.

Agradei a minha família por ter vindo, assim dissipou um pouco a tensão que estava sendo para o Júlio resolver todos os problemas que a mãe deixou. Ele resolveu leiloar os bens dela e da empresa, disse que não queria nada que viesse daquele lugar, ele iria doar o dinheiro para as Instituições de caridade.

O admirei por isso, mas fiquei preocupada, porque ele era acostumado a uma vida de luxo, como faria agora que seria pobre? Quando tive essa conversa com ele, recebi uma gargalhada de volta e vários beijos.

— Você é muito engraçada. — Ele falava sorrindo.

— Não entendi, qual é a graça? — Não entendia mesmo.

— Alice, eu não sou rico por conta do dinheiro dos meus pais, mas pelo dinheiro que meus avós deixaram para mim, não tenho vínculo com a grana suja deles, meus avós deixaram toda a herança deles para mim.

— Ah! E você não me diz nada? Agora fico aqui sofrendo, achando que você é um pobretão.

— Então, quer dizer que não foi meu corpo que te seduziu? Foi meu dinheiro? Arrasado! — Ele falou, enquanto me pegava no colo devagar para não me machucar.

— Amo seu corpo, mas sua conta bancária paga sapatos, então ela acaba ganhando do seu corpo sexy. — Ele gargalhou e começou me beijando devagarzinho.

— Estou com saudades, louco para comer essa boceta gostosa. — Molhei a calcinha, é claro!

— Eu também. Se formos devagar, eu acho que não machuca, né? — indaguei esperançosa.

— O médico disse que só no mês que vem. — Ele passava a mão na minha bunda com cara de gula. — Meu pau está louco de vontade de foder você.

— Assim fica difícil resistir Júlio, vamos fazer devagar, juro que fico quietinha.

— Você, ficar quieta na cama? Duvido, com esse fogo todo. — Chupou meus lábios, meteu a língua em minha orelha. Sacanagem! Eu já estava encharcada, se não desse para aquele homem agora, aí sim, eu morreria.



Aprendam a nunca duvidar do médico! Fizemos traquinagem e meus pontos abriram, parei no ponto socorro, sangrando, mas com um sorriso bobo no rosto, o orgasmo havia sido incrível.



— Júlio? — O chamei quando a enfermeira me olhava de cara feia. — Sua braguilha está aberta.

Ele ficou vermelho e me olhou feio, depois começou a sorrir como bobo, e na frente de todas as enfermeiras, ele se ajoelhou e disse:

— Alice, casa comigo? — Acho que meu queixo caiu. — Diga que fará esse homem o mais feliz do mundo.

Fiquei sem palavras pela primeira vez na vida, todas as enfermeiras estavam emocionadas.

— Eu aceito, mas não precisa se ajoelhar, porque quero você do meu lado, somos uma equipe — falei segurando sua mão.

— Para sempre?

— Por toda a eternidade.

Uma chuva de aplausos se fez presente quando ele pegou meu rosto e beijou como se não houvesse amanhã.

— Minha maluca preferida, eu amo você.

— O chefe mais gostoso desse mundo.

Sorrimos juntos. Eu achava sexy esse lado sensível dele, acho que estouraria os pontos novamente.

Júlio Cesar.

Eu estava agoniado com essa espera; meu primo Pedro Fontana, viria almoçar conosco, pois tínhamos negócios a tratar. Agora que sabíamos do nosso parentesco, apesar do sangue ruim de nossa família, eu me sentia feliz em ter um parente próximo que não tinha nada a ver com as maldades da minha família.

A campainha tocou e Alice atendeu, lá estava ele, meu primo; com um olhar frio e implacável, ele avaliou minha mulher, por trás dele veio uma moça linda, com olhos doces, com certeza era Isabel, sua esposa.

— Bom dia, eu sou Alice, a noiva do Júlio Cesar. — ele deu um pequeno sorriso.

— Prazer Alice, eu sou Isabel, esposa do moço aqui. — Segurou a mão do marido, que sorriu para ela. — Um prazer conhecer vocês.

No meio da conversa, duas crianças invadiram a sala, a menina parecia uma bailarina, toda de rosa, e o menino, vestido de branco, exalava um sorriso tímido.

— Pai, ela me bateu — Ele reclamou.

— Mentira, paizinho.

— Em casa, nós resolveremos isso — o pai falou para os dois. — Prazer, Júlio Cesar, desculpe, esses são meus filhos.

Os dois anjos olharam para mim e percebi a semelhança com seus pais.

— O prazer é todo meu, fico feliz que tenha vindo.

Depois de um aperto de mão, eu os convidei para um drink.

— Não sabia de sua existência, me perdoe, há anos vivi na inocência de ser filho de outro homem — explicou sentando no sofá. — Não tinha noção que tinha um primo.

Alice estava em um bate papo com a esposa do meu primo, que parecia ser uma pessoa bem simpática, fiquei sem palavras por alguns minutos ao ver minha mulher pegar o filho do Pedro e o colocar no colo carinhosamente, ela seria uma mãe incrível.

— A sua noiva é muito bela — Ele disse.

— Sim, sou louco por ela, quase a perdi e isso ainda me assusta — falei me virando para ele. — Você entendeu o motivo de sua mãe odiá-lo e, eu nunca vou saber o porquê do ódio da minha.

— Aprendi com minha Isabel que o ser humano é cruel por natureza, não

precisa de justificativa para isso. — Sorriu para sua esposa que o olhou sorrindo de volta. — Minha família é meu maior patrimônio, tudo que sou hoje, é por conta deles.

— Somos homens de sorte!

Levantei meu copo no brinde.

— Somos e ainda temos um ao outro. — Bateu no meu copo com um olhar alegre. — Realmente somos homens de sorte!

Alice

Estava cada dia mais apaixonada, Júlio Cesar era um sonho de homem, fazia minhas vontades, organizava tudo para não me deixar pegar peso, mas eu não via a hora do medico liberar. Depois que rompi os pontos, Júlio não fez mais amor comigo, não foi por falta de tentativa, fiquei nua em sua frente diversas vezes, já o acordei com o pau dele na boca, mas ele estava decidido a não ceder até eu me recuperar.

Até dormir em outro quarto, ele foi, acabei entendendo que não iria rolar mesmo, só que andava pegando fogo, subindo pelas paredes. Maldita mulher que mandou atirar em mim, desgraçada! Agora estava sem sexo.

Se a mãe dele não estivesse morta, eu a mataria, filha da puta!

Mas no fim, estava tudo bem, sentia-me completa, feliz e amada. Olhava para ele dormindo e nem acreditava que aquele macho era todo meu, e me amava com toda sua alma.

— Amor, vem dormir — ele disse me procurando na cama.

— Já estou indo.

— O que aconteceu? — Ele se sentou na cama, sonolento e bagunçado.
— Perdeu o sono?

— Estava pensando como passamos por tantas coisas esse ano, mas quando as coisas são para ser nem a distância consegue impedir.

— Humm, vem dormir. Eu te amo e não consigo dormir sem esses peitos.

— Virei seu travesseiro agora?

— Não, você é minha âncora, meu amor, minha vida e seus peitos são meus também.

Joguei a almofada nele, que segurou no ar e voltei para a cama, sorrindo.

— Te amo — falei beijando sua boca.

— Para sempre, minha passista de escola de samba — gargalhei.

No fim, tudo era para ter acontecido daquele jeito; não há tempestade que faz diferença, pois o barco sempre atraca no Porto certo.

Epílogo

Um ano depois

Eu estava nervoso, acho que todo noivo ficava nervoso, acredito eu, não parava de andar de um lado para o outro. Não conseguia entender o porquê de aquela louca querer casar na ilha, aquele local era só nosso, mas ela cismou que tinha que ser ali.

Passamos um mês, trancados na ilha, bastou o médico liberar que a levei para longe de tudo e ficamos, praticamente, na cama e na praia o dia todo, roupa foi dispensável.

Ela me enlouquecia com suas loucuras, mas não conseguia imaginar minha vida sem ela. A casa estava fervendo de gente, amigos, parentes, todos dela. Amigo meu só o Ricardo, que veio com minha secretária, pelo jeito iria rolar casamento mesmo, o cara até em filhos falava.

Os irmãos dela me davam calafrios com seus olhares, como se a todo o momento me alertassem para andar na linha, eu preferia a parte feminina da família. Virei o cunhado mais querido de todas, afinal mandei um jatinho para buscar quase todas, elas adoravam me beijar, abraçar; no começo, eu ficava tenso, mas hoje já relaxei, eles eram como Alice, expansivos, quando gostavam, gostavam mesmo, super família. Eu achava aquela conexão deles maravilhosa, todos riam e choravam com a mesma facilidade, todos juntos eram só carinho e gozação um com o outro.

Todos me tratavam como da família, eram minha família e, eu já os amava loucamente, já quase imaginava meus filhos correndo com todos os primos e as tias apertando suas bochechas e os enchendo de mimos. Aquela imagem me fez sorrir.

— Noivo calmo! — Tinha que ser o meu carma!

— Olá, Mathias. — Por que ele tinha que vir ao meu casamento?

— Fico feliz que vai fazer da minha menina, uma pessoa honrada. — Ele também me amava, só que não!

— Hoje é meu casamento, por isso vou relevar sua provocação — falei virando as costas.

Ele e seu acompanhante ficaram dando risada, idiota! Toda vez que me encontrava, ele falava uma piadinha, já disse a Alice que faria uma cirurgia no nariz dele.

— Calma, irmão, ela já vai descer. — O Ricardo bateu em meu ombro.

— Já estão todos aqui e ela não aparece. O que pode ter de tão difícil em vestir um vestido? Nem precisava dessa festa toda, poderíamos fugir para Las Vegas e casar por lá.

Sei que parecia loucura, mas eu preferia ter casado com ela no mesmo dia em que a pedi em casamento naquela enfermaria; não tinha nenhum anel, usamos uma fita que a enfermeira nos deu para colocar em nossos dedos, mas no outro dia comprei o maior diariamente que achei, queria que todos vissem que aquele mulherão era minha, só minha.

— Você sabe que mulher adora festas, vestidos, toda essa coisa de casamento — O Ricardo tentou me consolar.

— Sua hora vai chegar, então é bom se preparar.

Ele me olhou com medo e bateu novamente em meu ombro. Naquele momento, a marcha nupcial se fez ouvir e meu coração ficou em êxtase, ela estava chegando, não desisti de nós.

Foi um ano complicado, mas conseguimos vencer, a minha empresa estava indo muito bem, Alice entendia de contabilidade e administrava com destreza, éramos uma equipe, o Ricardo cuidava de toda a segurança, tanto da empresa quanto de todos os clientes; continuávamos no ramo do turismo e estava dando certo, sem a sombra de minha mãe, as coisas se encaminhavam para o sucesso, devo confessar que o Matt ajudou bastante com seus contatos e hoje era um de nossos clientes.

Nunca seríamos amigos, mas reconhecia o carinho que o mesmo tinha pela minha esposa e, provavelmente, teria que aturá-lo para padrinho do nosso primeiro filho.

Uma Juliana linda, em um vestido amarelo, entrou ao lado do Luciano, que era sei lá o que dela, viviam brigando e terminando, aqueles dois tinham muita história para contar.

O Ricardo entrou junto com sua acompanhante e uma fila de meninas e meninos lindos, e de todos os tamanhos, entraram segurando placas com dizeres bem engraçado. Era a cara da Alice aquelas coisas, seus sobrinhos estavam curtindo a farra.

***Corre tio, pois ainda dá tempo.**

*** Corre não, a noiva está linda.**

*** Calma, ela está chegando!**

*** Ela mandou dizer que te ama.**

*** Noivo sortudo.**

Todos sorriam com as placas e a cara das crianças. Realmente, eles eram minha família. Uma noiva deslumbrante em um belíssimo vestido curto, branco e com todas aquelas gloriosas pernas de fora, e seu buquê de rosas amarelas, entrou, com Matt a tiracolo, outra das minhas reclamações, mas eu era um ser sem voz quando ela me tinha em sua boca.

Ele beijou sua testa e me entregou a mulher mais linda e perfeita do mundo, ela escondia, mas estava prestes a chorar. O padre fez todo aquele sermão, mas eu só conseguia pensar que ela era minha para sempre, e em como eu era sortudo.

Fiz meus votos:

— Eu, Júlio Cesar, prometo te amar e adorar, proteger, e ser fiel por toda a eternidade.

— Eu, Alice, prometo te amar, adorar, proteger, ser fiel e amar o filho que carrego no ventre, presente do nosso amor, por toda a eternidade.

— Como? — Acho que estava ficando meio zozinho.

— Estou grávida. Descobri na semana passada.

— Você é a louca mais linda do mundo. — Não conseguia parar de sorrir e passar a mão em sua barriga.

— Eu os declaro: marido e mulher. — Ela, praticamente, se jogou sobre mim e beijou minha boca.

Peguei-a no colo e atravessei o corredor sobre uma chuva de palmas e gritos. Eu era o cara mais sortudo e completo do planeta.

FIM

Table of Contents

[PREFÁCIO](#)

[Sumário](#)

[Capítulo um](#)

[Como tudo começou](#)

[Capítulo dois](#)

[Alice numa fria](#)

[Capítulo três](#)

[E agora Alice?](#)

[Capítulo quatro](#)

[Alice encantada.](#)

[Capítulo cinco](#)

[Júlio Cesar](#)

[Capítulo seis](#)

[Alice perdeu o coração.](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Alice](#)

[Capítulo nove](#)

[Júlio Cesar.](#)

[Capítulo dez](#)

[Alice promovida.](#)

[Júlio Cesar](#)

[Júlio Cesar](#)

[Júlio Cesar](#)

[Capítulo onze](#)

[Alice decidida.](#)

[Capítulo doze](#)

[Alice arrasada.](#)

[Júlio Cesar.](#)

[Capítulo treze](#)

[Alice arrasada/ parte 02](#)

[Júlio Cesar](#)

[Capítulo quatorze](#)

[Alice sequestrada.](#)

[Júlio Cesar](#)

Capítulo quinze

Surpresas para Alice.

Júlio Cesar.

Capítulo dezesseis

Alice em fuga

Júlio Cesar

Capítulo dezessete

Alice Heroína

Júlio Cesar

Capítulo dezoito

Alice vai casar

Júlio Cesar.

Alice

Epílogo

Um ano depois

FIM